

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física**

Tania Leandra Bandeira

***ESPORTE COMPETITIVO:
CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS E SUAS
IMPLICAÇÕES PARA UMA COMPREENSÃO DA
ANGÚSTIA***

Campinas, 2012

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

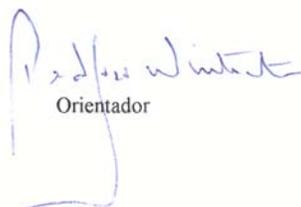
Tania Leandra Bandeira

ESPORTE COMPETITIVO:
CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS E SUAS IMPLICAÇÕES
PARA UMA COMPREENSÃO DA ANGÚSTIA

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Educação Física, área de concentração Educação Física e Sociedade.
Pesquisa financiada pela CAPES.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Jose Winterstein

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA TANIA LEANDRA BANDEIRA, E ORIENTADA PELO PROF. DR. PEDRO JOSE WINTERSTEIN.


Orientador

Campinas, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
 ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292
 BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA UNICAMP

B221e Bandeira, Tania Leandra, 1975-
 Esporte competitivo: contribuições psicanalíticas e suas implicações para uma compreensão da angústia / Tânia Leandra Bandeira. - Campinas, SP: [s.n], 2012.

Orientador: Pedro Jose Winterstein.
 Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Competição (Esporte). 2. Atletas. 3. Futebol. 4. Psicanálise. 5. Angústia. I. Winterstein, Pedro José. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para a Biblioteca Digital:

Título em inglês: Competitive sport: psychoanalytic contributions and its implications for an understanding of anxiety.

Palavras-chaves em inglês:

Competitive sport

Athlete

Football

Psychoanalyse

Anxiety

Área de Concentração: Educação Física e Sociedade.

Titulação: Doutorado em Educação Física.

Banca Examinadora:

Pedro Jose Winterstein [orientador]

Elaine Prodocimo

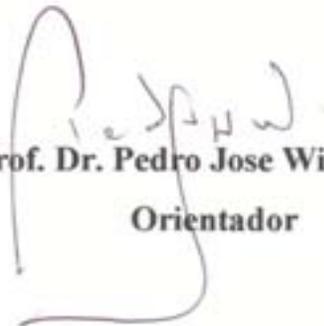
Jocimar Daolio

Hermes Ferreira Balbino

Tiago Corbisier Matheus

Data da defesa: 28-02-2012

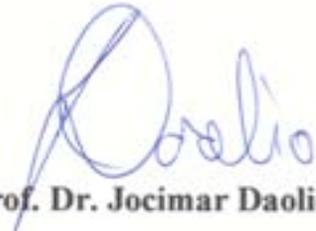
Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Pedro Jose Winterstein
Orientador



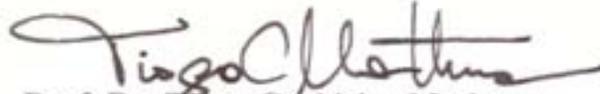
Profa. Dra. Elaine Produçimo



Prof. Dr. Jocimar Daolio



Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino



Prof. Dr. Tiago Corbisier Matheus

DEDICATÓRIA

***A meus pais, Wilson (in memoriam) e Terezinha,
aos meus irmãos, Telma e Wellyngton, e ao mais novo integrante dessa família,
meu querido sobrinho Matheus! O apoio de vocês a cada modo, constante e
incondicional, sempre me foi fundamental!***

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. ***Pedro José Winterstein*** pela constante paciência e respeito que teve em nossa relação acadêmica desde o mestrado. Você é uma pessoa importante na minha história de vida. Obrigada!

A professora e psicanalista Patrícia Debouch, minha “orientadora” do projeto de doutorado, e a minha amiga Ana Cristina Sundfeld que também me auxiliou nessa primeira fase do trabalho!

Aos docentes, membros titulares e suplentes, das bancas de Qualificação e Defesa dessa Tese - Profa. Dra. Elaine Prodócimo, Prof. Dr. Jocimar Daólio, Prof. Dr. Claudio Bastidas Martinez, Profa. Dra. Karin de Paula, Prof. Dr. Alcides José Scaglia, Prof. Dr. Cláudio Mello Wagner, Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes, Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino, Prof. Dr. Tiago Corbisier Matheus e Prof. Dr. Mauricio Lourenção Garcia -, por aceitarem compartilhar seus conhecimentos e observações, por investirem seu precioso tempo na leitura e apontamentos, sugestões e encaminhamentos, fundamentais para meu conhecimento e crescimento pessoal e profissional!

A atleta que me permitiu descrever seu caso, enriquecendo a discussão desse trabalho!

Ao Prof. Dr. João Paulo Borin que me incentivou a percorrer mais essa trajetória acadêmica!

A Profa. Dra. Silvia Cristina Franco Amaral que me auxiliou em parte deste processo!

A Capes, que possibilitou por algum tempo, dedicar-me integralmente ao doutorado!

Aos amigos que estiveram sempre ao meu lado nessa empreitada, independente da distância, ausências e presenças em festas e pelos sentimentos compartilhados: ***Andréa Ceschin, Andréa (SP), Diná, Aninha, Fernanda, Ellen, Fabiana, Carmen, Arthur, Alessandro***

(Benzinho), Cássia, Marcelo (Bambi), Aurélio, Enrico, Alcides, Bráulio, Camila, Beto (SJC), Beto Iaochite, Rubens (Faísca), Gavini, Gheorge, Sadora, Dedê, Tania (Pinhal), Daniel (Pinhal) e Varella.

A todos meus alunos e ex-alunos que, talvez sem saberem, constantemente, me proporcionaram alegrias e desafios!

Aos *funcionários da FEF* pelo respeito e carinho com os quais sempre fui tratada, pessoas fundamentais para que essa faculdade faça história! Parabéns pelo trabalho de vocês!

A Dulce e à Dirce pela revisão do meu trabalho. “Meninas” obrigada e parabéns pelo carinho, respeito, dedicação e profissionalismo que “nos” dedicaram!

A psicanalista e Profa. Dra. Karin de Paula!

Karin difícil expressar em palavras o quanto sou e serei grata por tudo que me fez! Conhecê-la foi uma dádiva e poder contar com seu apoio, além de fundamental, é eterno!

E a todos aqueles que participaram da elaboração dessa tese direta ou indiretamente, afinal foram cinco anos de muitas mudanças - geográficas, físicas e psíquicas e conflitos, mas também de muita aprendizagem e novos amigos! Deixo de citar o nome de muitas pessoas, mas a cada dia que passa lembro do quanto são importantes!

Compartilhar esse sonho com tanta gente foi o que me fez acreditar por diversas vezes que deveria continuar, pois iria conseguir superar todas as minhas dificuldades!

Obrigada!

BANDEIRA, Tania Leandra. **Esporte competitivo**: contribuições psicanalíticas e suas implicações para uma compreensão da angústia. 2012. 134 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RESUMO

Este trabalho aborda, a partir da constituição do sujeito, o atleta no ambiente esportivo sem considerá-lo como mero objeto de modelagem, mas como sujeito constituído de desejo e sentimentos, regulado pelo seu inconsciente e que está, para além de seus resultados. É importante que este seja incluído no contexto de sua atividade para que suas expressões tenham significado próprio. Dessa forma, tendo como referência a psicanálise freudiana e alguns de seus elementos elencados como fundamentais para a discussão do contexto esportivo de competição, esse trabalho tem como objetivo discutir as contribuições da psicanálise e suas implicações para uma abordagem da angústia nesse cenário. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura e foi apresentado um caso clínico de uma atleta, no qual foi empregada a escuta psicanalítica e que teve como desdobramentos efeitos sobre a relação da mesma com sua atividade esportiva, bem como com o seu técnico e equipe. A proposta de discutir o caso não é generalizá-lo para todos os atletas e nem para a prática do esporte, na perspectiva de psicanalisar os atletas, nem ensinar a comissão técnica como fazer isso, mas apontar as implicações correspondentes dessa outra vertente prática e teórica no âmbito esportivo, sobretudo em relação à angústia, aos sintomas e às inibições experienciadas pelos mesmos a cada situação, bem como incentivar a aplicação de novos modos de intervenção.

Palavras-Chave: Esporte de competição; Atleta; Futebol; Psicanálise; Angústia.

BANDEIRA, Tania Leandra. **Competitive sport**: psychoanalytic contributions and their implications for an understanding of anxiety. 2012. 134 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ABSTRACT

This paper discusses, from the perspective of the constitution of the subject, the athlete in the sports environment without considering him/her as a mere object of modeling, but as a subject of desire and feelings constituted, governed by the unconscious and in addition to their results. It is important to have this dimension included as part of the athlete's activity so that acquire their own meaning. Thus, with reference to Freudian psychoanalysis and some of its elements listed as essential for the discussion of competitive sporting context, this study discusses the contributions of psychoanalysis and its implications for an approach of anxiety in this scenario. For this purpose, we performed a literature review and it was presented a clinical case of an athlete, with whom was applied a psychoanalytic listening that generated similar effects on her relationship with their sports, as well as with his coach and team .The purpose of discussing this case is neither generalize it to all athletes, nor is it to extend its results as the basis to advocate the need to psychoanalyze the athletes, not even to teach the coaches how to do this. The purposes here are to point out that the implications of other relevant practical and theoretical aspects may be pertinent in the field of sports, especially in relation to anxiety, symptoms and inhibitions experienced by athletes in each situation, and to encourage the use of new modes of intervention.

Keywords: Competitive sport; Athlete; Football; Psychoanalyse; Anxiety.

BANDEIRA, Tania Leandra. **Competitivo deporte**: contribuciones psicoanalíticas y sus implicaciones para la comprensión de la angustia. 2012. 134 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RESUMEN

Este artículo analiza, desde la constitución del sujeto, el atleta en el ambiente deportivo sin considerarlo como un mero objeto modelado, sino como un sujeto del deseo y sentimientos, regido por el inconsciente y además de sus resultados. Es importante que esto sea incluido en el contexto de su actividad de manera que sus términos tienen su propio significado. Por lo tanto, con referencia al psicoanálisis freudiano y algunos de sus elementos catalogados como esenciales para la discusión del contexto deportivo competitivo, este trabajo tiene como objetivo discutir los aportes del psicoanálisis y sus implicaciones para un enfoque de la angustia en este escenario. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica y se presentó un caso clínico de un atleta, en que fue utilizado la escucha psicoanalítica que se estaba desarrollando en la relación de efectos similares con sus deportes, así como con su entrenador y el equipo. La propuesta para discutir el caso no se lo generaliza a todos los atletas y no para el deporte, con el fin de psicoanalizar a los atletas, el entrenamiento o la enseñanza de cómo hacer esto, pero señalan que las consecuencias de otros aspectos relevantes teóricos y prácticos en los deportes, especialmente en relación con la angustia, los síntomas e inhibiciones experimentado por ellos a cada situación, así como fomentar la aplicación de nuevos métodos de intervención.

Palabras clave: La competencia deportiva; Atleta, de fútbol; Psicoanálisis; Angustia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 POR QUE A PSICANÁLISE NO CONTEXTO ESPORTIVO: UMA INTRODUÇÃO	27
1.1 A 1ª. Tópica: Inconsciente (<i>Ics</i>) e Pré-consciente / Consciente (<i>Pcs/Cs</i>)	31
1.2 A 2ª. Tópica: Eu, Isso e Supereu	34
1.3 Narcisismo	37
2 O ESPORTE DE COMPETIÇÃO NO PROCESSO DE CIVILIZAÇÃO DO HOMEM OCIDENTAL	43
2.1 Civilização e inclinação para a agressividade	45
2.2 Agressividade, culpa e punição	54
2.3 Esporte moderno como espetáculo civilizado	56
3 O ESPORTE DE COMPETIÇÃO À LUZ DA TEORIA DAS PULSÕES	65
3.1 Pulsões e suas implicações	67
3.2 Dois princípios reguladores “das pulsões”	72
3.3 Pulsões e seus destinos	76
3.4 Além do princípio do prazer: ou ainda sobre as pulsões	82
4 INIBIÇÕES, SINTOMAS E ANGÚSTIA NO ESPORTE DE COMPETIÇÃO.....	87
4.1 Teorias sobre a angústia	89
4.2 Inibições, sintomas e angústia no esporte de competição	95
4.3 Compulsão à repetição e o contexto esportivo	99
5 UM CASO NO ESPORTE.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	125
ANEXO - A	133

INTRODUÇÃO

Em 1998 me formei Bacharel em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na qual apresentei uma monografia com o título “Psicologia do esporte e basquetebol: estudos preliminares”, em que discuti a evolução das regras do basquetebol e sua relação com a psicologia do esporte. O objetivo deste trabalho foi avaliar se os atletas sentiam ansiedade, em decorrência das novas situações de jogos que a evolução das regras propiciava (BANDEIRA, 1998). A partir desse estudo tive interesse em estudar a ansiedade esportiva e no mestrado pude revisar a literatura que existe em relação a esse tema e fazer uma pesquisa com atletas para saber se eles, mesmo de forma empírica, sabiam o significado desta emoção e como lidavam com a mesma na sua prática esportiva e competitiva (BANDEIRA, 2002).

Na dissertação de mestrado, os resultados encontrados em relação ao entendimento sobre a ansiedade foram satisfatórios ao serem confrontados com a literatura, que tinha como referencial a teoria cognitiva comportamental, assim como a maioria dos trabalhos publicados no Brasil na área da psicologia do esporte. Sobre como lidavam com a ansiedade, os atletas responderam que experimentaram diversas estratégias de superação para conseguir encontrar e manter um nível de ansiedade adequado à situação, isto é, que não os atrapalhassem e que até os ajudassem a jogar o melhor. No entanto, também relataram que nem sempre isso ocorria, e que, mesmo com muitos anos de experiência, no caso de um atleta com 28 anos de vivência em competição com o basquetebol, as estratégias de controle da ansiedade não levavam a situação a termo (BANDEIRA, 2002).

Após o mestrado iniciei o curso de Psicologia e trabalhei como psicóloga esportiva com atletas juvenis de tênis de campo, tendo como referência a mesma teoria da dissertação. Foi nessa fase que percebi com mais nitidez a minha insatisfação com os resultados da pesquisa realizada e com o trabalho com esses atletas, principalmente devido à sua proposta de sugestão e modelação do sujeito, o que me levou a fazer o doutorado, mas com um referencial diferente, a partir da psicanálise, com a qual já vinha tendo contato pelas leituras da obra de Freud.

A teoria que utilizei no mestrado e com a qual trabalhei com os atletas de tênis, foi a teoria cognitiva, ou cognitiva comportamental, desenvolvida por Aaron T. Beck (1977 apud BECK, 1997), no início da década de 1960, como uma psicoterapia breve, estruturada, orientada

ao presente, para depressão, direcionada para resolver problemas atuais e modificar os pensamentos e os comportamentos disfuncionais. Diversas formas de terapia cognitivo-comportamental foram desenvolvidas por outros teóricos conhecidos, assim como a modificação cognitiva comportamental realizada por Donald Meichenbaum (1977 apud BECK, 1997). Contudo, o modelo inicial desenvolvido por Beck tem como fundamento e proposta que o terapeuta busque, de formas variadas, produzir mudanças cognitivas – mudanças no pensamento e no sistema de crenças do paciente -, visando promover mudanças emocionais e comportamentais duradouras. Para tanto, a teoria (BECK; ALFORD, 2000) tem como referência dez axiomas formais. Em um deles considera-se que temos três níveis de cognição: 1. o pré-consciente, o não intencional, o automático (“pensamentos automáticos”); 2. o nível consciente e 3. o nível metacognitivo, que inclui respostas “realísticas” ou “racionais” (adaptativas). Essa teoria também considera que a psicopatologia resulta de significados mal adaptativos construídos em relação ao self, ao contexto ambiental (experiência), e ao futuro (objetivos), que juntos são denominados de tríade cognitiva. Logo, cada síndrome clínica tem significados mal adaptativos característicos, associados com os componentes da tríade. Por exemplo, na ansiedade o self é visto como inadequado (devido a recursos deficientes), o contexto é considerado perigoso e o futuro parece incerto.

Autores como Barreto (2003), tendo a mesma referência teórica, acreditam que o psicólogo do esporte tem como função auxiliar o atleta no desenvolvimento de sua excelência técnico-competitiva, assim como no controle das suas emoções e cognições, extensivo ao treinador nas suas relações com os atletas. Barreto também afirma que os conhecendo bem, psicologicamente, o treinador não terá nenhuma dificuldade em prever como eles reagirão em certas circunstâncias, como, por exemplo, numa competição de alta responsabilidade, diante de uma falta maldosa, de uma ofensa, de uma crítica ou caso estejam perdendo o jogo.

Para este autor, no caso do atleta estar respondendo ao seu meio de forma desajustada (pensando de maneira negativa, sentindo altos níveis de ansiedade, percebendo-se com muita tensão e comportando-se com agressividade), o psicólogo do esporte o ajudará no controle desses desajustamentos, por meio de técnicas psicológicas, tais como: reestruturação cognitiva como visualização; treinamento da auto-hipnose; dinâmica de grupo e dessensibilização, entre outras, reestruturando cada resposta específica do competidor. Como

afirma Lehr (1995 apud BARRETO, 2003), com o treinamento dessas técnicas e outros procedimentos comportamentais a consequência é um atleta mais confiante, relaxado, calmo, energizado, com emoções positivas, sentindo-se desafiado e concentrado para o divertimento e o prazer.

Retomando a pesquisa que realizei no mestrado e a proposta da teoria cognitiva comportamental concluí que as técnicas empregadas nessa teoria para que os atletas desenvolvam diversos estados psíquicos importantes para o jogo possibilitaram levar a questão mais adiante. Já que, os atletas entrevistados, principalmente os que contavam com maior tempo de experiência e que já tinham trabalhado com psicólogos esportivos em suas equipes, se mantinham sob a mesma condição em relação à “compulsão à repetição”^{1,2}. A partir de então, e por via do envolvimento com a psicanálise, o que até então vinha sendo abordado como ansiedade, do ponto de vista emocional (comportamental), ganhou novo prisma, a saber, o de que, do ponto de vista da mobilização de tal estado, tratar-se-ia antes da angústia.

Para explicar a grande antítese entre a técnica sugestiva - característica das abordagens cognitivo-comportamentais - e a analítica, Freud (1905, p. 247)³ reportou-se ao que Leonardo Da Vinci disse sobre a pintura e a escultura:

A pintura, diz Leonardo, trabalha *per via di porre*, pois deposita sobre a tela incolor partículas coloridas que antes não estavam ali; já a escultura, ao contrário, funciona *per via di levare*, pois retira da pedra tudo o que encobre a superfície da estátua nela contida.

Analogamente, a pintura pode ser comparada à técnica sugestiva que tem como objetivo atribuir ou sugerir algo para o sujeito, enquanto a psicanálise, assim como a escultura, tem como objetivo auxiliar o mesmo a desvelar e inventar sua forma própria de viver, antes em estado bruto e alienante de seu sofrimento.

Dessa forma, tendo como referência a psicanálise freudiana e alguns de seus elementos elencados como fundamentais no contexto esportivo de competição, esse trabalho tem

¹ Compulsão à repetição: “[...] processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 83).

² Ver p. 99.

³ Ano da publicação alemã da obra de Freud.

como objetivo discutir as contribuições da psicanálise e suas implicações para uma abordagem da angústia nesse cenário.

Embora a psicanálise seja composta não apenas pela sua teoria, mas também, de um método (a fala) e de uma técnica (associação livre) cujas origens e destinos sejam a clínica, sabemos que desde Freud o pensamento psicanalítico, por vezes, contribuiu para a reflexão sobre a experiência humana de modo geral, tendo sido articulado a outras áreas de conhecimento e práticas, o que podemos chamar - em oposição à experiência clínica -, de psicanálise aplicada, que vem a ser exatamente a proposição do presente trabalho.

Assim, o partido que se toma aqui é o de que a psicanálise pode trazer luz ao contexto esportivo ao possibilitar a inclusão de aspectos que têm pouca visibilidade, porém muita efetividade, nos determinantes das condições do atleta em relação à sua participação no esporte de competição.

Nesse contexto, o uso do termo angústia pela psicanálise, ao invés de ansiedade, por exemplo, tem explicação decorrente da tradução das obras de Freud. Tanto ansiedade quanto angústia deriva do termo *Angst* que significa literalmente, medo, mas é traduzido para o português como ansiedade, quando segue a tradução inglesa, *anxiety*, e angústia quando segue a tradução francesa, *angoisse*. *Angst* deriva da raiz indo-européia *angh-*, que significa “apertado”, “apertar”, “pressionar”, “amarrar”. Ligadas à mesma raiz estão as palavras *angustia* que no latim significa “aperto” e *ámhas-* que, no antigo indiano, significa “medo”, “angústia”. No antigo alto-alemão *Angst* assume a forma *angust* e no médio alto-alemão *angest* (HANNIS, 1996).

Em se tratando da psicanálise, seu conhecimento iniciou-se no fim do século XIX por Freud (1924), a partir da hipnose, método abandonado por ele mais tarde e que revelou duas importantes lições fundamentais para o desenvolvimento da mesma: havia prova convincente de que notáveis mudanças somáticas podiam ser ocasionadas unicamente por influências psíquicas e a existência de processos psíquicos que só poderiam ser descritos como inconscientes. No entanto, como a hipnose apresentava resultados com curta duração, Freud resolveu abandoná-la como técnica e passou a utilizar a “associação livre”, ou seja, falar sobre si para seu médico - no caso, Freud -, mesmo que o paciente sentisse objeções para isso, ou que

seus pensamentos parecessem desagradáveis, insensatos, muito sem importância ou irrelevantes demais. A escolha do autor pela associação livre teve como interesse investigar o material inconsciente.

A partir do método da associação livre Freud (1926b) criou o termo “psicanálise”, que veio a ter dois significados: um método específico para tratar perturbações nervosas e a ciência dos processos psíquicos inconscientes, também, apropriadamente, descrita como metapsicologia.

A palavra metapsicologia apareceu nos escritos de Freud, pela primeira vez, numa carta a Fliess de 13 de fevereiro de 1896: “[...] tenho me ocupado continuamente com a psicologia – na verdade, com a *metapsicologia*; o livro de Taime, *L’Intelligence*, caiu-me extraordinariamente bem” (MASSON, 1986, p. 173). Freud continuou utilizando esse termo em suas cartas com Fliess e em uma delas, no dia 10 de março de 1898, pediu a confirmação da legitimidade de seu emprego:

Ad vocem Küick [quanto à sua visão]: não foi uma proeza nada insignificante de sua parte ver o livro dos sonhos concluído diante de você. Ele deu uma parada, nova, e, nesse meio tempo, o problema se aprofunda ou se ampliou. Parece-me que a teoria de realização de desejos trouxe apenas a solução psicológica, e não a biológica – ou melhor, metapsíquica. (A propósito, vou perguntar-lhe a sério se posso usar o nome de metapsicologia para minha psicologia que se estende para além da consciência. Biologicamente, a vida onírica me parece derivar inteiramente dos resíduos da fase pré-histórica da vida (entre um e três anos de idade) – o mesmo período que é fonte do inconsciente e que contém, sozinho, a etiologia de todas as psiconeuroses, período este caracterizado por uma amnésia análoga à amnésia histérica. (MASSON, 1986, p. 302-303).

O ‘meta’ deve ser entendido como modelo a ser construído, o que Freud fez desde que começou a se interessar pelos processos psíquicos de seus pacientes e que ultrapassava o objeto habitual da psicologia, a consciência, ou seja, o campo da observação positiva (KAUFMANN, 1996). Metapsicologia é o nome que Freud dá à sua teoria sobre o aparelho psíquico, tendo tornado-se o fundamento da própria psicanálise. A psicanálise, por sua vez, é composta desta teoria (metapsicologia), de um método (por meio da fala) e de uma técnica (associação livre).

A partir de 1915, quando Freud resolveu escrever uma síntese de suas concepções psíquicas, o adjetivo ‘metapsicológico’ designou toda descrição de um processo

psíquico a partir de três pontos de vista: o dinâmico, o econômico e o topográfico (1ª tópica - Inconsciente/Pré-consciente-Consciente)⁴ e, posteriormente, o estrutural (2ª tópica - Isso, Eu, Supereu⁵)⁶.

Do ponto de vista dinâmico, a psicanálise extrai todos os processos psíquicos da ação mútua de forças que ajudam ou inibem umas às outras, assim como se combinam em conciliações umas com as outras. Essas forças têm como origem as pulsões e possuem uma origem somática. Do ponto de vista econômico, a psicanálise supõe que os representantes das pulsões têm uma carga de investimento de quantidades definidas de energia, sendo objetivo de o aparelho psíquico impedir qualquer represamento dessas energias e manter o volume das tensões o mais baixo possível. O curso dos processos psíquicos é automaticamente regulado pelo princípio do prazer-desprazer (a via do princípio do prazer e, posteriormente, a do princípio da realidade e as condições do além do princípio do prazer - as pulsões de morte⁷), sendo o desprazer uma consequência do aumento da tensão e o prazer de sua redução. Mas esse princípio original passa por uma modificação com referência ao mundo externo, dando lugar ao princípio da realidade, que faz com que o aparelho psíquico aprenda a adiar o prazer, a satisfação e a tolerar, temporariamente, sentimentos de desprazer (aumento de tensão). Topograficamente, a psicanálise considera o aparelho psíquico como um aparelho composto, ou seja, ela considera que os processos psíquicos ocorrem não somente em diferentes lugares, mas cada qual com um tipo de atividade particular. Por fim, estruturalmente, a psicanálise também considera que em decorrência da economia e dinâmica psíquicas estabelecem-se instâncias organizadas, cujas funções são estruturantes do funcionamento psíquico de cada sujeito.

Em relação à metodologia, este trabalho se configura como uma pesquisa de revisão de literatura, a qual tem a finalidade de colocar o leitor em contato com o que já foi escrito sobre o tema em questão, assim como auxiliar na compreensão do caso apresentado neste trabalho (CHIZZOTTI, 2001). O caso trata de atendimento clínico de uma atleta, e auxilia na compreensão da discussão teórica apresentada. Ao introduzir o caso clínico não pretendemos

⁴ Ver p. 31.

⁵ Compreende-se os termos Eu, Isso e Supereu como correspondentes, respectivamente, a ego, id e superego, termos também utilizados nas traduções brasileiras feitas a partir da língua inglesa.

⁶ Ver p. 34.

⁷ Ver p. 82.

torná-lo universal, ainda mais no presente trabalho em que um único caso será abordado, ao contrário, visa chamar a atenção para a iminência de uma abordagem de cada atleta. A referida atleta assinou o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (ANEXO - A), e foi atendida por meio do método e técnica psicanalítica, ou seja, a partir de encontros regulares nos quais se procurou sustentar as condições de possibilidade para realização de um trabalho psíquico que considerou seus determinantes inconscientes.

No Primeiro Capítulo apresentamos uma revisão de alguns dos principais conceitos da psicanálise, os quais são utilizados na seqüência do texto. São eles: importância da psicanálise para a humanidade – a ideia de inconsciente freudiano; organização topográfica do aparelho psíquico ou 1ª tópica; a organização estrutural do aparelho psíquico ou 2ª tópica e narcisismo primário e secundário.

No Segundo Capítulo é realizada uma discussão do processo de civilização do homem ocidental na modernidade, visando ao cenário do esporte competitivo. Alguns temas são discutidos para que possamos refletir sobre esse processo, tais como: a inclinação para agressividade do ser humano, a culpa e a punição.

No Terceiro Capítulo debatemos os destinos das pulsões, também em referência ao campo esportivo, destacando a importância da metapsicologia como a tomada de uma Outra cena, não positivada na cena do observável, mas inferida a partir desta, para que se possa agregar outra forma de observação dos movimentos dos atletas relativos a seus desejos. A proposta não é psicanalisar os atletas, nem ensinar a comissão técnica como fazer isso, mas apontar as implicações correspondentes dessa outra vertente teórica no âmbito esportivo.

O Quarto Capítulo trata da conceituação sobre a angústia, destacada neste trabalho, assim como da inibição e dos sintomas, temas discutidos no contexto esportivo. É fundamental a compreensão do significado de cada um desses conceitos e suas manifestações, bem como a forma como cada sujeito consegue lidar com suas tensões, repetições e recursos. Considera-se que a compulsão à repetição é um dos mais insistentes determinantes das mobilizações psíquicas e, conseqüentemente, da angústia. Cabe ao técnico, a qualquer momento, mas principalmente em situações de tensão, incluir a mobilização do atleta no contexto de seus treinos e competições para que suas expressões tenham significado próprio.

No Quinto Capítulo apresentamos um caso clínico, desenvolvido com uma atleta, no qual, a sustentação da escuta psicanalítica dá ensejo para que possam ser reconhecidos e explorados os efeitos de tal escuta, mesmo deslocada para o âmbito da psicanálise aplicada nas relações estabelecidas no universo do atleta. Assim, a partir da fala do sujeito, por meio da qual ele verbaliza suas inibições, sintomas e angústia, é possível abrir novos caminhos para compreensão, desdobramentos e implicações do atleta sobre suas escolhas. A partir deste ponto, encaminhamos o trabalho para as Considerações Finais.

CAPÍTULO I
POR QUE A PSICANÁLISE NO CONTEXTO
ESPORTIVO: UMA INTRODUÇÃO

[...] direi que não se trata de uma dificuldade intelectual, de algo que torne a psicanálise difícil de ser entendida pelo ouvinte ou pelo leitor, mas de uma dificuldade afetiva – alguma coisa que aliena os sentimentos daqueles que entram em contato com a psicanálise, de tal forma que os deixa menos inclinados a acreditar nela ou a interessar-se por ela.

(Sigmund Freud, 1917, p. 147).

A psicanálise revolucionou o pensamento sobre o homem a partir do conceito de inconsciente freudiano e, assim, produziu-se uma terceira ferida narcísica para a humanidade, ou seja, feriu a auto-imagem que o humano veio tentando manter sobre si ao longo da história (FREUD, 1917).

A primeira ferida narcísica do ser humano ocorreu no século XVI, a partir da astronomia, quando Copérnico apresentou ao mundo sua constatação de que a Terra não era o centro do universo. O segundo golpe foi produzido pela biologia, no século XIX, com a descoberta de Darwin que colocou fim à presunção do homem de ser superior aos animais, pois, até então, “[...] o homem adquiriu uma posição dominante sobre as criaturas do reino animal”, e “Negava-lhes a posse de uma razão e atribuiu a si próprio uma alma imortal, alegando uma ascendência divina que lhe permitia romper o laço de comunidade entre ele e o reino animal” (FREUD, 1917, p. 150). O terceiro golpe veio sob a pena de Freud quando nos fez saber que a consciência não é determinante, nem sequer a atividade mais significativa de nossa vida anímica. Ou seja, são os processos inconscientes que dominam o sujeito, e por isso ele pode ser chamado de sujeito do inconsciente, pois tem conteúdos recalcados que não chega à consciência e outros, também recalcados, que só chegam à consciência se conseguirem ultrapassar a pressão exercida pelo pré-consciente.

O inconsciente não foi um termo inventado por Freud, mas recebeu deste autor um sentido novo, ou seja, a existência do inconsciente se fez notória a partir da observação deste autor sobre aquilo “[...] que tropeça, [...] espaça, cambaleia, falha em todo mundo, quebrando, de uma maneira incompreensível, a continuidade lógica do pensamento e dos comportamentos da vida cotidiana: lapsos, atos falhos, esquecimentos” (KAUFMANN, 1996, p. 264), por meio de manifestações desprovidas de sentido e prontas para se repetirem. Como escreve Ramirez (2003, p. 34):

Essa repetição também se manifesta no campo esportivo: um atleta pode lidar com as pressões da torcida da mesma forma como ele lida, por exemplo, com seus conflitos internos. Porém, o sujeito só pode se dar conta deste fato quando falado, já que estas repetições sempre acontecem de forma involuntária.

A escuta diferenciada da fala do atleta, que permite que os efeitos inconscientes da fala possam se produzir, e, sobretudo daquilo que ele repete, representa a sua verdade manifesta. Isso ocorre com todas as pessoas, mas no campo esportivo chamamos a atenção para que o espaço dessa fala, e, conseqüentemente, que sua escuta seja garantida, para que possa, por essa via, se movimentar e encontrar outras vias de realização, menos reféns das repetições inconscientes.

A ideia do inconsciente freudiano foi fundada em sua primeira proposta de aparelho psíquico feito por Freud (1900), denominada 1ª tópica, quando este instituiu uma topografia do aparelho psíquico, cujo funcionamento se dá por meio de dois sistemas - Inconsciente e Pré-consciente/Consciente -, com funções diferentes e que se relacionam entre si.

Em 1923, em seu texto “O Eu e o Isso”, Freud postulou uma segunda abordagem do aparelho psíquico denominada 2ª tópica, instituindo, do ponto de vista estrutural, os conceitos de Eu, Isso e Supereu.

Entre esses dois trabalhos, em 1914, Freud apresentou sua primeira elaboração sobre o narcisismo intitulado “À guisa de introdução ao narcisismo”, no qual discerniu entre auto-erotismo, narcisismo primário e secundário, respectivamente, abordando as identificações primárias (Eu Ideal) e secundárias (Ideal do Eu), fundamentais para a instauração e sustentação da existência tanto do Eu como, posteriormente, do Supereu.

Assim, a fim de estabelecer o campo de abordagem e reflexão da psicanálise é premente situar conceitos fundantes do campo metapsicológico, tais como os apresentados nesse primeiro capítulo, aqueles que estabelecem o cenário dos bastidores dos comportamentos manifestos do cotidiano das relações intersubjetivas, consistindo na composição de uma Outra cena, a qual não temos acesso direto ou positivo, e que só pode ser inferida e reconhecida por seus efeitos, a saber, os conceitos de inconsciente freudiano, de aparelho psíquico (1ª e 2ª tópicos) e de narcisismo.

1.1 A 1ª Tópica: Inconsciente (Ics) e Pré-consciente/Consciente (Pcs/Cs)

Freud só apresentou o conceito de inconsciente quando publicou “A interpretação dos sonhos” em 1900, que é a pedra angular da psicanálise.

O sistema Inconsciente (*Ics*) ou o inconsciente é composto de representantes recalçados das pulsões⁸ -, que impõem a descarga imediata, ou seja, ele é composto de impulsos que Freud chamou de desejo que são de ordem sexual e infantil. É importante mencionar o quão específicas são tais designações, pois, para Freud, sexual diz de qualquer investimento vital e infantil se refere ao atemporal (sem tempo) e não a algo da criança. Contrariamente, no senso comum, a ideia de sexual aparece reduzida a ideia do comportamento e atos sexuais, enquanto que o infantil é relativo a algo da criança.

Assim, os desejos inconscientes coexistem coordenados entre si, sem se influenciarem mutuamente, nem se contradizerem. Isso significa que, quando dois desejos (impulsos) são ativados ao mesmo tempo - embora seus objetivos possam parecer inconciliáveis-, ao invés de distanciarem um do outro ou de se anularem mutuamente, comparecem, simultaneamente, formam um objetivo intermediário, um acordo de compromisso (FREUD, 1915a).

Além disso, no *Ics* não há lugar para a negação, para a dúvida, nem diferença de graus de certeza. Os processos são atemporais, não são cronologicamente organizados e não são afetados pelo tempo decorrido. Logo, os processos que nele ocorrem não levam em consideração a realidade, ou seja, no *Ics* o que ocorre é a substituição da realidade externa pela realidade psíquica (FREUD, 1915a). Ao contrário do sistema *Ics*, no sistema Pré-consciente/Consciente (*Pcs/Cs*) vigora uma organização que se dá de modo linear, causal, temporal, onde ideias incompatíveis se excluem. Entre o sistema *Ics* e o *Pcs/Cs* há uma censura, um complexo mecanismo que afasta ideias que não se submetem ou desorganizam esse modo de funcionamento

⁸ Pulsão se define como o “Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 394).

do sistema *Pcs/Cs*, que chamamos recalque, como um dos destinos das pulsões, objeto de nossa apreciação no terceiro capítulo.

Também é perfeitamente verídico que os desejos inconscientes permanecem sempre ativos e seus processos são indestrutíveis. Isso significa, por exemplo, que: “Uma humilhação experimentada trinta anos antes atua exatamente como uma nova humilhação ao longo desses trinta anos, assim que obtém acesso às fontes inconscientes de afeto [tensão]” (FREUD, 1900, p. 606). *Considerando isso, não é difícil incluir o quanto um atleta ou uma equipe pode estar implicada inconscientemente na produção de sua própria derrota ou de sua vitória.* Esse é o caso, por exemplo, de alguns atletas de tênis que passam algumas temporadas ganhando de todos os adversários, enquanto outros podem perder sempre para os mesmos. Também ocorre que equipes esportivas, como de voleibol, têm fases de vitórias que duram várias temporadas, enquanto em outras temporadas, essa mesma equipe, ou seja, com a mesma formação, passam a vivenciar derrotas recorrentes. Não poderiam ser essas determinações inconscientes?

Os processos inconscientes são em si imperceptíveis pela consciência, pois o pré-consciente dissimula prematuramente o inconsciente, sobrepondo-se a este, e tomando para si o controle das vias de acesso à consciência e à motricidade (FREUD, 1915a). Ou seja, a função do pré-consciente, parte do sistema *Pcs/Cs*, é impedir que o conteúdo que está no sistema *Ics* chegue ao *Cs*, afinal o *Ics* funciona pelo princípio do prazer-desprazer, ou seja, pela via da descarga motora direta, enquanto o *Pcs-Cs* funciona pela via do princípio da realidade⁹.

Para bloquear o acesso direto das ideias inconscientes à consciência, o pré-consciente dispõe de ideias aceitáveis pela consciência e, através dessas, viabiliza a transformação da energia psíquica livre em energia ligada, ou seja, ligada a outra representação, a outra ideia. O consciente, por sua vez, participa do sistema *Pcs-Cs* sendo o espaço disponível para que as representações investidas sejam manifestadas, embora não as retenham para que outras ideias se façam presentes.

⁹ Ver item 3.2 Dois princípios reguladores “das pulsões”.

A consciência fornece essencialmente as percepções de excitações advindas do exterior e sensações de prazer e desprazer, que, naturalmente, só podem originar-se do interior do aparelho psíquico. Mas, para que não haja excesso de estímulos chegando à consciência, o organismo se protege como escudos, funcionando como camadas protetoras contra altos níveis de tensões desestabilizadoras. Esses escudos protetores são os órgãos dos sentidos, providos de dispositivos para captar estímulos específicos, mas também dotados de mecanismos especiais para proteger o psiquismo contra quantidades excessivas do mesmo, bem como para deter os inapropriados. Sua função é, na verdade, apenas coletar quantidades mínimas e apropriadas de estímulos do mundo externo. No entanto, é impossível à consciência se proteger contra os estímulos internos, já que os estímulos oriundos das camadas mais profundas transmitem-se diretamente a esse sistema, sem sofrer redução alguma (FREUD, 1920).

Apesar de a psicanálise concluir que o psíquico não se reduz ao consciente, e que o inconsciente é determinante deste, isso não significa que “[...] a qualidade de ser consciente tenha perdido sua importância [...]. Ela permanece a única luz que ilumina nosso caminho e nos conduz através das trevas da vida psíquica” (FREUD, 1940, p. 306).

A partir da própria consciência atribuímos, automaticamente, às outras pessoas, a mesma constituição e a mesma consciência que percebemos em nós, ou seja, a identificação com o outro é, de fato, o pré-requisito para a compreensão de si mesmo e do outro. No entanto, ao considerarmos a singularidade inconsciente implicada, é premente incluímos as diferenças, a não efetiva coincidência e igualdade entre nós e o outro (FREUD, 1915a).

No esporte é comum e até importante quando o técnico e os atletas se identificam entre si. Contudo, é equivocado esperar que o outro faça aquilo que lhe é demandado como tal, quando, muitas vezes, até quem demanda não teria condições de fazê-lo, pois a identificação compreende sempre uma alta dose de idealizações. *Assim, incluir a singularidade, as diferenças, os determinantes inconscientes de cada um, amplia as possibilidades de que possa haver apropriação e criação por parte daquele que se vê demandado.*

No entanto - ao contrário do que ocorre com nossa tendência de nos identificarmos com nossos semelhantes -, não estamos inclinados a aplicarmos a nós mesmos, de forma automática, esse procedimento reverso, da diferença. Para isso precisaríamos considerar

todos os atos e manifestações que percebemos em nós mesmos - mas que nos parecem inexplicáveis por não se correlacionarem com o que sabemos sobre nossa própria vida psíquica - e buscarmos explicá-los de modo semelhante ao que faríamos se tais atos pertencessem à outra pessoa. Mas a experiência aponta que, quando se trata de si mesmo, o sujeito resiste e nem sequer admite a existência psíquica desses atos (FREUD, 1915a).

Esse seria o caso, por exemplo, das situações em que a insistente correção de um erro técnico de um atleta por seu treinador pode não estar levando em conta os processos singulares do atleta, e com isso, desconsiderando as diferenças subjetivas entre ambos, ou seja, levando em consideração apenas as suas idealizações enquanto técnico.

1.2 A 2ª Tópica: Eu, Isso e Supereu

Alguns anos mais tarde, Freud levou sua construção metapsicológica adiante, apresentando a 2ª tópica do aparelho psíquico, dividindo-o em estruturas a partir dos conceitos de Eu, Isso e Supereu.

Para ele, o Eu serve a três ‘instâncias’ que são sempre divergentes e, freqüentemente, parecem incompatíveis: o mundo externo, o Supereu e o Isso. Uma vez que o Eu se esforça para satisfazê-los ou obedecê-los simultaneamente, o que o faz se sentir ameaçado por três tipos de perigo, aos quais reage quando duramente pressionado, gerando angústia, não é de se admirar que ele (o Eu) falhe em suas tarefas. O Eu é destinado a representar as suas exigências do mundo externo, contudo também se esforça por ser leal às pulsões do Isso. Nas tentativas de exercer mediação entre o Isso e a realidade externa, freqüentemente é obrigado a adequar as exigências do Isso mediante suas próprias racionalizações, ocultando os conflitos entre essas duas instâncias, uma vez que percebe conflitos do Isso com a realidade, e percebe como o Isso se mantém rígido e intolerante. É importante mencionar, ainda sobre a ferida narcísica, que a ideia de inconsciente freudiano produziu a concepção de que não há correspondência entre o Eu e nossa consciência, pois a maior parte da atividade do Eu é inconsciente, uma menor parte pré-consciente, e apenas uma pequena função do Eu é manifesta e torna-se consciente.

Por outro lado, o Eu é observado a cada passo pelo Supereu, que é severo e estabelece padrões para sua conduta, sem levar em consideração suas dificuldades relativas com o mundo externo e com o Isso. Além do que, quando suas exigências (do Supereu) não são obedecidas, pune-o com intensos sentimentos de inferioridade, de culpa e remorso. Pressionado pelo Isso, confinado pelo Supereu e repellido pela realidade, o Eu luta para conseguir exercer eficientemente sua incumbência econômica de instituir a harmonia entre as forças e as influências que atuam nele e sobre ele. Contudo, quando o Eu é obrigado a admitir sua fraqueza, ele irrompe em angústia (FREUD, 1933a).

Como a angústia é considerada um afeto e, portanto, sentido pelo Eu, este último foi, inicialmente, considerado sua sede real, pois as primeiras irrupções de angústia, que são de natureza muito intensa, ocorrem antes de o Supereu tornar-se diferenciado e é bem possível que o que encontra descarga na geração da angústia é precisamente o excedente da tensão não utilizada, uma vez que ocorrem processos no Isso que fazem com que o Eu produza angústia. À medida que o Eu se desenvolve, as situações de perigo mais antigas do sujeito tendem a perder força e a serem postas de lado, por isso podemos dizer que cada período da vida tem seu determinante apropriado de angústia (FREUD, 1926a).

Com todas essas exigências para o Eu, o que é chamado narcisismo é o que mantém a integridade da própria estrutura do Eu, pelo investimento libidinal¹⁰ na auto-imagem que mantém a ideia de unidade e continuidade da própria existência. O narcisismo sustenta o Eu em seu funcionamento, e este é responsável por criar e sustentar mecanismos de defesa contra os excessos de tensões que poderiam desestabilizar a organização psíquica de um sujeito. Assim, os seres humanos adoecem por conta de conflitos e tensões entre as diferentes exigências da vida pulsional.

O Supereu é a última estrutura a se instituir no psiquismo, resultado da divisão do Eu e implica a lei para o psiquismo, antes sustentada pela autoridade dos pais - autoridade parental -, refletindo o Ideal do Eu dos pais, sustentado pela dependência de amor que a criança tem em relação a esses. Posteriormente, quando a coerção externa é internalizada, o Supereu

¹⁰ Para Freud, à medida que a pulsão representa uma força que exerce uma “pressão”, a libido é definida como a energia dessa pulsão (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

assume o lugar dessa instância e observa, dirige e ameaça o Eu, da mesma forma como os pais faziam com a criança. Assim como o Eu, sua maior atividade é inconsciente, uma menor parte encontra-se no nível do pré-consciente e, apenas uma pequena parte é acessível à consciência.

Muitos técnicos esportivos podem, por vezes, em situações nas quais o atleta já se vê muito pressionado pelo próprio funcionamento psíquico, intervir de maneira similar ao Supereu do atleta, a partir de cobranças cada vez mais excessivas em treinos e competições, que podem gerar efeitos improdutivos. Uma vez que essa instância já está internalizada, a tendência é o atleta ver-se sob maior tensão, dificultando sua atuação. É importante considerarmos que não há coincidência entre um Supereu severo - excessivamente limitador - e um Supereu eficiente - aquele que funciona como lei para o psiquismo e, assim, ao mesmo tempo em que limita, também indica o que é possível -, ou seja, diferentemente do primeiro, este é organizador de uma ação eficiente que limita, mas também permite. Por isso, é fundamental o técnico estar atento às possíveis pistas particulares do atleta a cada situação esportiva em que este se encontra, em relação às suas próprias tensões advindas das exigências do Supereu.

O Isso, por sua vez, é completamente inconsciente e está repleto de energias que a ele chegam das pulsões, porém o Isso não é passível de ser educado, ele não expressa uma vontade coletiva, mas somente uma luta pelo alcance da satisfação de suas necessidades libidinais que encontram como resolução a via do princípio do prazer e, posteriormente, a do princípio da realidade e as condições do além do princípio do prazer. As leis lógicas do pensamento consciente não se aplicam ao Isso, ao tomarmos, por exemplo, a lei da contradição. No Isso, impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro, quando muito podem convergir para formar conciliações, sob a pressão econômica dominante, com vistas à descarga da energia. O Isso também não reconhece nenhum julgamento de valor: não conhece o bem, nem o mal, nem moralidade, bem como não considera a possibilidade de negativa, para ele tudo pode e quem vai controlar isso é o Eu, tendo em vista o mundo externo e o Supereu (teste da realidade); não existe nada que corresponda à ideia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo e nenhuma alteração em seus processos psíquicos é produzida pela passagem do tempo. Impulsos plenos de desejos, que jamais passaram além do Isso, e também impressões que foram mergulhadas nele pelos recalques, são virtualmente imortais; depois de passarem décadas comportam-se como pertencentes ao passado,

só podem perder sua importância e ser destituídos de seu investimento de energia libidinal (FREUD, 1933a).

Muitas vezes podemos observar na própria vida cotidiana os ecos de mobilizações muito primárias, também presentes na vida infantil, o que não se restringe à vida da criança, pois se trata de tensões radicais que estiveram presentes desde o nascimento, considerando a precariedade com que o bebê humano vem ao mundo. *Assim, é possível reconhecermos nos motores da vida esportiva de um atleta elementos desta ordem, ou seja, um atleta pode atender inúmeras vezes às demandas do técnico visando reparar expectativas afetivas frustradas pela própria impossibilidade de satisfação total, que foram experimentadas desde sua vida mais remota, ou seja, próprias do seu narcisismo, ser amado.*

Da mesma maneira, em outras vezes a impossibilidade de um atleta realizar alguma superação em relação aos seus resultados num determinado momento de um campeonato ou de sua carreira, pode implicar o mesmo tipo de realização pulsional, a saber: a de manter atual o atendimento da exigência pulsional em sua insistência em realizar-se, independente dos efeitos do tempo que essa possa ter sofrido.

1.3 Narcisismo

O narcisismo é um conceito decisivo para compreendermos o caminho pelo qual se viabilizou a passagem da primeira tópica (organização topográfica) para a segunda tópica (organização estrutural) do aparelho psíquico, bem como da primeira para a segunda teoria das pulsões de Freud, respectivamente, o princípio do prazer-desprazer/realidade e o além do princípio do prazer, que também serão abordados adiante.

Na obra “À guisa de introdução ao narcisismo”, de 1914, Freud declara que o narcisismo primário é uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal, e o auto-erotismo é um estágio em que o bebê “se percebe como um corpo despedaçado”, ou seja, que suas zonas erógenas encontram-se separadas (prazer do órgão). Nessa fase da vida sexual infantil precoce (auto-erotismo), o bebê dirige sua pulsão sem referência a um corpo unificado, mas

unicamente ao seu próprio corpo e a uma parte específica, como o ânus, a boca ou a pele, por exemplo, sem recorrer a um objeto externo (FREUD, 1915c).

No narcisismo primário não há interesse pelo mundo externo, pois para a satisfação pulsional ele é irrelevante. Portanto, o Eu coincide com tudo aquilo que é prazeroso, enquanto o mundo externo coincide com tudo que é indiferente, e eventualmente, fonte de estímulos daquilo que é desprazeroso. Mas, o sujeito não poderá por muito tempo evitar perceber as mobilizações pulsionais internas como desprazerosas. Dessa forma, sob o domínio do princípio do prazer, a pessoa passará por outro desenvolvimento. Na medida em que os objetos externos oferecidos forem fontes de prazer, estes serão escolhidos pelo Eu que os introjetará em si; e tudo aquilo que seu próprio interior considerar motivo de desprazer o Eu expelirá de si e o considerará objeto. A partir desse Eu ligado inicialmente à realidade (aos objetos), que diferenciou as marcas objetivas advindas tanto da realidade interna como da externa, deriva-se um Eu sustentado pela realização do prazer envolvido, ou seja, que coloca as características de prazer acima de qualquer outra. Agora, o mundo externo é decomposto em uma parcela prazerosa que ele incorpora em si e o restante que lhe parece estranho, sentido como hostil (FREUD, 1915c).

Assim, pode-se considerar que o amor nasce da capacidade do Eu satisfazer uma parte de suas mobilizações pulsionais de maneira auto-erótica, obtendo o prazer do órgão. É originalmente narcísico (narcisismo primário), depois passa para os objetos que foram incorporados a um Eu com mais recursos que expressa os esforços motores do Eu em direção a esses objetos que são fontes de prazer (narcisismo secundário). Enquanto o desenvolvimento psíquico não estiver completo, amar pode coexistir com eventuais interrupções da existência própria e autônoma do objeto, podendo, por exemplo, incorporar ou devorar, o que caracteriza uma forma de amor ambivalente.

No caso do esporte, um exemplo da ligação - e trânsito - entre amor e ódio pode ser mais bem relatado pelas ocorrências manifestas pelas torcidas de futebol. O amor de um torcedor ou de vários torcedores pode fazer com que eles participem ativamente das atividades da equipe, como acompanhar treinos e jogos. Da mesma forma, o ódio também pode fazer com que os torcedores se afastem dos jogos, que discutam com os dirigentes a contratação, ou mesmo a

demissão de um atleta ou técnico. Ou o seu contrário, ou seja, algumas vezes o que mantém certas parcerias pode ser o ódio.

No Brasil, podemos acompanhar no futebol, por meio dos veículos de comunicação, o quanto as torcidas organizadas influenciam tais demissões. Para isto, basta os integrantes da equipe não satisfazerem os anseios dos torcedores. Um exemplo dessa situação foi o caso do jogador Roberto Carlos, do Sport Clube Corinthians Paulista. Com a proposta de fazer o ano de 2010, centenário do Corinthians, como um dos mais promissores e ganhar todos os possíveis títulos, os dirigentes do clube decidiram contratar o lateral esquerdo em questão, para reforçar a equipe, como se essa fosse uma solução rumo às conquistas. No entanto, além da queda na Copa Libertadores, decorrente da derrota para o Flamengo nas oitavas de final da edição de 2010 - considerada de extrema importância por ser o ano do centenário do clube -, da perda do título do Campeonato Brasileiro para o Fluminense e a queda da equipe na Pré-Libertadores de 2011, ocorrida para o Tolima, da Colômbia, e o lateral esquerdo, Roberto Carlos, não participou por conta de uma lesão, sendo o segundo e decisivo jogo do campeonato, o que fez com que o jogador se desvinculasse da equipe, temendo represálias da torcida, já que esta o elegeu como o principal culpado por tal situação (CORINTHIANS, 2011; MARQUES, 2011).

Levando em conta essa discussão sobre o narcisismo, podemos reconhecer o quanto esse é determinante no campo esportivo. Após a derrota de seu time preferido, por exemplo, as atitudes de um torcedor, ou mais explicitamente, as atitudes de uma torcida organizada, demonstram claramente esse ódio exposto com agressividade. Em se tratando de futebol, muitas vezes isso ocorre no próprio estádio, quando os torcedores começam “a xingar” integrantes da equipe ou pedir a saída de um deles. Além disso, também vemos situações em que os torcedores arremessam objetos no campo ou até entram em campo para agredir aqueles que lá estiverem, principalmente, ao fim de um jogo com resultado negativo que pode levar a um rebaixamento da equipe em relação às divisões no campeonato. Isso inclusive ocorreu há pouco tempo com a equipe do *River Plate* da Argentina. De acordo com as informações veiculadas (ALEIXO, 2011), os torcedores do *River* não acreditaram no resultado do jogo, e apesar de muito choro e desespero, demoraram a deixar o Estádio Monumental, onde ficou marcado o rebaixamento da equipe. Logo após, protagonizaram cenas de muita fúria e violência, provocando a destruição de materiais de uma rede de televisão, incendiando cinco carros, e destruindo um bar

destinado aos sócios do próprio clube no estádio. Houve registro de 43 feridos, dos quais 5 eram agentes policiais e 30 pessoas foram detidas. Aleixo (2011, p. 1) ainda relata outros trechos que marcaram a agressividade dos torcedores:

A partida terminou mesmo poucos segundos antes do previsto, porque "hinchas" do River Plate tentaram invadir o recinto e começaram a atirar objetos para o campo, respondendo a polícia com canhões de água para as bancadas.

Outras centenas de fãs dos "milionários" semearam a violência, com recurso a pedras e paus e outros objetos que foram encontrando pelo caminho, e protagonizaram um rasto de destruição nos acessos entre o estádio e o exterior, mesmo sob a repressão dos agentes da autoridade, que recorreram também a gás lacrimogêneo.

Os principais visados foram os jogadores do clube da casa, cuja segurança foi reforçada logo quando do fim abrupto da partida.

Nesse episódio, apesar de haver um contingente inédito de 2.300 policiais para esse jogo, ou melhor dizendo, confronto, o topo da hierarquia policial pediu mais reforços ao Ministério da Administração Interna. Além disso, os 2.500 torcedores da equipe do Belgrano, por razões de segurança, permaneceram nas arquibancadas do Estádio Monumental de Buenos Aires por mais de duas horas após finalizado o jogo (ALEIXO, 2011).

Esse tipo de relação dos torcedores com a equipe ultrapassa os limites do espetáculo, é uma relação de dependência, em que o futuro da equipe, reflete, diretamente ou indiretamente, no futuro da vida dos torcedores. O ódio despertado nos torcedores pelo fato do rebaixamento representa a inversão do conteúdo da pulsão desses, que, provavelmente, inicia com amor à equipe, quando o torcedor resolve acompanhar “os passos” da mesma e até fazer parte de torcidas organizadas, as “hinchas”. É uma relação identificatória e pode estimular situações desastrosas como as relatadas acima, ou até mesmo a morte de torcedores da equipe adversária ou de atletas da equipe, como já relatados pelos veículos de informação em outras ocasiões¹¹.

¹¹ Câmeras identificam agressores envolvidos na morte de torcedor em Belo Horizonte - <<http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2010/12/07/cameras-identificam-agressores-envolvidos-na-morte-de-torcedor-em-belo-horizonte-923213310.asp>>; Morte de torcedor após briga de torcida na PB repercute no país - <<http://www.portalcorreio.com.br/noticias/matler.asp?newsId=154687>>; Morte de colombiano após gol contra na Copa do Mundo completa 15 anos - <<http://esporte.uol.com.br/ultimas/2009/07/02/ult7499u18.jhtm>> (RIBEIRO, 2009).

Retornando à teoria sobre o narcisismo, quando a etapa puramente narcísica (narcisismo primário) dá lugar à etapa objetal (narcisismo secundário), prazer-desprazer passam a significar as relações do Eu com o objeto. Assim:

Se o objeto se torna a fonte de sensações prazerosas, instala-se uma tendência motora que vai tentar trazer o objeto ao Eu e incorporá-lo; então, nesse caso, passamos também a falar da “atração” que o objeto promotor de prazer exerce sobre nós, e dizemos que “amamos” o objeto. Inversamente, se o objeto for fonte de desprazer, haverá uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o Eu e por repetir, em relação ao objeto, a tentativa original de fuga do mundo externo e de seu afluxo de estímulos. Nesse caso, sentimos “repulsa” pelo objeto e odiamos; esse ódio pode então intensificar-se a ponto de se tornar uma inclinação para a agressão contra o objeto, com a intenção de destruí-lo. (FREUD, 1915c, p. 159).

Para organizar a articulação entre o narcisismo primário e secundário e entre libido do Eu e libido objetal, a bom termo, é preciso investir tanto em nós mesmos quanto em outros objetos.

Segundo Freud (1914), sabe-se que o narcisismo primário é constitutivo do Eu, de um traço de diferenciação da mãe e/ou do pai. A criança representa um Eu Ideal ou um Eu investido do narcisismo dos pais, que revivem seu narcisismo há muito já abandonado. Isso explica o fato de os pais atribuírem perfeições aos filhos ocultando falhas ou restrições que possam ter e tenham que enfrentar. Como coloca Dias (2009, p. 42):

Façamos um paralelo com o que se dá com o laço social em relação à figura do atleta. Esse sujeito, capaz de feitos impensáveis para um ‘simples mortal’ acaba por ser admirado e valorizado e do ponto de vista imaginário cumpre essa função de um ideal. Somos falhos, castrados, mas essa figura de vencedor faz sonharmos com a possibilidade de um ideal de perfeição e onipotência, outrora vivido.

Com o tempo a criança vai adquirindo traços de outras pessoas e tende a sair desse Eu Ideal (narcisismo primário) para alcançar um Ideal do Eu (narcisismo secundário), ou seja, busca alcançar aquilo que ela deseja e não mais ou apenas, o que seus pais desejam por e para ela. A partir desse momento a criança busca ser o que projeta diante de si e, portanto, encontra-se no narcisismo secundário. Apesar de o seu entendimento ocorrer a partir do individual, o Ideal do Eu possibilita uma importante via para a compreensão da psicologia do grupo. “Esse ideal tem, além de sua parcela individual, uma parcela social, o ideal comum de uma família, de uma classe e de uma nação” (FREUD, 1914, p. 114).

O Eu Ideal e o Ideal do Eu estão presentes durante a vida toda numa complexa articulação. Tanto o Ideal do Eu quanto o Eu Ideal são duas formas de alteridade necessárias à constituição do sujeito (Eu). “Enquanto no Eu Ideal o sujeito é o próprio ideal, a construção do Ideal do Eu é uma forma atravessada pelos valores culturais, morais e críticos construídos na relação com os pais e na vida em sociedade” (NOVAES, 2005 apud DIAS, 2009, p. 51).

Esse investimento do narcisismo não ocorre apenas na relação dos pais com seus filhos. Os torcedores, via identificação, também esperam restituir algo ao seu narcisismo por meio de seus investimentos na equipe de futebol de sua preferência. Nessa relação, o que acontece é uma identificação do torcedor com uma equipe, como por exemplo, um desejo que aquela que o representa faça aquilo que ele espera como ideal, ou seja, a vitória. Esse é o objeto de desejo que quando não alcançado, como ocorreu no jogo relatado sobre o rebaixamento da equipe do *River Plate*, pode concluir em acontecimentos graves, como a própria agressão do torcedor contra tudo aquilo que se relaciona ao seu Ideal de Eu.

O Supereu é o veículo do Ideal do Eu e faz as funções de auto-observação, de consciência e de manutenção deste. É elemento pelo qual o Eu se avalia, e é estimulado pela exigência de uma perfeição sempre maior. Além disso, quando não muito exigente, o Supereu nos permite aceitar as nossas condições, assim como nossas limitações em relação às demais demandas, bem como, nos possibilita alcançar, ou pelo menos lutar, por um Ideal do Eu constituído a partir das nossas experiências.

CAPÍTULO II
O ESPORTE DE COMPETIÇÃO NO PROCESSO
DE CIVILIZAÇÃO DO HOMEM OCIDENTAL

A psicanálise atesta um avanço da civilização sobre a barbárie. Ela restaura a ideia de que o homem é livre por sua fala e de que seu destino não se restringe a seu ser biológico.

(Elisabeth Roudinesco, 2000, p. 9).

Nesse capítulo discutiremos o processo de civilização do homem ocidental na modernidade, considerando que seja este um elemento no qual podemos destacar o esporte competitivo. Nessa discussão, alguns temas relacionados e derivados desse processo nos convidam a refletir, tais como: a inclinação para a agressividade do ser humano; a culpa e a punição.

2.1 Civilização e inclinação para a agressividade

Para Elias (1994, p. 23), o conceito de “civilização” refere-se a diversos fatos, assim como:

[...] ao nível de tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”.

O conceito de civilização tornou-se evidente e recebeu funções específicas no segundo quarto do século XVI. Isso ocorreu devido ao tratado de autoria de Erasmo de Rotterdam, “*De civilitate puerilium*” (“Da civilidade em crianças”), publicado em 1530, o qual tratava da educação de pessoas em sociedade e, acima de tudo, porém não excludente, “do decoro corporal externo”. Esse tratado surgiu a partir de um trabalho dedicado a um menino nobre, filho de príncipe, e escrito para a educação de crianças, no qual Erasmo explicava que o comportamento humano “externo”, como a maneira como as pessoas olham e a expressão facial, a postura, os gestos e o vestuário é a manifestação do homem interior e inteiro. Segue um exemplo dessas orientações:

Não deve haver meleca nas narinas [...]. O camponês enxuga o nariz no boné ou no casaco e o fabricante de salsichas no braço ou no cotovelo. Ninguém demonstra decoro usando a mão e, em seguida, enxugando-a na roupa. É mais decente pegar o catarro em um pano, preferivelmente se afastando dos circunstantes. Se, quando o indivíduo se assoa com dois dedos, alguma coisa cai no chão, ele deve pisá-lo imediatamente com o pé. O mesmo se aplica ao escarro. (ELIAS, 1994, p. 69-70).

A partir desse tratado houve diversas mudanças as quais discutiremos nesse capítulo. No entanto, isso não significa que antes desse século as pessoas não tinham boas maneiras. Pois outros livros também foram publicados em outras épocas, como na Antiguidade e na Idade Média, orientando as pessoas de forma semelhante ao que Erasmo descreveu. Tanto é que a Idade Média deixou-nos grande volume de informações sobre o que era considerado socialmente aceitável. Os próprios religiosos redigiam, em latim, normas (de comportamento) que serviam de testemunho do padrão vigente na época. Pode-se inclusive afirmar que o tratado de Erasmo, em muitos aspectos, situou-se na tradição da Idade Média. Mas ele também descreveu coisas novas com clareza.

Para escrever seu tratado, Erasmo não compilou qualquer um, ele aproveitou o que havia sido escrito por outros autores e juntou a isso uma coletânea de observações da vida em sociedade, a qual se encontrava “em transição”. Afinal, no século XVI ocorreu um reagrupamento social, quando houve um afrouxamento da hierarquia social medieval, mas ainda não estava estabelecida a sociedade moderna. As pessoas não estavam mais simplesmente vendo as coisas como “boas ou más”, “certas ou erradas”. Elas encaravam as coisas com um controle mais forte de suas emoções, ou seja, a avaliação de algo não passava mais, tão fortemente, por aquilo que a Igreja Católica determinava, mas sim pelo que as pessoas pensavam a respeito (ELIAS, 1994).

As boas maneiras descritas no tratado de Erasmo também apresentam um quadro de uma sociedade em alguns aspectos semelhantes aos nossos, aos atuais, assim como de muitas maneiras, diferentes. Para se alimentar, por exemplo, as pessoas também se sentavam à mesa. Erasmo dizia que a mesa deveria ser posta com o copo em pé, a faca bem limpa à direita, e, à esquerda, o pão. Como praticamente não havia garfos, as facas e colheres eram, com frequência, utilizadas em comum. Por isso orientava: “Nem sempre há talheres especiais para todos: se lhes oferecem alguma coisa líquida, diz Erasmo, prove-a e, em seguida, devolva a colher depois de tê-la secado” (ELIAS, 1994, p. 70). Nessa época, todos, do rei e rainha ao camponês e sua mulher, comiam com as mãos. Mesmo assim, ele destacava algumas diferenças entre as classes sociais:

Na classe alta há maneiras mais refinadas de fazer isso. Deve-se lavar as mãos antes de uma refeição, diz Erasmo. Mas não há sabonete para esse fim. Geralmente, o conviva estende as mãos e o pajem derrama água sobre elas. A água é às vezes levemente

perfumada com camomila ou rosmaninho. É mais refinado usar apenas três dedos de uma mão. Este é um dos sinais de distinção que separa a classe alta da baixa. (ELIAS, 1994, p. 71).

Erasmus não via seus preceitos como dirigidos a uma classe particular, e por isso não atribuiu ênfase especial a distinções sociais. E é precisamente essa falta de orientação social específica, sua apresentação como regras humanas gerais, que fez com que as pessoas, independente de sua classe social, passassem a observar umas às outras para se adequar aos costumes e ambientes.

Por volta do século XVII, uma hierarquia social mais rígida começou a se firmar, composta por integrantes procedentes de diversas origens sociais. Nesse contexto, as pessoas tornaram-se mais sensíveis às pressões das outras e, lentamente, aumentou o grau de consideração esperado dos demais, ou seja, esperava-se não ofender ou chocar os outros assim como os outros a si (ELIAS, 1994).

Nos escritos de Freud (1933c) fica claro que suas ideias repercutiram nas de Elias, no entanto, enfatiza que a violência sempre esteve presente na civilização. Para ele, as primeiras civilizações utilizavam da força muscular para organizarem-se, ou seja, os mais fortes faziam prevalecer as suas vontades e manter a ordem social. Com o tempo, a força física foi substituída pelo uso de instrumentos como as armas, momento em que a superioridade intelectual também começou a substituí-la. Porém, ainda era por meio da violência que o mais forte fazia com que seus objetivos fossem satisfeitos, e mais eficiente seria ainda se o seu adversário fosse eliminado de vez, ou seja, morto, pois além de eliminar esse adversário, outros seriam convencidos de não seguir o mesmo caminho. Mas matar um inimigo não parecia tão interessante, uma vez que este poderia ser utilizado para realizar serviços úteis se fosse deixado vivo ou num estado de intimidação. Essa ideia inicial de poupar a vida de um inimigo fez com que o homem começasse a ocultar sua sede de vingança e se sacrificasse para ter segurança, ou seja, “O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, 1930, p. 119). Contudo, nem por isso a violência deixou de existir, apenas passou de individual para coletiva. Pois, como se sabe, a força de uma comunidade atualmente é representada pela lei:

[...] o caminho que levava ao reconhecimento do fato de que à força superior de um único indivíduo, podia-se contrapor a união de diversos indivíduos fracos. [...] A

violência podia ser derrotada pela união, e o poder daqueles que se uniam representava, agora, a lei, em contraposição à violência do indivíduo só. (FREUD, 1933c, p. 199).

Apesar da constituição da lei, essa não deixou de ser uma forma de poder que ainda é violência apoiada no intelecto, pois ela se volta contra qualquer pessoa que se lhe oponha. A real diferença é o fato de que ao invés de prevalecer a violência de um sujeito, prevalece a da comunidade. No entanto, para que essa transição ocorresse, foi preciso que a união da maioria fosse estável e duradoura, com uma comunidade permanentemente organizada com regulamentos estabelecidos para antecipar-se ao risco de rebelião e com autoridades instituídas para fazer com que esses regulamentos - as leis - fossem respeitados. O reconhecimento dessa organização levou ao surgimento de vínculos emocionais entre os membros de um grupo de pessoas unidas - sentimentos comuns que são a verdadeira fonte de sua força (FREUD, 1933c). Um exemplo dessa força é o exercido pelo desejo de liberdade, restrito pela lei, mas fortalecida numa comunidade humana quando esta se revolta contra alguma injustiça existente, o que por sua vez reforça o desenvolvimento da civilização (FREUD, 1930).

Elias (1994) também constatou essa nova relação que as pessoas passaram a ter entre si, ao relatar que tanto os novos hábitos descritos no tratado de Erasmo e nos livros de outros autores, quanto à nova constituição das classes sociais fez com que, além do hábito de observar e se orientar pelo outro, as pessoas passaram também a controlar suas emoções. Mesmo isso tendo ocorrido apenas com pessoas das classes altas, no começo do processo de civilização ocidental, ou seja, com uma quantidade limitada de pessoas, provocou uma transformação estrutural da sociedade: as pessoas passaram a buscar formas diversificadas de exprimir seus desejos tanto em sociedade quanto sozinhas, uma vez que sabiam ser observadas pelos outros. Isso foi aprendido ao longo do desenvolvimento de cada ser humano. Como exemplo tem-se o fato dos pais fazerem referência aos filhos sobre a onipresença de anjos, o que auxiliava no controle dos impulsos das crianças, ou seja, o controle dos desejos das mesmas: “[...] a dependência social da criança face aos pais torna-se particularmente importante como alavanca para a regulação e modelagem socialmente requeridas dos impulsos e das emoções” (ELIAS, 1994, p. 142).

Da mesma forma, surgiu a ansiedade¹² despertada nos jovens a fim de forçá-los a reprimir o prazer de acordo com o padrão de conduta social esperado. Essa ansiedade foi despertada em conexão com a renúncia à satisfação instintiva¹³ explicada em termos de espíritos externos. Com o tempo a restrição auto-imposta, juntamente com o medo, a vergonha e a recusa de cometer qualquer infração social, passou a ser freqüente e principalmente, corrente entre os membros da classe alta. Assim, o controle dos instintos foi inicialmente imposto quando se estivesse na companhia de outras pessoas como forma de controle social, o que fez com que, tanto o tipo, quanto o grau de controle alcançado, correspondesse à posição social da pessoa que os impunha em relação daqueles que estavam em sua companhia. Isso foi mudando lentamente a partir do momento em que os níveis sociais foram se equiparando, pois com a divisão do trabalho as pessoas tornaram-se mais dependentes umas das outras.

Este último autor citado acreditava que, de modo geral, sob as pressões sociais, os impulsos não eram aceitos socialmente e até mesmo considerados como “anormais”, “patológicos” ou “degenerados”. Com o autocontrole, o instinto apresentava-se lento e, progressivamente, eliminado da vida pública. Como esta limitação dos impulsos foi ocorrendo cada vez com menor força física, desde mais tenra idade, como autocontrole habitual, devido à estrutura exigida na nova vida social, as conexões e proibições sociais tornaram-se cada vez mais parte do sujeito, auxiliando-o na construção de um superego¹⁴ estritamente regulado, transformando tão completamente os hábitos que não se pode resistir a eles, mesmo quando estivesse sozinho na esfera privada. Isso fica claro nessa citação do autor: “Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância, entram em luta no interior do indivíduo” (ELIAS, 1994, p. 189). A psicanálise de Freud (1930) corrobora essas colocações de Elias ao dizer que não podemos deixar de ficarmos impressionados pela semelhança existente entre o processo civilizador e o desenvolvimento libidinal do sujeito, os quais caminham num mesmo sentido, desenvolvendo-se para se adequar ao que é necessário para se viver em civilização.

¹² O termo ansiedade usado por Elias (1994) é considerado aqui no sentido freudiano como angústia.

¹³ O termo instinto usado por Elias (1994) é considerado aqui no sentido freudiano como pulsão.

¹⁴ O termo superego usado por Elias (1994) é considerado aqui no sentido freudiano como Supereu.

Para Freud (1930), os homens esforçam-se para alcançar a felicidade e evitar o sofrimento. Mas a realidade em si implica impedimento a tal realização, uma vez que sempre envolverá algum grau de frustração por limitar a continuidade narcísica de um Eu paradisíaco. Mesmo quando qualquer situação de satisfação se prolonga, logo produz um sentimento de contentamento ténue porque somos feitos de modo a só podermos derivar prazer de um contraste, e muito pouco de um determinado estado prolongado da mesma situação. Sofremos quando o mundo externo se demonstra como limite à satisfação de nossos desejos. Logo, sabemos que nossas possibilidades de felicidade são sempre restringidas por nossa própria constituição. Ou seja, há um antagonismo irremediável entre as exigências das pulsões¹⁵ e as restrições da civilização. Já a infelicidade é muito mais fácil de experimentar advindo de três fontes diferentes: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução; do mundo externo, ou seja, do poder superior da natureza, e de nossos relacionamentos com os outros homens, seja na família, no Estado ou na sociedade.

Quanto às duas primeiras fontes de infelicidade citadas anteriormente, temos que reconhecer que a força das mesmas nos submete a sofrimentos, pois nunca dominaremos a natureza, e nosso organismo corporal, parte desta natureza, será sempre uma estrutura passageira e limitada em sua capacidade de adaptação e realização. Por mais que o homem tenha conseguido progredir científica e tecnicamente, como ao criar aviões para nos locomovermos mais rápido; remédios para vivermos melhor e mais tempo, isso não significa que nossos sofrimentos diminuam, pois se nada disso existisse, também não sofreríamos com a distância de entes queridos, ou com as doenças que o corpo adquire pelo longo tempo de vida que temos. Freud (1930, p. 95) questionava, por exemplo, “[...] de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias, e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como uma libertação?”

Mas é em relação à última fonte de infelicidade citada - o relacionamento com os outros homens, ou fonte social de sofrimento -, que o processo de civilização, tanto

¹⁵ Freud utilizou o termo *Trieb* quando se referia às pulsões dos seres humanos, mas a tradução dos seus textos do alemão para o inglês apresenta esse termo como instinto. No entanto, apenas quando Freud se referia aos animais ou ao instinto animal representado no homem, estava se referindo ao instinto. Sendo assim, na obra de Freud utilizaremos o termo pulsão toda vez que a tradução estiver como instinto e o sentido for a condição psíquica do ser humano (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

apresentado por Elias, quanto por Freud, está principalmente vinculado. O ser humano aprendeu a controlar sua vida pulsional sem, no entanto, abandonar a meta da satisfação¹⁶, mas garantindo certa proteção contra o sofrimento para que as insatisfações não sejam tão penosamente sentidas.

Para Freud a vida em civilização faz algumas exigências, tais como: a beleza, a limpeza e a ordem. Como beleza podemos citar aquilo que não é lucrativo, como os espaços verdes necessários a uma cidade; os playgrounds; os jardins e os enfeites de uma casa. Logo, esperamos que a civilização reverencie tudo que é belo. Como parte da beleza, a limpeza é algo que o homem considera complementar à civilização, uma vez que não se aceita um lugar considerado belo, culto, sem que esteja limpo. A ordem é algo que só se aplica às obras do ser humano, porém que foi aprendido a partir da observação da natureza. Assim explica o autor:

A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão nos são poupadas. Os benefícios da ordem são incontestáveis. Ela capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para seu melhor proveito, conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas deles. (FREUD, 1930, p. 100).

Os seres humanos apresentam uma tendência inata para o descuido, a irregularidade e a irresponsabilidade já que seu universo pulsional nunca é totalmente educável. Por isso, é necessário um laborioso trabalho para se estruturarem psiquicamente, incluindo desta forma as leis e os limites necessários para viver em sociedade, o que inclui sustentar os valores da cultura, tais como: a beleza, a limpeza e a ordem. Tais valores tornam-se importantes na medida em que disponibilizam os investimentos libidinais individuais em prol da vida coletiva. A força motivadora de todas as atividades humanas é um esforço desenvolvido no sentido de confluir a utilidade - encontrada na limpeza e na ordem -, e a obtenção de prazer - encontrada na beleza (FREUD, 1930).

É possível observar no esporte a importância das leis e dos limites, geralmente, sustentados pelos árbitros. A beleza, a limpeza e a ordem também podem ser notadas na especificidade da cultura esportiva. A ginástica olímpica, por exemplo, é uma modalidade esportiva que enfatiza a importância de tais valores, os quais são fundamentais em seu critério de notas, destacando a plasticidade dos movimentos como algo fundamental na competição.

¹⁶ Ver p. 68.

Assim, a beleza, a ordem e a limpeza decorrem da existência de uma lei fundante da condição de cultura, dizendo respeito à discussão do processo de civilização, sendo que o passo decisivo para a sustentação desta condição foi a substituição do poder do sujeito pelo poder de uma comunidade, ou seja, o deslocamento do investimento libidinal do campo da satisfação particular e imediata para o investimento mediatizado no campo da cultura e da coletividade. Dessa maneira, foram criadas pelo sujeito diferentes atividades que o possibilitou substituir seus impulsos libidinais e agressivos, ou melhor dizendo, deslocar seu investimento pulsional. Entre as possibilidades encontradas pelo homem para esse deslocamento há a sublimação¹⁷ das pulsões, um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural, que significa obter prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual, extremamente importantes na vida civilizada, como as artes. As condições que cada ser humano tem de acesso e interesse por essas atividades variam conforme sua organização psíquica.

Nesse sentido, o esporte é uma atividade que pode ser sublimatória e que, via processo civilizador, permite a praticantes e torcedores um espaço legalizado à manifestação de seus desejos inconscientes represados. Ao mesmo tempo o esporte também pode ser cenário de produção de sintomas, além de inibições e angústia. Porém, o que efetivamente faz a diferença não é a prática do esporte em si, mas o que isso pode realizar psiquicamente para cada sujeito em questão a cada vez. Ou seja, a prática do esporte pode ser sublimatória quando realiza, via um valor coletivo, a satisfação pulsional mais primária do atleta. Mas essa prática também pode ser cenário da produção de sintomas por implicarem o retorno do recalçado, isto é, uma formação de compromisso entre as diferentes exigências e tendências presentes no psiquismo.

Essa possibilidade de manifestação de desejos é “controlada” pelos regulamentos tanto para os atletas (as regras do jogo), como para os torcedores (regulamento do torcedor). Mas, tanto um quanto o outro, muitas vezes, ultrapassa os limites próprios à agressividade concernente à ação, podendo chegar à violência. Certamente a agressividade é um componente necessário para o vigor da participação dos envolvidos no jogo. Porém, isso não

¹⁷ Sublimação: “Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual.” “Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 495).

descarta que, levada a extremos, a agressividade possa dar ensejo às manifestações sintomáticas de atos violentos de destruição. Mais uma vez, notamos que o que determina o tipo de desenlace das pulsões é aquilo que realiza psiquicamente cada sujeito em questão e não apenas a cena passível de observação. Trata-se de escutar algo nas entrelinhas, nos não-ditos que se encontram na cena do inconsciente represado, a isso podemos chamar de escuta diferenciada, ou seja, usando uma expressão do próprio Freud, é o que está numa Outra cena, uma cena psíquica, cujo acesso a psicanálise visa explorar. *Assim, escutar, incluir algo, não é o mesmo que atender à demanda envolvida na ocasião, mas levá-la em conta no encaminhamento dado a cada situação. Isso significa estar atento, considerar as diferenças, colocar em perspectiva, respeitar a ideia que o outro possa encontrar os meios de realizar seus propósitos.*

As situações de violência são inúmeras. Os motivos são individuais e, às vezes, também coletivos. Pode acontecer que, tanto os atletas quanto os torcedores, incentivem um ao outro a esse desfecho, ou seja, uma briga entre atletas de futebol pode ser um fator de incentivo aos torcedores para que esses também briguem, assim como, talvez com menos frequência, os torcedores brigando pode ser um fator motivador para os atletas jogarem “mais duro”, podendo ser uma forma de transgressão às regras, expressão da agressividade sob certas condições.

Voltando à sublimação, podemos dizer que esta não proporciona uma proteção completa contra os sofrimentos, pois não cria uma armadura impenetrável contra as investidas do destino e, geralmente falha quando a fonte de sofrimento é o próprio corpo da pessoa. Na busca pelo prazer, o homem tem à sua disposição diversos caminhos para alcançá-lo, mesmo que temporariamente, assim como evitar o desprazer, ou o sofrimento. Nenhum desses caminhos leva a tudo que se deseja e não existe uma regra que se aplique a todos. Todo homem tem que descobrir por si mesmo como alcançar seus objetivos. Freud (1930, p. 91) ainda complementa: “É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos”.

Nessa busca, a constituição psíquica humana desempenha papel decisivo e é fruto das relações do corpo com as condições externas. Com isso, Freud (1930) propôs três tipos de atitudes do ser humano na cultura: se o homem for predominantemente erótico dará preferência aos seus relacionamentos emocionais com outras pessoas. Caso seja narcisista,

tenderá a ser auto-suficiente e buscará suas principais satisfações em seus processos psíquicos internos. Por fim, se for um homem de ação nunca abandonará o mundo externo, onde poderá testar suas forças. Curiosamente podemos reconhecer essa mesma diversidade no cenário esportivo.

Independente da constituição psíquica do sujeito, qualquer escolha levada ao extremo o condena a se expor a perigos. Talvez, seja mais promissor o que nos aconselha a sabedoria popular: não buscar a totalidade de nossa satisfação numa só aspiração. Porém, não se priva dos desejos impunemente, se a perda não for economicamente compensada, sérios distúrbios podem ocorrer.

2.2 Agressividade, culpa e punição

Mesmo com diferentes constituições psíquicas encontradas entre os homens-atletas, é possível pensarmos que as manifestações esportivas sejam consideradas à luz da ideia freudiana que afirma não ser possível eliminar totalmente os impulsos agressivos dos homens, mas desviá-los, como já comentado¹⁸. Isto é, no esporte, o homem, seja como atleta, seja como torcedor, consegue deslocar uma porção da sua agressividade, a qual não pode ser manifestada em qualquer lugar, mas que encontra espaço nesse contexto. Mesmo com seus limites, isso já é suficiente para que os mesmos se satisfaçam com a possibilidade dessa manifestação “regulamentada”. Afinal, a inclinação para a agressividade faz parte da constituição do ser humano, por isso, em algum momento esta precisa ser manifestada, ou melhor, deslocada; seja dirigida para fora ou para dentro do próprio sujeito, quanto de formas mais produtivas ou destrutivas.

Quando esta agressividade é projetada para dentro, o sujeito encontra uma maneira de inibi-la, de forma que esta se torne inofensiva ao ele próprio que a sente, não deixando de, com isso, criar tensões psíquicas ao próprio sujeito. A tensão inconsciente entre o Eu e o Supereu é chamada de sentimento de culpa, e se expressa no nível, algumas vezes consciente, como um desejo de punição. É por meio da culpa inconsciente, por exemplo, que a

¹⁸ Ver p. 52.

civilização consegue dominar o perigoso desejo de agressão do sujeito. Em outras palavras, Freud (1930) considerava a culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização e que o que pagamos por nosso avanço é a intensificação da culpa, reguladora das mobilizações agressivas, sendo então o preço uma perda de felicidade. A culpa inconsciente é então, uma parcela assumida por cada um que passa a integrar e a sustentar o âmbito do coletivo, e o avanço da cultura.

O sujeito é marcado pelo efeito inconsciente de culpa desde que é inserido na sociedade, ou seja, desde que nasce. E isso não significa, necessariamente, que ele fez algo considerado socialmente “mau”, uma vez que a intenção também é considerada equivalente ao ato, mas que existe uma lei que limita o livre escoamento de suas tensões pulsionais. Qualquer uma dessas situações - fazer ou ter a intenção de -, contudo, pressupõe que o sujeito já sabe que o que é mau é algo que não deve ser feito. Porém, o que é considerado mau não é, necessariamente, prejudicial ou perigoso ao Eu; ao invés disso, pode ser algo desejável e prazeroso ao Eu. O que justificaria essa atitude contrária ao prazer está no desamparo e sua dependência em relação a outras pessoas, principalmente aqueles implicados em sua estruturação psíquica, a saber, os que desempenham a função paterna e materna, seus ideais, ou seja, a autoridade parental. Vale lembrar, a autoridade parental constitui a própria matriz do que representará a lei para o funcionamento psíquico, o Supereu.

Essa perda poderia colocar o sujeito em risco, uma vez que a pessoa amada o protege de uma série de perigos ou se mostre superior sob forma de punição. Portanto, mau é tudo aquilo que com a perda do amor nos faz sentir ameaçados. E por esse medo, o evitamos. Esta também é a razão porque faz tão pouca diferença que já se tenha feito algo mau ou apenas tido a intenção. Pois, em qualquer situação, o perigo só se instaura se e quando a autoridade parental ou do Supereu descobri-lo.

O esporte é uma atividade que possibilita às pessoas deslocarem seu desejo de agressividade e não se sentirem culpadas por isso. Desta perspectiva, podemos enfatizar que a ação do Supereu implica disciplina via punição, mas também orientação quanto ao que é permitido, em outras palavras, indica o que é proibido, mas também o que é permitido, já que representa a lei para o funcionamento psíquico. Na prática esportiva há regras - a partir das quais os atletas sabem o que podem ou não fazer -, e árbitros - esses últimos, analogamente como um

“Supereu”, significando a lei para cada participante do contexto esportivo, principalmente aos atletas. Como o esporte é uma extensão da sociedade, em que as relações sociais podem ser representadas e até mesmo aprendidas por meio de sua prática, este possibilita ao atleta uma exploração de sua organização psíquica semelhante a que ele realiza em outros ambientes. Isso o auxilia na internalização das regras sociais, as quais são necessárias para viver na civilização, assim como o ajuda, a saber, os possíveis modos de direcionamento de sua agressividade.

Ao contrário do que habitualmente se considera como sendo sentimento de culpa, aprendemos com Freud que a consciência de culpa é efeito do sentimento de culpa que é inconsciente, e atende a exigência de punição e disciplina exigida pelo Supereu. Assim, quando alguém se vê ameaçado pela realização de uma má ação, o sentimento deveria mais propriamente ser chamado de remorso, o que pode ser consciente. O remorso, assim, jamais pode ajudar-nos a descobrir a origem da consciência e do sentimento de culpa em geral, que é inconsciente.

Levando em consideração tais ideias, podemos notar que nas situações esportivas e de competição, algumas vezes, são confundidos culpa e remorso - este último como exigência de punição -, tomando as mobilizações (tensões) inconscientes particulares, por exemplo, do atleta, e tentando reduzi-las ao comportamento apresentado pelo mesmo no seu desempenho em jogo. A culpa é sempre inconsciente e coletiva, ao ser reconhecida, ela já é remorso. *Nesse sentido, algumas vezes um atleta muito adaptado ou, até mesmo submisso às exigências do técnico, pode, com isso, estar sendo guiado por um alto nível de exigência do Supereu que lhe cobra renúncias via punição em relação a certas tensões cada vez maiores.* Sendo assim, seria interessante perguntar se tal suposta adaptação não seria sintomática e até mesmo algo ao que se deve dar maior atenção e lugar para encontrar formas mais apropriadas de expressão. Por isso, a proposta é que consideremos que a atitude do atleta seja vista como efeito, cuja causa encontra-se em *Outra cena, isto é, no campo de seu funcionamento psíquico, tensões e exigências de seu Supereu.*

2.3 Esporte moderno como espetáculo civilizado

De acordo com Elias e Dunning (1992) muitos esportes, atualmente praticados, tiveram sua origem na Inglaterra. Sua propagação, inclusive para países europeus, ocorreu,

principalmente, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. O termo inglês *sport* também foi largamente adotado por esses países para esses tipos de atividades, consideradas na época apenas passatempos. Os primeiros tipos de esportes ingleses adotados na sua difusão foram as corridas de cavalo, o pugilismo, a caça à raposa e passatempos semelhantes. Em relação aos jogos com bola, como o futebol e o tênis, sua difusão começou mais tarde, somente na segunda parte do século XX.

Mas, a análise sociológica dos jogos iniciou-se bem antes, na Antiguidade Clássica, época dos primeiros jogos olímpicos¹⁹, quando as regras para acontecimentos atléticos “duros”, como o pugilismo e a luta, admitiam um grau de violência muito mais elevado do que aquele que é admitido pelas regras dos esportes atuais, os quais não têm regras forjadas no costume, mas sim regras escritas, sujeitas explicitamente a uma crítica racional e a revisões. Para Elias e Dunning (1992, p. 196):

O nível superior da violência física nos próprios jogos da Antiguidade era mais do que um dado isolado. Isso era sintomático de traços específicos da organização da sociedade grega, em especial no estágio de desenvolvimento alcançado por aquilo que nós hoje designamos por organização de “Estado” e pelo grau de monopolização da violência física nele integrada.

O grau de violência nos jogos era tão elevado que a honra estava “em jogo”, conforme fosse o resultado da luta. Por isso:

Vencer inimigos ou adversários era motivo de glória, mas dificilmente seria menos glorioso ser vencido [...] desde que se lutasse o mais que pudesse até ser mutilado, ferido ou morto e não pudesse lutar mais. A vitória ou a derrota estavam nas mãos dos deuses. Renunciar à vitória, sem uma demonstração de bravura e de resistência, é que era inglório e vergonhoso. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 204).

Sabia-se que se poderia até perder e ficar vivo, mas era preciso demonstrar que se tinha lutado o mais bravamente até, no mínimo, ficar em condições de não mais lutar (ELIAS, 1994). “Na verdade, uma das principais justificativas dada para os esportes na antiga Grécia era que se tratava de uma formação para a guerra” (DUNNING, 2003, p. 65).

¹⁹ Os Jogos Olímpicos eram os jogos mais apreciados entre todos os jogos da Grécia. Eles ocorriam em Olímpia, de 4 em 4 anos, em honra de Zeus. Quando se aproximava a data fixada, mensageiros iam convidar todas as cidades gregas a se representarem. Caso houvesse guerra, suspendia-se por oito dias. Os Jogos Olímpicos terminavam com a distribuição solene, dos prêmios aos vencedores, que recebiam simples coroas de oliveira. “Ser campeão olímpico era o melhor título de glória que podia ambicionar um grego” (RUESCAS, [199-?], p. 78).

Como comentado quando discutida a culpa, as manifestações esportivas estavam intimamente relacionadas e com o mesmo nível de desenvolvimento que a estrutura social da época, ou seja, as relações entre os diferentes aspectos da mesma sociedade, com seus diferentes valores, mas sempre interdependentes.

Na Idade Média a agressividade também era uma característica marcante nos jogos, mas algumas regras que minimizavam essa característica já se formavam com pequenas variações entre os países europeus. Contudo, o importante foi que entre os séculos XII e XVI, os torneios apresentaram um processo civilizador com competições que foram se transformando cada vez mais em espetáculos, com uma violência mais fingida que real, ou seja, nesta época o importante passou a ser o espetáculo e o show, pois à medida que o processo foi se tornando mais civilizado, o papel dos espectadores teve mais importância, sobretudo das mulheres de classe alta, como cita Guttmann (1986, p. 41 apud DUNNING, 2003, p. 66):

A presença das mulheres nos torneios aponta tão claramente para a transformação (dos torneios) em uma função. A perfeição das proezas militares tornou-se secundária e os torneios tornaram-se uma produção teatral onde a aplicação das regras se associava com o refinamento da sensibilidade. (tradução nossa)

A participação das mulheres no esporte, como atletas, também foi importante, pois mesmo com tantas novas limitações sociais, certas normas foram extintas ou enfraquecidas, como as roupas de banho. Com isso, no século XIX, por se acreditar que a sociedade já possuía hábitos considerados adequados, e por conta do desenvolvimento dos esportes entre ambos os sexos, os trajes de banho puderam surgir e com certo grau de liberdade a mulher pôde usá-los em público (ELIAS, 1994).

Antes do processo civilizador discutido nesse texto, o ambiente esportivo valorizava, praticamente, apenas a demonstração de força dos competidores assim como sua vitória, culminando, às vezes, na morte do perdedor. A partir desse outro momento em que emerge nova estrutura social há outros valores em destaque. Isso não significa que a competição e a vitória não sejam mais importantes. Porém, mais do que a força, as competições começam a valorizar muito mais a combinação da capacidade e habilidade do competidor. Isso dá um caráter diferenciado à competição que passa a ser considerada como um evento-espetáculo, no qual as pessoas, para além de assistir a competição, transitam nesse ambiente para verem e serem vistas.

Na segunda metade do século XVIII e no século XIX, a hegemonia global do Ocidente foi crucial para a extensão do esporte moderno. Com a Inglaterra considerada modelo, algumas atividades de lazer que exigiam mais esforço físico que outras, foram consideradas, também em outros países, com características de esporte. As regras tornaram-se mais rígidas, mais explícitas e mais diferenciadas. A vigilância quanto ao cumprimento dessas tornou-se mais eficiente, por isso passou a ser mais difícil fugir às punições quando as regras eram violadas. Sob a forma de esportes, os confrontos tornaram-se mais organizados, pois as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável proteção contra os ferimentos físicos. A partir dessa organização pôde-se definir que:

O desporto - qualquer que seja - é uma actividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. Mas todos os tipos de desportos têm funções específicas para os participantes, para os espectadores ou para os respectivos países em geral. Quando a forma de um desporto fracassa na execução adequada destas funções, as regras podem ser modificadas. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 230).

Nessa fase, os grupos esportivos passaram a representar tipos de configurações sociais, ou seja, para a existência do esporte não só foram necessários os atletas/jogadores, juízes/árbitros e espectadores/consumidores, como também aqueles que os dirigem e representam perante os órgãos legislativos e administrativos. Todos esses participantes do contexto esportivo estão interligados no contexto social, seja em nível local, regional, nacional ou internacional. A partir dessa organização foi possível ocorrer classificações hierárquicas dos atletas do sexo masculino e feminino e das equipes esportivas, o que também demonstra que as pressões que atuam nas sociedades urbanas industriais reproduzem-se na esfera esportiva.

Assim descrevem Elias e Dunning (1992, p. 321):

Em resultado disso, os desportistas de alto nível, homens e mulheres, não podem ser independentes e jogar por divertimento, sendo obrigados a dirigirem-se para os outros e a participar nos desportos com seriedade. Isto é, não podem jogar para si próprios, sendo forçados a representar unidades sociais mais vastas, como cidades, distritos e países. Como tal, fornecem-lhes material e, ou também, recompensas de prestígio, facilidades e tempo para o treino. Em contrapartida, espera-se que realizem uma “actuação-desportiva”, isto é, o tipo de satisfações que os dirigentes e os “consumidores” do desporto exigem, nomeadamente o espetáculo de um confronto excitante que as pessoas

se dispõem a pagar para assistir ou a validação, através da vitória, da “imagem” e da “reputação” da unidade social com a qual se identificam esses dirigentes e “consumidores”. Todas as pessoas envolvidas e o quadro competitivo local, regional, nacional e internacional do esporte moderno trabalham no mesmo sentido.

Essa organização global do esporte aponta para uma profissionalização dos atletas, descaracterizando a prática amadora, a qual tem como principal objetivo o prazer imediato, ou a prática pela prática, de curta duração, mais conhecida como lazer. Para Elias e Dunning (1992), o esporte como competição reforça o sentido de grupo, de identificação coletiva, ou seja, a ideia de se “pertencer ao grupo” e de estar “fora do grupo”, de “o nosso grupo” ou de “o grupo deles”, no quadro de uma variedade de níveis, como os de bairro, cidade, estado ou país. Porém, o que alimenta o sentimento dessa identificação é a existência da oposição, seja entre atletas ou equipes. Por meio dessas competições, “[...] o esporte proporcionou a única ocasião em que unidades sociais complexas e impessoais, como, por exemplo, as cidades, podem unir-se” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 324-325). Da mesma forma, isso ocorre em nível internacional como nos Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais, proporcionando o aumento da interdependência internacional e da existência, com várias exceções notáveis, de paz mundial frágil e instável.

Os Jogos Olímpicos da era moderna serviram de palco para manifestações políticas e para a promoção da amizade entre os povos, indicando, assim, a possibilidade de um destino simbolizado das tensões que habitualmente conduziriam à agressividade ou até mesmo à violência. Embora o esporte de competição não elimine tais destinos habituais dessas tensões, podemos reconhecer neste, uma via que vem ganhando cada vez mais espaço.

Dentre as edições das Olimpíadas sucederam algumas ocorrências que destacamos como expressões de força simbólica que a perspectiva esportiva pode produzir.

Nesse sentido, as Olimpíadas de Berlim, em 1936, eram tidas por Adolf Hitler como uma oportunidade de propaganda de seus ideais nazistas, ou seja, provar a supremacia da raça ariana também no esporte. Mas, com a possibilidade de boicote de alguns países, Hitler resolveu dar uma trégua aos judeus nesse período. Com isso, muitos países “respiraram aliviados” e participaram do evento, fazendo desta uma das Olimpíadas com maior êxito popular, chegando a mais de três milhões de espectadores nas arquibancadas e com uma novidade: a transmissão pela televisão. Contudo, para surpresa de Hitler, foi um norte-americano negro, neto

de escravos, Jesse Owens, o grande campeão no atletismo, conquistando o ouro no salto em distância, nos 100m, 200m e 4x100m. Owens entrou para a história das Olimpíadas não só por suas conquistas, mas também por ter estragado a festa de Hitler. Tais ideais, no entanto, não incomodaram a todos. Um rival de Owens nas pistas, o alemão Lutz Long não entrou em tal clima e cultivou com o adversário uma relação de amizade durante a Olimpíada de Berlim. Long não se importou com os olhares dos poderosos, e com isso os dois atletas conversavam animadamente durante os intervalos das competições (CARDOSO, 2000; HISTÓRICO DAS OLIMPÍADAS, 2008a; BERLIM, 2012; EDUCATERRA, 2012).

Já em 1972, outro episódio nos mostrou o quão indestrutíveis são as forças agressivas e narcisistas do ser humano. A Olimpíada de Munique, na Alemanha, poderia ser um evento para ficar na história por seu gigantismo, mas sua marca foi a morte de 18 pessoas, entre elas atletas israelenses, terroristas palestinos e policiais. O incidente paralisou o evento por 34 horas e se cogitou o cancelamento dos jogos (CARDOSO, 2000; HISTÓRICO DAS OLIMPÍADAS, 2008b).

Por outro lado, esta complexidade dos destinos da agressividade e do narcisismo humanos, embora não sejam elimináveis, abrem um novo caminho para o processo civilizatório. Devemos, nessa perspectiva, insistir que é na inclusão da luta entre nossa natureza - agressiva e egoísta - e a cultura - via simbólico e a lei -, seja em grandes eventos esportivos ou no dia-a-dia do atleta em seus treinos, que se encontra a possibilidade de fazer desse exercício um recurso cada vez mais efetivo para a sustentação do simbólico.

Nesse contexto de reflexão, há a fase de boicotes aos Jogos Olímpicos iniciada em 1976, nos jogos de Montreal, Canadá, o qual, apesar de toda segurança e de nenhuma ocorrência grave, viu a paz deixar de reinar logo após a cerimônia de abertura. Isso ocorreu porque, liderados pela Tanzânia, 22 países africanos abandonaram os jogos por discordarem da participação da Nova Zelândia, uma vez que sua seleção de rúgbi (esporte não-olímpico) havia

realizado uma turnê pela África do Sul, excluída da Olimpíada devido ao *apartheid*²⁰ (CARDOSO, 2000; HISTÓRICO DAS OLIMPÍADAS, 2008c).

Com o advento da Guerra Fria²¹ os Estados Unidos e a ex-União Soviética protagonizaram os próximos boicotes das Olimpíadas.

Em 1980 as Olimpíadas de Moscou sofreram com o boicote dos Estados Unidos. Os soviéticos também tinham o interesse de apresentar ao mundo a glória do regime comunista. Mas, devido a uma ação militar deste país contra o Afeganistão, Jimmy Carter, o então presidente dos Estados Unidos, anunciou, um ano antes, o boicote ao evento, conseguindo ainda a adesão de mais 61 países. Com isso, tais diferenças políticas transformaram e esvaziaram a competição (CARDOSO, 2000; HISTÓRICO DAS OLIMPÍADAS, 2008d).

Nas Olimpíadas seguintes, em 1984, foi a vez dos soviéticos e seu bloco de aliados socialistas, como Cuba e Alemanha Oriental, alegando problemas de segurança, não participarem do evento realizado em Los Angeles, pelos norte-americanos. Apenas nas Olimpíadas de Barcelona, em 1992, a competição voltou a contar com a maioria dos países (CARDOSO, 2000; HISTÓRICO DAS OLIMPÍADAS, 2008e).

Em outras ocasiões a paz pôde até mesmo ser instaurada em nome do esporte. Esse foi o caso do dia em que Pelé parou uma guerra temporariamente. Esse fato ocorreu em 1969, em uma excursão do time do Santos à África, quando o antigo Congo Belga vivia uma guerra civil. Ao chegar ao país para um jogo amistoso, os dirigentes dos Santos foram informados do conflito e do conseqüente cancelamento do mesmo. A notícia de que a população não poderia ver o então 'rei do futebol' jogar causou uma grande comoção no país, inclusive entre as partes em luta. Com isso, os conflitantes entraram em acordo e pararam a guerra para que o jogo fosse realizado. O Santos pôde realizar dois jogos na região - sendo um em cada parte do território em guerra -, e a paz reinou nesse período, sem que qualquer tiro fosse disparado. Contudo, assim que

²⁰Apartheid era um regime segregacionista, adotado de 1948 a 1995, que negava aos negros, mestiços e minorias de origem asiática da África do Sul os direitos sociais, econômicos e políticos (MICHAELIS, 1998).

²¹Guerra fria é o nome dado a um período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a ex-União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991). Em resumo, foi um conflito de ordem política, militar, tecnológica, econômica, social e ideológica entre as duas nações e suas zonas de influência (GOMES, 2012).

a delegação deixou o país, a guerra recomeçou (AS MALUCAS, 1974; KINGMA, 2008; UM TRIBUTO, 2010).

Mas a popularidade do esporte também pode ter outras razões, como descreve John Fiske (apud DUNNING, 2003, p. 11) “[...] uma das razões da popularidade do esporte para se assistir (espetáculo) é sua capacidade de desconectar o mecanismo disciplinar do mundo do trabalho”. No entanto, o nível de civilização dos esportes depende do nível de civilização das sociedades, ou seja, o objetivo do esporte, em todas as sociedades, é cumprir a função de “sair da rotina” por meio do descontrole dos controles emocionais, se bem que este chamado descontrole se torna mais controlado em sociedades que se tornam mais civilizadas e rotineiras, diferentemente, por exemplo, daquelas em que há guerras constantes.

Segundo Dunning (2003), para que o esporte provoque o descontrole socialmente desejado, é preciso que haja um equilíbrio entre as regras esportivas e as normas sociais. Se o controle for rígido demais o esporte ou seu resultado pode se tornar previsível e não atrativo. Por outro lado, se for pouco controlado, talvez as pessoas transcendam os limites do que se considera civilizado. Normalmente, quando a manifestação das pessoas pelo esporte torna-se muito agressiva tanto o governo nas diversas esferas, quanto os responsáveis pela sua regulamentação podem, e geralmente, intervêm. No sentido contrário, quando o interesse das pessoas pelo esporte começa a diminuir, a intervenção é dos responsáveis pela sua regulamentação, pois entra em questão também a comercialização/profissionalização do mesmo e seus rendimentos. Afinal, o controle ou o poder é uma característica estrutural de todas as relações humanas.

Tendo como base a teoria freudiana (1930), tanto a intervenção do governo quanto dos responsáveis pela regulamentação do esporte, no sentido de minimizar a agressividade dos atletas pela alteração das regras, por exemplo, é semelhante à intervenção dos pais sobre seus filhos quando estes se apresentam muito agressivos. A autoridade exercida pelos que detêm o poder, muitas vezes, faz com que os atletas, assim como os filhos se sintam na obrigação de obedecer, caso contrário eles podem perder o direito de jogar. Essa autoridade externa faz com que o sujeito novamente renuncie às suas pulsões, e organize essa renúncia por meio de uma autoridade interna - o Supereu -, ou a consciência que o faz acreditar que algumas de suas atitudes são merecedoras de punição.

Dunning (2003) acreditava que, para compreender as raízes da evolução esportiva era preciso compreender a transformação global da sociedade em que, mais do que o avanço econômico ocorrido a partir da industrialização, foram predominantes os avanços políticos e legais, assim como também os hábitos sociais. No caso dos esportes, houve a eliminação de certas formas de violência física e a exigência de que os jogadores exercessem um controle mais severo em relação ao contato físico e dos impulsos agressivos de origem social. Como parte desse processo os árbitros exercem a função de controlar os jogadores impondo a eles sanções ao invés de castigos físicos, ou seja, sanções pacíficas e centradas no esporte. Isso significa que os esportes atuais diferem dos jogos da antiga Grécia e de Roma, assim como de seus antecedentes da Idade Média e do período contemporâneo europeu, apresentando-se como um exemplo de processo civilizador.

Assim, como o esporte faz parte da civilização, também encontramos nele expressões da inclinação para a agressividade do ser humano, a culpa e o remorso, e é concebível que as pessoas envolvidas nesse meio não percebam a culpa (o Supereu é o regulador da culpa) produzida nas suas relações humanas, que aparece como uma espécie de mal-estar ou uma insatisfação para a qual poderão encontrar outras formas de satisfações.

Tendo como referência os efeitos do processo civilizador no contexto esportivo, discutido neste capítulo, no decorrer deste trabalho, o que mais nos interessa é discutir como as questões psíquicas, em especial a angústia, oriundas desse processo, atuam no esporte.

CAPÍTULO III
O ESPORTE DE COMPETIÇÃO À LUZ DA
TEORIA DAS PULSÕES

Enquanto ciência não treinável tampouco imediatista, a psicanálise tem em seu conjunto de atividades a busca do prazer e a fuga do desprazer como resultado das representações associadas às lembranças de experiências agradáveis e desagradáveis, positivas ou negativas que se incluem no inconsciente do sujeito e que podem estar presentes nas mais diversas ações desportivas.

(Fernanda Ramirez, 2001, p. 1).

O tema “Destinos das pulsões” abordado nesse capítulo tem como objetivo elucidar o âmbito esportivo, com referência a um campo de conhecimento próprio da organização psíquica do atleta. Por isso, além da discussão dos destinos das pulsões são incluídos os dois princípios reguladores do funcionamento psíquico do sujeito - a via do princípio do prazer-desprazer e, posteriormente, a do princípio da realidade, bem como as condições do além do princípio do prazer - pulsões de vida e de morte, os quais interferem tanto na ação de cada atleta, como da comissão técnica e dos torcedores.

Como dito anteriormente, a metapsicologia refere-se à Outra cena e não à cena do observável, e este capítulo visa chamar a atenção para a importância da escuta do sujeito-atleta. Desta forma, agrega-se outro olhar, diferente daqueles lançados sobre suas atitudes, até mesmo quando se trata de situações corriqueiras da vida do atleta, como, por exemplo, no atendimento ou não das solicitações do técnico. Isto não significa psicanalisar os atletas, mas apontar para uma abordagem que considera o que está além do visível, lançando mão da psicanálise aplicada em prol do âmbito esportivo.

3.1 Pulsões e suas implicações

Em 1915 Freud escreveu um texto sob o título “Pulsões e destinos da pulsão”, no qual procurou explicitar quais as implicações existentes para a ação do sujeito. Por pulsão podemos compreender:

Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 394).

Freud (1915c) diferencia estímulo que advém do mundo externo, como a claridade de uma lâmpada, de estímulo pulsional, que provém do próprio organismo, como a percepção de uma dor de estômago. O estímulo pulsional, ou a pulsão, também age diferentemente no psíquico e requer diferentes ações para eliminá-lo. Por exemplo, o estímulo, por si só, tem como essência agir num único impacto e pode ser neutralizado por uma única ação apropriada; o mais comum numa situação dessas é a descarga motora diante de uma fonte de estímulos, como chorar diante de uma situação triste. Mesmo que esses estímulos se repitam, em nada muda a compreensão que temos desse processo e as condições necessárias para sua suspensão. A pulsão, ao contrário, nunca age como força momentânea de impacto, mas sempre como força constante, nunca pára, ou seja, nunca deixa de existir. E como sua origem é o próprio organismo, a descarga motora é pouco efetiva e, embora apazigúe, o nível de tensão é sem serventia.

Sabendo da diferenciação descrita acima, ou seja, entre o estímulo que o técnico pode representar para o atleta, e estímulo pulsional ou pulsão, pela qual o atleta se vê mobilizado, podemos compreender porque as reações de atletas, após as orientações de um técnico, são tão diferentes. Isto se deve ao fato de que o estímulo pulsional é decisivo para a maneira como o técnico será levado em consideração (investido) por cada atleta, a cada momento, pois é a partir daí que este poderá significar um estímulo para o atleta. Ainda assim, devemos considerar que dependerá do atleta o efeito que aquele estímulo implicará. Nesse contexto, não caberia ao técnico buscar explicações sobre essas diferentes mobilizações, mas incluí-las, ou seja, contar com o fato de que a mobilização é singular.

Freud (1915c) destacou alguns elementos do conceito de pulsão, tais como: *pressão, meta, objeto e fonte*.

Por *pressão* de uma pulsão entende-se seu fator motor, a soma da força ou a medida de trabalho exigida por ela. Essa característica de exercer pressão é uma propriedade fundamental das pulsões; sua própria essência.

A *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação, obtida apenas quando o estado de estimulação presente na fonte pulsional é, ainda que parcialmente, realizada. Embora a meta final de toda pulsão seja sempre a mesma - sua satisfação -, são diversos os caminhos que podem

conduzir a esta. Isso significa que uma pulsão pode ter numerosas outras metas mais próximas ou intermediárias, que se combinam ou até se permutam entre si. Há também um gênero de pulsões denominadas “inibidas quanto à meta”, considerados aqueles processos que foram tolerados enquanto avançavam apenas um pouco em direção à satisfação pulsional, e em seguida foram inibidas ou desviadas de seu percurso. Mesmo assim, cabe supor que também nesses casos, há ao menos uma satisfação parcial.

No caso do atleta há muitos objetivos que este tenta alcançar, via pela qual sua satisfação pulsional é o motor. Tendo como referência um jogo de futebol, podemos imaginar um atleta tendo diversos embates com seus adversários e que, numa “dividida” com um deles, por exemplo, apenas um poderá conseguir a posse de bola para si ou sua equipe. O atleta pode nessa situação, percebendo que não conseguirá a posse de bola, atingir seu adversário de forma que o árbitro compreenda essa atitude como uma violência que deve ser punida com marcação de falta ou, até mesmo, com cartão. Nesse caso, podemos considerar que o atleta, além de satisfazer-se agressivamente, mesmo não conseguindo a posse de bola, pôde ter alcançado outra satisfação pulsional, aquela em prol do objetivo do time, atingindo o adversário e o impossibilitando de prosseguir com a jogada. Isso significa que sua pulsão, inicialmente inibida quanto à meta quando em relação à ideia de conseguir a posse de bola, pôde ser satisfeita ao deslocar-se para outra ação.

No futebol, essa atitude é recorrente em situações em que o adversário está com a posse de bola e em vantagem quanto ao posicionamento em relação ao seu gol de ataque. A falta, nessas ocasiões, é comum e muitas vezes, a última tentativa do atleta da defesa impedir que este continue em direção à sua satisfação, à sua meta.

Como *objeto* da pulsão considera o que, ou por meio do que a meta pode ser alcançada. Esse é o elemento mais variável na pulsão - entre as pessoas -, e não está originalmente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua capacidade para propiciar a satisfação. Não precisa ser um objeto externo, pode ser uma parte do próprio corpo. Ao longo dos destinos das pulsões, o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos (o que ocorre com os atletas durante um jogo, por exemplo). A esse movimento de deslocamento das pulsões cabem significativos papéis. Pode acontecer também que um mesmo objeto sirva à satisfação de várias pulsões.

O que se coloca como objeto pulsional para cada um é sempre particular e, assim, para o atleta, quando esse faz o que o técnico lhe solicita, permite pensar que exista algum nível de coincidência entre o objeto pulsional deste e o do técnico. Seria o caso do atleta que durante um jogo, mesmo tendo oportunidades diferentes numa “movimentação” prefere fazer o que o técnico pede em treinos, ao invés de tentar algo novo, como criar novas oportunidades de ataque para si e seus companheiros de equipe. Nessa relação que poderíamos considerar quase de dependência, pois o atleta depende do que o técnico quer que ele faça para ele “se moldar”, deixa de existir o desenvolvimento da criatividade, por exemplo. Alguns atletas têm menos interesse em seguir as orientações do técnico, quando em situação de jogo. Nesses casos, podemos considerar que seu objeto de pulsão não coincide com o do técnico. Um exemplo disso ocorre no basquetebol. Alguns técnicos pedem para os atletas utilizarem todo o tempo de ataque que têm (vinte e quatro segundos), trocando passes até encontrarem uma situação mais favorável para arremessar. Com isso, o jogo fica mais cadenciado e a possibilidade do adversário atacar novamente é menor, o que pode ser um fator de equilíbrio do rendimento entre as equipes ou, dependendo das condições do jogo - placar e tempo restante de jogo -, pode auxiliar a manter a vantagem da pontuação, auxiliando a equipe a ganhar o jogo. Mas, alguns jogadores, no intuito de alcançar seu objeto de pulsão acertando um arremesso, nem sempre se atentam para este tipo de orientação do técnico e arremessam assim que têm oportunidade, independente do tempo de ataque restante.

Segundo Ramirez (2003), em situações nas quais se considera que apenas uma pessoa sabe o que deve ser feito em treinos e competições, como por exemplo, o técnico, pode ser criada uma relação de dependência tal que, o aluno ou atleta, pode alienar-se diante da suposição de que o Outro²² (professor ou técnico) é quem sabe do seu desejo. Isso permite interrogarmos quantas vezes não há a valorização do atleta em sua dimensão inconsciente, de sujeito, implicando seus desejos. Dias (2009, p. 55) corrobora com essa ideia ao afirmar que:

Na medida em que o atleta submete-se a um plano de treinamento que o exclui como sujeito de desejo, o que, aliás, é muito comum nesse meio, que não respeita seus limites e suas vontades, corre-se o risco de cair num apagamento subjetivo, num esquecimento de si para atender a esse discurso do Outro.

²² Lugar onde a psicanálise lacaniana situa, além do parceiro imaginário, aquilo que, anterior e exterior ao sujeito (ordem simbólica), não obstante o determina (CHEMAMA, 1995).

Nesse sentido, *é fundamental o técnico incluir os desejos dos atletas, os quais não devem estar unicamente em posição de atender as instruções do técnico, mas também, ou principalmente, participar do treino de forma que o mesmo seja construído a partir da discussão do que é possível ser feito por cada um. Com isso, os atletas passam a ser ouvidos e seus desejos encontram expressão na atividade esportiva. Isso implica o atleta de maneira diferente, seja no desenvolvimento do treino ou da competição, e ainda amplia sua posição ativa em relação aos mesmos.*

José Mourinho é um técnico de futebol renomado. Português, formado em Ciências do Desporto e Educação Física, é filho de um ex-goleiro, Félix Mourinho, e sempre se viu dentro do futebol. Não conseguiu ter uma carreira de sucesso como jogador igual ao seu pai, mas fora das quatro linhas, “[...] sentado no banco de reservas, seja como assistente, tradutor, ou efetivamente como treinador, José Mourinho já escreveu seu nome na história do esporte mais popular do mundo” (EQUIPE UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2009, p. 1). Embora situado em outro escopo de pensamento, produz ideias que corroboram a perspectiva de escuta proposta neste trabalho. Apesar de dar ênfase à via da consciência, em sua proposta de trabalho chamada ‘Descoberta Guiada’, esta possibilita condições para o inconsciente se manifestar, ao sugerir que os atletas discutam e se manifestem quanto ao que fazer em campo:

Jogadores com este nível não aceitam o que lhes é dito apenas pela autoridade de quem o diz. É preciso provar-lhes que estamos certos. A velha história do mister ter sempre razão não é aqui aplicável. [...] O trabalho tático que promovo não é um trabalho em que de um lado está o emissor e do outro o receptor. Eu chamo-lhe a descoberta guiada, ou seja, eles descobrem segundo as minhas pistas. Construo situações de treino para os levar por um determinado caminho. Eles começam a sentir isso, falamos, discutimos e chegamos a conclusões. Mas para tal, é preciso que os futebolistas que treinamos tenham opiniões próprias. Muitas vezes parava o treino e perguntava-lhes o que eles sentiam em determinado momento. Respondiam-me, por exemplo, que sentiam o defesa direito muito longe do defesa central. Ok, vamos então aproximar os dois defesas e ver como funciona. E experimentávamos, uma, duas, três vezes, até lhes voltar a perguntar como se sentiam. Era assim até todos, em conjunto, chegarmos a uma conclusão. É a esta metodologia que chamo a descoberta guiada. (LOURENÇO, 2006, p. 26, grifo nosso).

O quarto elemento citado por Freud é a *fonte* da pulsão, pela qual se compreende o processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo, do qual se origina um estímulo representado psiquicamente pela pulsão. Ou seja, a pulsão é o registro psíquico das excitações provenientes do corpo.

A fonte das pulsões está diretamente relacionada ao processo somático que ocorre em atletas, por meio do qual decorrem diversas reações que os mesmos têm antes do jogo, as quais geralmente desaparecem logo que este se inicia, tais como: vontade de ir ao banheiro, sono, suor nas mãos, tremedeira, aceleração cardíaca, preguiça, cansaço, enfim, todas as possíveis reações que o corpo pode apresentar, como até mesmo, um desmaio. Isto está de acordo com o argumento aqui sustentado de que, a condição psíquica singular de cada atleta é elemento determinante da possibilidade deste lançar mão de seus recursos secundários (princípio da realidade) para realizar sua ação, ou se virá a sucumbir ao excesso de tensão mobilizada, retornando, assim, a uma mera descarga motora, pelas vias do processo primário (princípio do prazer - desprazer).

3.2 Dois princípios reguladores “das pulsões”

Para discutir a conjugação dos elementos das pulsões faz-se necessário compreender os dois princípios reguladores do funcionamento psíquico, o que Freud descreveu em 1911, no texto: “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, diferenciando: o princípio do prazer e o princípio da realidade, considerados respectivamente, o processo primário e secundário.

Os processos psíquicos inconscientes são considerados os mais antigos e primários, remanescentes de uma fase de desenvolvimento na qual eram os únicos existentes. Esses processos primários obedecem ao princípio do prazer (e do desprazer). Como o próprio nome indica, tais processos aspiram à obtenção de prazer. Quanto aos atos que possam provocar desprazer, a atividade psíquica é inibida. Nosso sonho noturno e nossa tendência de, durante a vigília, nos desvencilhar das impressões dolorosas são resíduos do domínio desse princípio. Porém, o estado de repouso psíquico - o sono -, é perturbado pelas exigências oriundas de necessidades internas do organismo. Por isso:

Nesse estado, de modo análogo ao que ainda hoje ocorre todas as noites com nossos pensamentos oníricos, o pensado (o desejado) apresentava-se simplesmente de forma alucinatória. Foi preciso que não ocorresse a satisfação esperada, que houvesse uma frustração, para que essa tentativa de satisfação pela via alucinatória fosse abandonada. Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve então de se decidir por conceber as circunstâncias reais presentes no mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste. Com isso, foi introduzido um novo princípio da atividade psíquica: não mais era imaginado o que fosse agradável, mas sim o real, mesmo em se tratando de algo

desagradável. Essa instauração do princípio da realidade mostrou-se um passo de importantes conseqüências. (FREUD, 1911, p. 66).

A partir do momento em que o princípio do prazer não foi mais suficiente para a satisfação pulsional, foi instaurado um novo modo de funcionamento psíquico, ou seja, o princípio da realidade, o qual tornou necessária uma série de adaptações do aparelho psíquico, sobre as quais Freud deu algumas indicações descritas a seguir.

Como a alucinação é pouco efetiva para proporcionar prazer, ocorre a frustração e o objeto desejado começa a ser importante, ou seja, a realidade vai se instalando. Logo, a realidade externa torna-se mais importante, e com ela, o papel dos órgãos sensoriais voltados para o externo e para a *consciência*. A consciência, além de captar as qualidades de prazer e desprazer, também capta as qualidades sensoriais. Além disso, constitui-se uma função especial, a *atenção*, que precisa fazer uma busca periódica no mundo externo para que os dados sejam conhecidos antecipadamente caso haja alguma necessidade interna inadiável manifesta. A partir de então, é possível que paralelamente, seja introduzido um sistema de *notações*, ou seja, registros - uma parte do que se conhece como *memória* -, com a função de armazenar os resultados colhidos durante a atividade consciente. Nesse processo, o recalque²³, que exclui do processo de investimento uma parte das representações psíquicas que se mostram geradoras de desprazer, é substituído por uma imparcial *avaliação do juízo*, ou seja, pelo *teste de realidade*. A este cabe avaliar se determinada representação é verdadeira ou falsa, ou seja, se está ou não em sintonia com a realidade, o que faz comparando-a com as lembranças deixadas pela realidade.

A remoção dos estímulos pela via motora, que sob o domínio do princípio do prazer se incumbem de aliviar o aparelho psíquico dos estímulos acumulados, utilizando-se de inervações enviadas para o interior do corpo, tem a função de modificar a realidade de modo eficaz, ou seja, *agindo*; uma ação que envolve um objeto. Para postergar a remoção motora desses estímulos (o agir), é necessário o *processo do pensar*. O pensar é formado a partir do próprio ato de conceber psiquicamente e dotado de características que possibilitam o aparelho psíquico suportar o aumento da tensão decorrente do acúmulo de estímulos durante esse

²³ O recalque é uma “Operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma - ameaçaria provocar desprazer realmente a outras exigências” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 430).

postergamento. Por isso, o pensar é, em essência, um agir por ensaio, deslocando pequenas quantidades de cargas de investimento em condições em que há o menor dispêndio delas. Em sua origem, provavelmente, o pensar era inconsciente, ultrapassando apenas o ato de visualizar psiquicamente e se dirigia só às relações entre as impressões deixadas pelo objeto. O pensar somente adquiriu qualidades perceptíveis à consciência por meio da fixação a restos de palavras, ou seja, pela via da linguagem.

O aparelho psíquico tem uma tendência a apegar-se às fontes de prazer disponíveis, assim como dificuldade em renunciar a elas, o que pode ser atribuído ao princípio econômico de poupar esforços. Contudo, com a instauração do princípio da realidade, um determinado tipo de atividade do pensar é afastado do teste de realidade, permanecendo livre e apenas submetido ao princípio do prazer. Ele é o que conhecemos como o *fantasiar*, que se inicia com o brincar na infância e mais tarde prossegue com o *devanear*, deixando de se sustentar em objetos reais.

O processo de substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade tem todos esses desdobramentos psíquicos, porém, essa substituição não ocorre de uma só vez, nem em toda a extensão do psiquismo. A substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade não implica a destituição do primeiro, mas a garantia de sua continuidade, só que de forma modificada. Assim, por exemplo, um prazer momentâneo e incerto acerca de suas conseqüências só é abandonado para assegurar que mais tarde, por outras vias, o prazer seja obtido.

Levando em conta os dois princípios do funcionamento psíquico para exemplificar o que ocorre no esporte, podemos falar que quando consideramos o atleta da perspectiva de seu funcionamento primário, do princípio do prazer, este tenderá a buscar a satisfação via descarga motora o mais rápido possível, independente de suas conseqüências e condições. É o caso do atleta de tênis quando este comete um erro que resulta na perda de um game ou mesmo do jogo, e atira sua raquete ao chão com tal força a ponto de quebrá-la. Isso significa que, de modo imediato o modo de rebaixamento de tensão - o mesmo que descarga motora imediata -, torna mais reconhecível o vigor do princípio do prazer. Trata-se de um dado importante para o técnico, pois ele pode considerar o quão pouco interessante seria aumentar ainda mais a pressão/tensão desse atleta que já está tendo dificuldades em lançar mão de seus

recursos secundários. Nesse caso o técnico pode diminuir a cobrança sobre o atleta ou auxiliá-lo a diminuir sua autocobrança para que o mesmo possa processar as informações do ambiente esportivo a partir do funcionamento psíquico secundário, o que o possibilita refletir sobre seu jogo e mediar sua ação, ao invés de apenas descarregar sua excitação motora, e assim, vir a recobrar sua aposta de ganhar o jogo.

Numa outra situação, quando consideramos o atleta da perspectiva de seu funcionamento secundário, ou seja, do princípio da realidade, este pode suportar suas tensões e aguardar as condições na busca da satisfação/descarga, levando em conta os objetos envolvidos em tal realização. Isso ocorre porque, apesar de sua *consciência* captar o desprazer da situação, sua *atenção* capta os dados do mundo externo, que farão parte de suas *notações*, ou seja, dos registros de suas atividades semelhantes, as quais auxiliarão na sua *avaliação do juízo*, ou do teste de realidade, que avaliará se determinada representação deve ou não ser realizada, e o faz *agir* para remover os estímulos acumulados. No entanto, essa ação precisa de todo esse processamento para que o atleta possa obter êxito. Para isso, é necessário outro elemento, o *processo do pensar*, o qual possibilita ao aparelho psíquico suportar o aumento da tensão decorrente do acúmulo de estímulos ao postergar a ação, quando o atleta conclui que não é o momento mais adequado para agir. Esse postergamento não significa não agir ou demorar em agir, mas sim agir a partir de todas as referências anteriores e atuais avaliadas para que a obtenção de êxito seja a mais provável. Retomando o exemplo anterior, do atleta de tênis que atira sua raquete ao chão com tal força a ponto de quebrá-la, quando regido pelo processo secundário, não teria esta atitude perante as dificuldades do jogo. Esse atleta tomaria as devidas decisões, a partir do processamento decorrente do processo secundário, o que poderia culminar na sua vitória ou derrota, porém num jogo cadenciado, refletido.

Alguns elementos de nossa cultura subsidiam a substituição do princípio do prazer, ou a obtenção do prazer imediato, pelo princípio da realidade, o postergamento da obtenção do prazer. A *religião* é uma delas, ao “prometer” que há recompensas após a morte em troca de renúncias aos prazeres terrenos - seja voluntária ou forçada. Mas, mesmo na intenção de prometer prazeres futuros - após a morte -, impondo renúncias absolutas aos prazeres da vida, as religiões não conseguiram, de forma absoluta, superar o princípio do prazer.

Já a *arte* propõe uma reconciliação dos dois princípios: do prazer e da realidade, uma vez que o artista é uma pessoa que, por não conseguir renunciar à satisfação pulsional requerida pela realidade, afasta-se dela e, no mundo da fantasia, dá livre curso a seus desejos desorganizados e ambiciosos, ou seja, mais primitivos. Contudo, ele é capaz de encontrar o caminho de volta desse mundo da fantasia à realidade, graças a uma condição, fruto dos recursos estruturados em sua organização psíquica, para transformar suas fantasias em realidades aceitas pelas pessoas como imagens valiosas da realidade. O artista só alcança esse objetivo porque outras pessoas, assim como ele, insatisfeitas com a renúncia real a que estão obrigadas, ou seja, porque essa insatisfação/frustração - resultante da substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade - é ela própria uma parte da realidade.

Alguns atletas, assim como o artista, podem ser dotados desse recurso, pois também rompem com as imposições da realidade, mas não totalmente. Na prática de qualquer modalidade esportiva, alguns atletas se entregam às satisfações imediatas do corpo, mas inscreve tal atividade no campo dos valores inscritos na cultura. Dessa forma, o universo esportivo é aceito e vivenciado por diversas outras pessoas de diferentes formas, tais como: espectadoras, compradoras de materiais e matérias esportivas, investidoras nesse mercado, jornalistas, comentaristas etc. Com a participação e apreciação por parte de outros, o distanciamento da realidade se desfaz, e por algum tempo, mesmo que seja apenas durante as competições, excluindo os treinos e todos os outros momentos em que o atleta está só, esse encontro torna o atleta e todos os demais envolvidos na atividade, ligados à realidade, talvez com objetos diferentes, mas com metas semelhantes.

3.3 Pulsões e seus destinos

Freud, em seu texto “Pulsões e destinos da pulsão” (1915c), descreve os possíveis destinos que as pulsões podem ter ao longo de seu desenvolvimento, destinos esses que se contrapõem ao avanço das mesmas, como se fossem modos de defesa contra as pulsões. São eles: a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a própria pessoa; o recalque e a sublimação. Entre estes discutiremos para nossa reflexão, sobre o esporte competitivo, o recalque e a sublimação.

O autor descreveu o recalque como uma possibilidade de investimento das pulsões ao longo de seu percurso, como resistência para impedir sua descarga imediata. Segundo sua teoria (FREUD, 1915b), como a pulsão é uma força interna, o sujeito não tem como fugir dela, pois o Eu não pode fugir de si mesmo. Mas o sujeito percebe que pode rejeitar o conteúdo das pulsões, baseando-se em um juízo de valor (pelo teste de realidade) que o interdita e que pode ser uma providência eficaz.

Mas por que uma mobilização das pulsões (moção pulsional) cederia a tal destino? Aparentemente, a condição para essa ocorrência seria que, ao atingir a meta pulsional, se produzisse desprazer ao invés de prazer. Porém, todas as pulsões que atingem sua meta alcançam algum nível de prazer. “Nesse caso, então, precisaríamos supor circunstâncias especiais, algum tipo de processo pelo qual um prazer obtido a partir da satisfação de uma pulsão fosse transformado em desprazer” (FREUD, 1915b, p. 177). Assim, nessa mesma obra, Freud prossegue:

[...] a pulsão que está submetida ao recalque poderia ter sido satisfeita e que tal satisfação seria, em si, sempre prazerosa; porém, ela seria incompatível com outras exigências e propósitos, e, desse modo, acabaria por gerar prazer em um lugar e desprazer em outro. Então, uma condição para que ocorra o recalque é que a força que causa o desprazer se torne mais poderosa do que aquela que produz, a partir da satisfação pulsional, o prazer. (p. 178).

A essência do recalque é repelir algo como pensamentos, imagens ou recordações, por exemplo, para fora do consciente, assim como mantê-los afastado deste, ou seja, no inconsciente. Sabe-se também, que antes do suceder psíquico se concluir, outros destinos pulsionais tinham a tarefa de repelir as moções pulsionais, tais como o destino da transformação em seu contrário e o redirecionamento contra a própria pessoa, os quais foram, anteriormente, mencionados. No entanto, não é correto afirmar que o recalque mantém afastado do consciente todas as representações derivadas do recalque original - o qual consiste em interditar o representante psíquico das pulsões. O recalcado exerce uma pressão constante em direção ao consciente, a qual precisa ser equilibrada por meio de uma contrapressão incessante.

Há um fator importante a ser considerado no recalque que é o fator quantitativo de afeto relacionado ao representante pulsional que pode ter três destinos: pode ser totalmente suprimido, de maneira que nenhum vestígio deste seja encontrado; ressurgir por meio do investimento do afeto em determinado elemento qualitativo que contempla certo colorido (dar

vida) desse representante (princípio do deslocamento); ou ainda, ser transformado em angústia. Essas duas últimas possibilidades de destino da pulsão significam a transformação das energias psíquicas das pulsões em afetos. Retomando que o objetivo do recalque é evitar o desprazer (aumento de tensão), isso implica o destino da quantidade de afeto investido em determinado representante ser muito mais importante do que o destino da representação, ou seja, o destino da carga investida na representação afastada é mais relevante do que o destino da própria representação em questão. Se um recalque não conseguir impedir que surjam sensações de desprazer ou de angústia, podemos dizer que ele fracassou ou que seu objetivo tenha sido alcançado com relação à parcela representacional. Nesse sentido, a formação de compromisso, produzida pelo retorno do recalçado poder realizar-se como satisfação parcial da exigência pulsional, não terá chegado a termo.

Ao limitar sua observação sobre os efeitos que o recalque produz sobre a parcela representante, Freud verificou que, em geral, o recalque cria uma formação substitutiva. Além disso, o recalque deixa sintomas atrás de si. Na verdade, o autor chegou à conclusão que não é o próprio recalque que cria formações substitutivas como sintomas, mas que estes são indícios de um retorno do recalçado. O afeto desaparecido, quando do recalque, retorna transformado em angústia social, em angústia da própria consciência moral e na forma de uma repreensão impiedosa. A representação afastada, com frequência, é substituída por meio de um deslocamento para algo menor ou indiferente, o que se considera uma substituição por deslocamento, de maneira a que o destino pulsional possa se realizar sem ser percebido pela consciência.

Qualquer sintoma físico ou psíquico que um atleta manifeste em uma dada situação que lhe cause excesso de tensão psíquica, pode ser decorrência ou efeito do recalque, ou seja, essa já é uma situação de retorno do recalque. Isso significa que esses sintomas representam outro modo de expressão daquilo que foi recalçado no inconsciente e, portanto, com um sentido que pode ser reencaminhado, buscado num outro modo de resolução da pulsão. De fato, assim como o sintoma, outras formações de compromisso podem ser reconhecidas como efeito do retorno do recalçado como os lapsos de memória, sonhos e os atos falhos. Segundo Martins (2010), no futebol, há momentos ditos de impulsão e erros que demonstram serem manifestações

de um funcionamento diferente da intenção e dos bons costumes. Acompanhemos o autor lembrando fatos interessantes nesse sentido:

Como é possível Roberto Baggio, um especialista treinado e retreinado em bater falta e pênalti com alta precisão falhar justo na final da Copa do Mundo? Ou Zico, que colocava a bola no ângulo mais agudo das traves, jogar fora um pênalti na hora decisiva? “Acontece!”, “Todos erram!”, dizem. Descontemos a excelência de alguns goleiros habilíssimos, inspirados ou sortudos. Fixemos na execução falha feita por craques. A característica principal de todo profissional é errar pouquíssimo. O profissional erra pouquíssimo, ainda mais quando o goleiro não chega nem perto da bola. A profissionalização em geral consiste na busca da eficácia e redução do erro humano. Eles estão muito longe de uma pessoa estourada, de pavio curto, de um colérico explosivo. Como um especialista em jogo limpo como Leonardo, um *gentleman*, perde a cabeça no calor do jogo e desfere uma cotovelada na face do seu adversário justo na hora que mais o time precisava vencer a muralha montada pelos norte-americanos em 94? Exclui-se aqui qualquer premeditação ou intencionalidade. Na impulsão do momento, eis que a agressividade contra a catimba e o continuado impedir de poder jogar faz emergir uma impulsão reptiliana que de longe foge aos bons costumes. Nem parecia haver milhões assistindo à cotovelada na face do adversário. A concentração é essencial, todos dizem. Não só no jogo, mas do que faz consigo mesmo. A desatenção não é o Inconsciente no sentido psicanalítico. A desatenção permite o aparecimento de um funcionamento outro que não o intencional cheio de bons propósitos. A desatenção propicia o ato falho acontecer mais fortemente, principalmente quando se trata de atividades automáticas agressivas. A desatenção se faz muito mais presente logo que o jogador está estenuado, cheio de ácido láctico nos músculos e com a consciência rateando mais que nunca. O cansaço ajuda no ato falhado, cria uma base disposicional para funcionar de modo inconsciente. Aqueles atos que não estão dependentes da consciência objetivadora e que aparecem na forma de uma violência desmesurada em um sujeito tido até ali como um exemplo de candura. (MARTINS, 2010, p. 263).

Com dito anteriormente, podemos equiparar que, aquilo sob o que o recalque atua, é equivalente aos efeitos da lei sob nossa natureza agressiva e narcisista, e aos limites impostos a esta e, o retorno do recalado, como sendo, a insistência dessa mesma natureza.

Assim, seja o sintoma ou atos falhos e, até mesmo, a própria fala cotidiana do atleta, sempre poderá dar ensejo para que algo que fora recalado possa ser reconhecido de maneira deslocada, disfarçada e, então, quem sabe, possa ser incluída no trabalho do técnico de maneira mais profícua.

A outra possibilidade de destino que as pulsões podem ter ao longo de seu desenvolvimento, segundo Freud, e que nos interessa de forma significativamente aqui é a sublimação.

Nasio (1997, p. 77-78) considera que a sublimação,

[...] é a única noção psicanalítica capaz de explicar que obras criadas pelo homem - realizações artísticas, científicas ou mesmo esportivas -, distantes de qualquer referência à vida sexual, sejam produzidas, ainda assim, graças a uma força sexual nascida de uma fonte sexual. As raízes e a energia do processo de sublimação, portanto, são pulsionalmente sexuais [...], enquanto a conclusão desse processo é uma realização não-sexual conforme os ideais mais consumados de uma dada época.

Este último autor citado considera que a sublimação é tanto o meio de transformar e elevar a energia das forças sexuais, convertendo-as numa força positiva e criadora, como meio de temperar e atenuar a intensidade excessiva dessas forças. Com isso, esta é uma das possibilidades de defesa opostas à descarga direta e total da pulsão.

Como comentado nesse capítulo, Freud (1911) já havia tratado da sublimação, no entanto, sem nomeá-la, quando explicou que os dois princípios reguladores do funcionamento psíquico: do prazer e da realidade, podem ser reconciliados pela arte. Na sublimação, assim como o artista, o atleta muitas vezes é alguém que também não consegue renunciar à satisfação pulsional imposta pela realidade, e afasta-se dela, criando um mundo de fantasia em que pode dar livre curso a seus desejos. Porém, segundo sua condição psíquica, esse é capaz de encontrar o caminho de volta da fantasia à realidade aceita pelas pessoas que, insatisfeitas como ele, sentem-se parte desta realização. Corroborando com tais ideias, Martins (2010, p. 257) afirma que o futebol trata “[...] de um trabalho que pode vir a ser uma arte, entendida arte como sendo um trabalho refinado e que passa pelo reconhecimento do outro”.

A explicação dada por Freud (1930) para justificar que a sublimação é um possível destino das pulsões, é que esta proporciona o afastamento do sofrimento a partir dos deslocamentos do desejo inconsciente. Com isso, há uma reorientação em relação aos objetivos das pulsões, de maneira que o sujeito evita a frustração do mundo externo, e obtém o máximo de satisfação ao se intensificar, suficientemente, na produção de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual.

No futebol brasileiro, por exemplo, temos inúmeros casos de atletas que, movidos pelo desejo pessoal do contato com a bola, acabaram por reinventar o próprio modo de jogar, inscrevendo, assim, seus próprios estilos de fazê-lo, influenciando a história do futebol nacional e internacional, o que por sua vez, proporcionou reconhecimento mundial. Entre eles, podemos citar Leônidas da Silva, responsável pela criação do “gol de bicicleta”, no futebol, entre outros tipos de chutes a gols, mundialmente reconhecido e valorizado (LEÔNIDAS, 2012). Outro

atleta de grande reconhecimento foi Mané Garrincha que na Copa do Mundo de Futebol de 1958 conseguiu fazer com que parte da torcida da Suécia, adversária do Brasil na final, torcesse a favor de seus dribles. Garrincha era o xodó da torcida sueca na Copa, um brasileiro de pernas tortas e fintas mágicas, que tinha o drible como marca da sua forma de jogar (A MAGIA DO DRIBLE, 1958). Apesar da comissão técnica não confiar que ele seguisse as orientações necessárias para atuar nas partidas, foi no jogo contra os russos, momento de surpreender os adversários, que Garrincha foi escalado como titular. A partir de então, com seus dribles que mais pareciam bailados no gramado:

A imprensa da Suécia passou a anunciar as partidas seguintes do Brasil como se fossem espetáculos de uma trupe de malabaristas, com o abusado Mané Garrincha à frente. Quando ele recebia a bola, o estádio todo congelava na expectativa do drible. Depois, com os zagueiros batidos e atordoados, a torcida ria e aplaudia efusivamente. (A MAGIA DO DRIBLE, 1958, p. 1).

Notem nos exemplos dados, que a sublimação articula o mais visceral e particular do atleta com os mais altos valores coletivos.

Também é importante mencionar que cada pessoa tem um repertório próprio de recursos para atender às exigências pulsionais e aos diversos destinos das pulsões, inclusive os aqui discutidos - o recalque e a sublimação -, são conjugados na experiência de uma mesma pessoa. Por exemplo, como comentado anteriormente, apesar de um atleta em alguns momentos, dar grandes contribuições ao seu time, como descreveu Martins (2010, p. 263), em outros pode nos levar a perguntar “Como um especialista em jogo limpo como Leonardo, um *gentleman*, perde a cabeça no calor do jogo e desfere uma cotovelada na face do seu adversário justo na hora que mais o time precisava vencer a muralha montada pelos norte-americanos em 94?” Esse é um bom exemplo de que esses recursos coexistem na vida psíquica de um mesmo sujeito e que, portanto, são utilizados segundo a mobilização de cada situação.

Por fim, é necessário salientar que, apesar do psiquismo buscar destinos para as pulsões que sejam defesas para o organismo contra descargas diretas que podem levar o sujeito a conseqüências desprazerosas, ou seja, uma das quatro possibilidades descritas por Freud: a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a própria pessoa; o recalque e a sublimação, nenhuma delas satisfaz as pulsões como um todo. Isso significa que a força da atividade das pulsões permanece constante, ou seja, sempre à procura de uma satisfação plena

que, porém jamais será alcançada em definitivo, como confirma Nasio (1997, p. 82), ao descrever que “[...] o alvo da pulsão é o alívio proporcionado pela descarga de tensão; mas [...], nunca sendo completa essa descarga, a satisfação continua a ser irremediavelmente parcial.” O autor afirma ainda que essa incapacidade de satisfazer as pulsões nos torna insatisfeitos e, conseqüentemente, no caminho da busca inútil de uma satisfação impossível, isto é, de uma descarga total.

Como a descarga das pulsões é sempre incompleta, estamos sempre em busca de novas satisfações. Nesse sentido, é possível que alguns atletas, a partir de sua aposentadoria, continuem no ambiente esportivo seja como comentarista, técnico, dirigente ou em outras funções pertinentes a este campo, ou mesmo, em outros contextos, como uma forma de tentarem encontrar a satisfação. Seja como for, *cabe incluímos que sem angústia não há mobilização para a ação, pois é esta a condição para a pulsão desligar-se de uma representação e ligar-se a outra.*

3.4 Além do princípio do prazer: ou ainda sobre as pulsões

Até aqui, podemos dizer que os processos psíquicos são regulados automaticamente pelo princípio do prazer, ou seja, cada vez que uma tensão desprazerosa (aumento de tensão) se acumula, desencadeia processos psíquicos que tomam uma determinada direção, que tem como resultado final a redução dessa tensão, evitando o desprazer ou produzindo prazer. A hegemonia do princípio do prazer na vida psíquica também remonta à suposição de que o aparelho psíquico tem a tendência de manter a quantidade de excitação tão baixa quanto possível, ou pelo menos constante. Assim, tudo aquilo que for suscetível de aumentá-la será, necessariamente, sentido como contrário ao funcionamento do aparelho psíquico, o mesmo que dizer, sentido como desprazeroso.

No funcionamento psíquico do princípio do prazer, aquilo que é sentido como desprazeroso corresponde a um aumento na quantidade de excitação, enquanto o que nos é prazeroso corresponde a uma diminuição de excitação. Mas isso não corresponde a uma simples relação entre a intensidade de prazer e desprazer e as modificações correspondentes na quantidade de excitação, mas sim o contraste e as marcas que isso gera num determinado período

de tempo, que é constitutivo do psiquismo. Segundo Figueiredo (1999, p. 53) “[...] a hipótese é a de que quando a quantidade de energia livre - não ligada - aumenta, há desprazer, quando a quantidade de energia livre diminui, há prazer.”

Contudo, é incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos psíquicos. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos anímicos teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente esse tipo de conclusão. O máximo que se pode dizer é que existe uma forte tendência no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre corresponda à tendência ao prazer.

Para Figueiredo (1999), o princípio de prazer deve se chamar princípio de prazer-desprazer, ou desprazer- prazer, pois só pode haver prazer - diminuição da energia livre -, se tiver havido desprazer - acúmulo de energia. Assim, a existência de desprazer deveria ser sempre considerada parte integrante do funcionamento psíquico sob a dominância do princípio desprazer-prazer.

As pulsões sempre foram tidas como algo que impele à mudança e ao desenvolvimento que provoca a vida. No entanto, admitindo o fato, sem exceção, de que todo organismo vivo morre, ou seja, que retorna ao estado inorgânico - tendem para a redução completa das tensões -, devido a razões internas, podemos dizer que o objetivo da vida é a morte e que o inanimado já existia antes do vivo. À luz dessa hipótese, a qual é chamada pulsões de morte, cuja função é assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte, podem reconhecer o aspecto de desinvestimento que leva à impossibilidade de se ligar aos objetos e ao Eu, bem como às suas representações e também, expressar resistência e limite às próprias realizações das pulsões de vida, compondo assim, o movimento gerado pelo dualismo indissociável formado entre pulsões de vida e pulsões de morte. Contrariamente ao silêncio das ações das pulsões de morte, as pulsões de vida estão sempre buscando se fazer representar, tornando-se mais passíveis de serem notadas. Na busca e insistência pela manutenção da vida, constatamos que, por conta do movimento gerado por pulsões de direções opostas, decorre o paradoxo de que o organismo lute (pulsões de vida) tão energeticamente contra as forças ou perigos (pulsões de morte) que poderiam ajudá-lo a alcançar, por um caminho mais curto, seu

objetivo vital de morrer. Ademais disso, as pulsões de vida zelam pelo destino do organismo para que este se mantenha em segurança, também quando este está à mercê dos estímulos do mundo externo (FREUD, 1920).

Esses dois grupos de pulsões não se aniquilam em momento algum; coexistem num ritmo alternado e, por vezes, mesclado na vida dos organismos: as pulsões de morte precipitam-se com o objetivo de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida, a morte; já as pulsões de vida apressam-se para voltar atrás, a fim de prolongar a duração do trajeto da vida.

Freud (1920) considerou que, desde os primórdios da vida humana, somos capazes de repetir nossas experiências desagradáveis, por trazerem consigo uma produção de gozo pulsional, ou seja, uma resolução direta no corpo. Esta medida é reencontrada em todas as produções do retorno do recaiado, tais como nos sintomas, nos sonhos, na fala de um modo geral etc. As pulsões recaiadas jamais renunciam à sua completa satisfação, embora esta nunca se efetive, o que também envolve a repetição.

Notem que estão envolvidos na repetição dois aspectos antagônicos, a saber: aquele que é mobilizado pelas pulsões de morte (desinvestimento - impossibilidade de ligação) e suas impossibilidades de se fazer representar e aquele mobilizado pelas pulsões de vida (investimento - possibilidade de ligação) que encontram caminhos de se fazer representar, embora, parcialmente.

Podemos observar, por exemplo, em alguns jogos de futebol, que há atletas que insistem numa determinada jogada individual ineficiente, ao invés de trocá-la por outras jogadas, ao longo de toda uma partida. É possível reconhecermos nesta repetição tanto as mobilizações das pulsões de vida - pois se trata da insistência de um investimento que busca a satisfação -, mas também das pulsões de morte - pois os limites de se fazer representar são sempre reeditados, ou seja, embora de forma silenciosa (pulsões de morte) aquilo que resistiu à representação possível (pulsões de vida), também se encontra presente.

Um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência das pulsões de morte reside na concepção de que a tendência dominante da vida psíquica seja tal como o

expressa o princípio de prazer, é o anseio por reduzir, manter constante ou suspender a tensão interna provocada por estímulos.

As pulsões de vida mobilizam muito mais nossa percepção interna, pois se apresentam como perturbadoras, trazendo contínuas tensões, cujo alívio é sentido como prazer (no sentido do ponto de vista econômico²⁴). Já as pulsões de morte realizam seu trabalho de modo mais discreto. Notem que, embora o princípio do prazer-desprazer e o da realidade corresponda à primeira teoria das pulsões, e o além do princípio do prazer, sua segunda teoria das pulsões, tenha sido formulada depois de um grande intervalo de tempo, podemos reconhecer já na primeira teoria a presença lógica da segunda teoria, uma vez que, mesmo não tendo sido teorizada, o que está em jogo para que o princípio do prazer-desprazer se realize tem como direção o rebaixamento da tensão, tal como as pulsões de morte.

As pulsões de morte, originalmente caracterizadas pelo desinvestimento silencioso do objeto e do Eu, se enlaçadas às pulsões de vida podem comparecer, secundariamente, investidas no objeto ou no Eu como agressão ou até mesmo como destruição. Nesse sentido, podemos notar que a rivalidade faz parte do cenário do esporte de competição. A relação de rivalidade entre atletas do mesmo time ou de equipes diferentes envolve certo grau de agressividade, por vezes, até mesmo de violência e destrutividade. Nem sempre atuadas exclusivamente em relação ao outro, tal empuxo pode levar inclusive à autodestruição, ao boicote dos próprios recursos que poderiam ser utilizados no jogo. Poderíamos nos perguntar o que mobiliza jogadores em momentos de grande realização profissional colocar em risco suas carreiras, envolvendo-se com drogas, crimes²⁵ e falhas em momentos cruciais de jogo²⁶, como a cobrança de um pênalti em um jogo decisivo, como podemos acompanhar pela mídia.

²⁴ Ver p. 24.

²⁵ Astros do futebol: escândalos que marcam carreiras - <<http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/futebol/astros-do-futebol-escandalos-que-marcaram-trajetorias/>> (VEJA, 2010); Drogas, crimes e pobreza: por que ex-jogadores vivem um calvário? - <<http://esportes.terra.com.br/futebol/noticias/0,,OI5351557-EI1832,00-Drogas+crimes+e+pobreza+por+que+exjogadores+vivem+um+calvario.html>> (MARQUES; MARIN, 2011).

²⁶ Campeonato Brasileiro 2011. Cruzeiro muda cobrador, mas problema dos pênaltis segue atrapalhando Mancini - <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2011/11/07/mudanca-de-cobrador-nao-resolve-a-questao-dos-penaltis-no-cruzeiro.htm>> (CRUZEIRO, 2011); Santistas se unem em prol de Elano após novo erro em pênalti - <<http://www.gp1.com.br/noticias/santistas-se-unem-em-prol-de-elano-apos-novo-erro-em-penalti-204807.html>> (GP1, 2011).

É também característica das pulsões de morte, ao deflagrar o limite existente à representabilidade das pulsões, seja integral ou parcialmente, conduzir à repetição, mais precisamente, à compulsão à repetição, já que sempre restará algo das pulsões que não pôde ser representada, nomeada ou contemplada pelo que foi possível realizar, assunto discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV
INIBIÇÕES, SINTOMAS E ANGÚSTIA NO
ESPORTE DE COMPETIÇÃO

Todos os desvios são possíveis a partir da angústia. O que esperávamos, afinal de contas, e que é a verdadeira substância da angústia, é aquilo que não engana, o que está fora de dúvida.
(Jacques Lacan, 1962-1963, p. 88).

O significado ou problema da angústia ocupou Freud durante toda sua obra e seus pontos de vista passaram por diversas modificações que podem ser observadas de acordo com a evolução dos seus trabalhos sobre o tema, apresentados resumidamente nesse capítulo. Uma de suas primeiras exposições sobre esse assunto foi um trabalho escrito em 1894, quando Freud atribuía a angústia apenas à esfera física. Em 1895 ele apresentou outro trabalho em que passou a considerar também a esfera psíquica como parte da elaboração desse afeto. Uma das últimas teorizações sobre o tema foi apresentada num trabalho de 1925, quando ele analisou a angústia como decorrente da transformação da libido. Por fim, ele apresentou seu último trabalho sobre angústia em 1932, onde reafirmou sua posição final e considerou este como sua mais completa abordagem do assunto.

É importante ressaltar que mesmo modificando sua teoria sobre a angústia, em nenhum momento Freud desconsiderou o que havia escrito anteriormente.

4.1 Teorias sobre a angústia

Quando Freud começou a esboçar uma teoria sobre a angústia, em junho de 1894, escreveu que a angústia de seus pacientes teria muito a ver com a questão sexual, a qual chamou de neurose de angústia²⁷. Ele propôs que sua origem não deveria ser buscada na esfera psíquica, mas na física, pois estava convencido de que era um fator sexual do âmbito físico que produzia a mesma. No entanto, ele também percebeu que em alguns casos a angústia não tinha relação com a vida sexual. A partir desta constatação passou a acreditar que se tratava de acumulação física de excitação, ou seja, acumulação de tensão sexual física, que ocorria por consequência de não ter sido possível sua descarga. Por conta disso, destacou que: “[...] nenhuma angústia está contida no que é acumulado, a situação se define dizendo-se que a angústia surge

²⁷ Para Freud a neurose de angústia se caracterizava “[...] pela acumulação de uma excitação sexual que se transformaria diretamente em sintoma, sem mediação psíquica” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 302).

por transformação a partir da tensão sexual acumulada” (FREUD, 1894, p. 237). Assim, tanto no caso da excitação exógena, cuja fonte é externa, quanto endógena, cuja fonte é interna, haveria a transformação dessa tensão em angústia, caso o caráter excessivo dessa mobilização impedisse o escoamento de tensão em direção ao exterior na realização de uma pulsão. Assim, num outro texto, Freud (1895a, p. 123-124) definiu o que chamou de angústia conforme a seguinte proposição:

[...] a neurose de angústia é criada por tudo aquilo que mantém a tensão sexual somática afastada da esfera psíquica, por tudo o que interfere em sua elaboração psíquica. Ao retrocedermos às circunstâncias concretas em que esse fator se torna atuante, somos levados a afirmar que a abstinência (sexual), quer voluntária quer involuntária, a relação sexual com satisfação incompleta, o coito interrompido, o desvio do interesse psíquico da esfera da sexualidade e coisas similares são os fatores etiológicos específicos dos estados que denominei de “neurose de angústia”.

A partir dessa proposição, Freud definiu algumas de suas manifestações características, tais como: irritabilidade aumentada pelo acúmulo de excitação ou incapacidade de tolerar a mesma e expectativa angustiada ou angústia normal, ou seja, a tendência a adotar uma visão pessimista das coisas, no entanto, em qualquer oportunidade ela pode ultrapassar a angústia aceitável, a qual é freqüentemente reconhecida pela própria pessoa como uma espécie de compulsão. Ele acreditava que esse afeto ficava latente e, por isso, havia a possibilidade de ela irromper subitamente na consciência sem ter sido despertada por uma seqüência de representações, provocando um ataque de angústia que mais se pareceria com alterações fisiológicas, como palpitações, dificuldade para respirar, fome, suor etc., junto a uma sensação de “sentir-se mal”, “não estar à vontade”, e assim por diante. Os ataques também poderiam proporcionar ao sujeito náuseas, congestões, diarréias, vontade de urinar, vertigem ou mesmo sofrer um desmaio. Esses sintomas, eventualmente, acompanhavam ou substituíam o ataque de angústia, assim como apareciam de forma crônica, o que a tornava difícil de ser reconhecida, pois, isoladamente, poderia ser considerada apenas uma disfunção do organismo, sem relação coerente com um representante psíquico.

Para corroborar a teoria de Freud sobre angústia, iremos relacionar as entrevistas individuais realizadas com os atletas de equipes adultas masculinas de basquetebol, as quais fizeram parte da confecção da dissertação de mestrado “Identificação das causas subjetivas da ansiedade competitiva e das estratégias de superação de atletas de equipes adultas masculinas de basquetebol” (BANDEIRA, 2002).

Curiosamente, durante estas entrevistas, embora todos os atletas tenham relatado, em maior ou menor grau, episódios típicos de angústia, nomeados naquele momento como ansiedade, um deles (Atleta 3 da Equipe C) chamou a atenção pelo tempo em que esta se manifestava (BANDEIRA, 2002, p. 67). Esse atleta tinha por volta de 36 anos de idade, sendo 24 anos de prática de basquetebol, e declarou que desde o início de sua carreira como esportista, suas reações frente às situações de tensão eram intensas e expressavam-se como, por exemplo, vontade de ir ao banheiro o tempo todo e muito sono antes do jogo. Como a maior parte dos entrevistados, este atleta já havia tido acompanhamento por parte de psicóloga esportiva. Nesse contexto, tais sintomas eram considerados pela psicóloga, cuja orientação era cognitivo-comportamental, como tentativas de fuga da situação em questão, a saber, o jogo. Nesta perspectiva, os atletas eram orientados a buscar algum tipo de controle sobre os comportamentos considerados sintomáticos. Mediante tais observações, o referido atleta passou, então, a ir menos vezes ao banheiro e a chegar mais cedo no ginásio para não dormir. Embora ele tenha mudado suas atitudes, segundo seu relato, isso não mudou a mobilização de angústia que o aplacava.

De acordo com Moraguès (2003), em sua discussão sobre o que chamou “contradesempenho”, banalmente entendido como fracasso no meio esportivo, os esforços conscientes dos atletas para mudarem seus comportamentos são vão, impotentes para controlar e regular esse conflito que o atravessa e, por vezes, os aterrorizam.

E mesmo ao contrário: a multiplicação dos esforços de controle consciente e os apelos à razão parecem duplicar as perturbações e o tormento. O contradesempenho se define pela repetição da impossibilidade de realizar, durante a competição, prestações ou resultados já obtidos no treinamento. O termo contradesempenho é, neste caso, empregado ao pé da letra, no sentido de uma força que se manifesta ‘contra’ o desempenho, se opondo a isto. A abordagem psicológica do contradesempenho evidencia distância entre o ‘querer’ da vontade consciente e um outro ‘querer’ que a ele se opõe. É na manifestação corporal que este último expressa sua oposição. O Eu ‘quer’, mas ‘não pode’ da mesma forma que o corpo ‘não pode’, ou parece desobedecer, e ‘não quer’. (MORAGUÈS, 2003, p. 8).

À luz de tais reflexões concordantes com o pensamento psicanalítico, se considerarmos a insistência de tais estados que persistiam na experiência do referido atleta (Atleta 3 da Equipe C), apesar das mudanças de seu comportamento, à luz das ideias freudianas, destacadas no recorte feito no atual trabalho, podemos vislumbrar que ordem de contribuição a teoria psicanalítica poderá significar para ampliação da abordagem desse contexto. *Assim, é possível pensar que os modos de resolução pulsional que moviam suas reações às tensões*

mobilizadas não podiam ser modelados, mas se, como discutido anteriormente, caso estas pudessem ser incluídas, escutadas, permitiriam alguma intervenção que lhe rendesse transformação e, conseqüentemente, novos destinos.

Retomando a teoria, ainda em 1895, Freud (1895b) considerava que a neurose de angústia era resultado dos fatores que impediam a excitação sexual somática de ser psiquicamente elaborada. Essa concepção retratava que os sintomas da neurose de angústia eram substitutos da ação específica omitida, posteriormente à excitação sexual, uma vez que a psique era invadida pelo afeto²⁸ de angústia quando se sente incapaz de lidar, por meio de uma reação apropriada, com um perigo advindo de fora e que esta fica presa à neurose de angústia quando se sente incapaz de equilibrar a excitação (sexual) advinda de dentro.

Posteriormente, a angústia foi classificada por Freud (1916) em angústia realística e neurótica. A angústia realística surge quando reagimos à percepção de um perigo externo, ou seja, a uma situação ameaçadora que é esperada, prevista, um perigo conhecido. Sabe-se que se a mesma for considerada excessiva ou inadequada no mais alto grau, esta paralisa toda e qualquer ação, inclusive até mesmo a fuga. Em geral, a reação ao perigo consiste numa mistura de afeto, ou seja, de angústia e de ação defensiva.

A angústia neurótica ocorre quando percebemos um perigo por algo desconhecido, ou num “perigo pulsional” e pode se apresentar de três formas (FREUD, 1926a). Na primeira apresenta-se por meio de uma apreensão generalizada, uma espécie de angústia livremente flutuante, pronta para se ligar a alguma ideia que seja apropriada a esse fim,

[...] que influencia o julgamento, selecionada aquilo que é de se esperar, e está aguardando qualquer oportunidade que lhe permita justificar-se. A esse estado denominamos angústia expectante ou expectativa angustiante. (FREUD, 1916, p. 399).

As pessoas atormentadas por esse tipo de angústia neurótica sempre prevêm as mais terríveis de todas as possibilidades, assim como interpretam os eventos casuais com o pressentimento de que algo mal vai acontecer, explorando as incertezas num sentido ruim. Essa

²⁸ “Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme dizemos, dão ao afeto seu traço predominante” (FREUD, 1916, p. 396).

tendência a expectativa do mal pode ser encontrada na forma de traço de caráter em pessoas que podem ser consideradas superangustiadas ou pessimistas.

Essa angústia “livremente flutuante”, sem ligação a uma ideia, chamada na psicanálise como neurose de angústia, atualmente, vem sendo considerada pela psiquiatria como transtorno de pânico pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2011) e pelo Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM.IV) (AMERICAN PSYCHOLOGY ASSOCIATION, 2011).

Na segunda forma, a angústia neurótica é psiquicamente ligada, ao invés de ser livremente flutuante, e vinculada a determinados objetos e situações, o que conhecemos como angústia ligada às fobias. Essas também são divididas em três grupos: fobia a um objeto ou situação real que a pessoa está vivendo, como estar frente a frente a uma cobra, o que pode ser uma característica humana generalizada; fobia quando ainda há uma relação à situação de perigo, quando, por exemplo, se está numa mata e sabe-se que pode encontrar um leão, mesmo que se procure minimizar essa situação; e um tipo de fobia que não tem explicação direta, como o caso de um homem adulto que, por causa de sua angústia, não consegue caminhar pela rua ou atravessar uma praça. Assim, na fobia, quando a angústia se liga a uma representação, na verdade ela realiza um sintoma.

Existe uma aproximação entre a angústia flutuante e a ligada à fobia. Podemos notar uma possível passagem do primeiro estado para o segundo, já que, embora difusa - livremente flutuante, mas pronta para se ligar a alguma ideia -, a angústia pode se encaminhar para uma determinada situação - psiquicamente ligada e vinculada a determinados objetos e situações. Por exemplo, na pesquisa da dissertação de mestrado (BANDEIRA, 2002), os atletas se referiam ao termo *ansiedade*²⁹ para expressar o que aqui é designado angústia (flutuante), como o que sentiam, principalmente antes do jogo. O Atleta 1 da Equipe A, relatou o seguinte entendimento sobre suas reações frente à angústia: *“Eu acho que você se põe mais pressão. Você acha que você tem que fazer aquela bola, que não pode errar, que você tem que ser perfeito. E é*

²⁹ Conforme mencionado anteriormente a propósito da tradução do termo *Angst*, podemos notar a alternância com a qual o termo *ansiedade* e *angústia* se dão no senso comum.

aí que você acaba errando e perde o jogo” (BANDEIRA, 2002, p. 49). Assim com essa resposta, o atleta nomeia o que pode representar para ele aquela mobilização de angústia, antes fluante. De modo geral, os entrevistados citaram o nervosismo como fator de influência derivado da angústia, a qual interferia significativamente inclusive em seus relacionamentos com os colegas.

Na terceira forma da angústia neurótica, há uma conexão entre a angústia e um perigo ameaçador que foge completamente a qualquer percepção, ou seja, a pessoa talvez não saiba, mas reage a isso. Apesar de não perceber, há um objeto recalcado que mobiliza esse afeto. Por exemplo, a pessoa pode ter um ataque de angústia separada de quaisquer fatores determinantes e ser incompreensível tanto para nós como para a própria pessoa. Esse ataque pode ser representado por um único sintoma intenso, representado por um tremor, vertigem, palpitação ou dispnéia; e a sensação geral, pela qual se reconhece a angústia, pode estar ausente ou haver-se tornado indistinta (FREUD, 1916). A reação com angústia a uma situação externa ou interna da percepção de perigo consiste na avaliação do sujeito quanto à sua própria força em comparação com a magnitude do perigo e seu relacionamento de desamparo frente a ele: desamparo físico se o perigo for real, desamparo psíquico se o perigo for libidinal. Ao proceder dessa forma, o sujeito se orienta pelas experiências reais que vivenciou (FREUD, 1926a).

Embora tenha feito essas classificações da angústia, Freud dizia que sequer tinha meios de distinguir, em nossos sentimentos, entre os dois tipos. Ele acreditava que a geração da angústia é a reação do Eu ao perigo e o sinal para uma possível fuga, afinal o Eu é a instância que faz defesa contra os excessos de tensão e o perigo de desestabilização do aparelho psíquico. A partir disto, ele supunha que na angústia neurótica o Eu faz uma tentativa semelhante de fuga da exigência feita por sua libido, uma vez que trata o perigo interno como se fosse um perigo externo. Da mesma forma que a tentativa de fuga de um perigo externo é substituída pela adoção de medidas apropriadas de defesa, a geração de angústia neurótica dá lugar à formação de sintomas, o que resulta que a ela seja vinculada.

A terceira elaboração freudiana (1926a) da teoria da angústia revelou, em sua análise, a existência de: 1) caráter específico de desprazer; 2) atos de descarga e 3) percepções desses atos. Além disso, quando se pergunta qual a função da angústia e em que ocasiões esta se reproduz, a resposta parece ser óbvia e convincente: a angústia surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete.

Em se tratando de haver perigo, encontramos diversas ocasiões no esporte, as quais são avaliadas pelo atleta, que desloca sua ação para se proteger, porém perde seu objeto de desejo. É o caso de atletas que têm a possibilidade de fazer um salto mais arriscado numa competição de ginástica olímpica, por exemplo, e não o faz pelo fato de avaliar esta situação como possibilidade de se machucar gravemente. Esse tipo de circunstância é comum entre atletas, e, muitas vezes, não compreendida por torcedores e comissão técnica. Nesses casos, o sinal de angústia se apresenta para o atleta antes do temido salto, o que constitui o primeiro grande passo frente à sua medida de defesa. Com isso, o mesmo desloca sua libido para outras ações consideradas mais seguras, mesmo que isso lhe proporcione uma sensação de desprazer após o ocorrido.

4.2 Inibições, sintomas e angústia no esporte de competição

Como a geração de angústia é remetida à situação de perigo, pode-se dizer que os sintomas são criados a fim de remover o Eu de uma situação de perigo ou, que *os sintomas são formados para fugir a uma geração de angústia*, por meio de uma formação de compromisso - conciliação entre as tendências opostas que há no psiquismo, ou seja, se faz uma aliança que atenda parcialmente dois objetivos antagônicos sem atender, integralmente, a cada um deles, sendo o sintoma o seu resultado. Assim, caso se impeça que os sintomas sejam formados, o perigo de fato se concretiza. Com isso,

Podemos também acrescentar que a geração de angústia põe a formação de sintomas em movimento e é, na realidade, um pré-requisito dela, pois se o Eu não despertasse a instância de prazer-desprazer gerando angústia, não conseguiria a força para paralisar o processo que se está preparando no Isso e que o ameaça com perigo. Há em tudo isso evidente inclinação para limitar ao mínimo a quantidade de angústia gerada e para empregá-la somente como sinal, porquanto agir de outra forma somente resultaria em sentir em outro lugar o desprazer que o processo libidinal estava ameaçando produzir e que não constituiria em êxito do ponto de vista do princípio do prazer, embora seja um sucesso que ocorre bastante amiúde nas neuroses. (FREUD, 1926a, p. 142-143).

Por exemplo, no funcionamento neurótico, caso haja um impedimento de realização de seu sintoma, o sujeito se tornará preso a uma angústia, que pode chegar a ser insuportável. Logo, o fato sintomático consiste em prevenir irrupções de angústia, e, toda inibição que o Eu se impõe pode ser denominada como uma modalidade sintomática, visto que:

A inibição é a expressão de uma restrição de uma função do Eu, a qual pode ter causas muito diferentes, pois o Eu renuncia a essa função, que se acha dentro de sua esfera a fim de não ter de adotar novas medidas de recalque, ou seja, a fim de evitar entrar em conflito com o Isso. (FREUD, 1926a, p. 93).

No esporte, a inibição pode ser representada pelo fato de o atleta não participar de uma competição, porque ao refletir sobre o que poderia ocorrer com ele, caso participasse da mesma, conclui que é melhor não se expor nesse momento. Ou seja, se inibe a participar devido a motivos que ele considera mais relevantes do que sua própria participação. Porém, também há casos em que, não tendo podido não responder à convocação feita e, uma vez lá, fazendo parte do time, encontra uma maneira de não participar do jogo. Nesse caso, o atleta, principalmente quando se trata de esporte coletivo, sempre que requisitado, participa o mínimo possível do jogo. Essa também é uma forma de retirar-se do jogo por conta da inibição, e o técnico, percebendo essa atitude por parte do atleta, poderia considerar retirá-lo e substituí-lo por outro em melhores condições de jogo.

Freud definiu a formação de sintomas como sendo um processo defensivo que provoca a tentativa de fuga de um perigo. Porém, uma razão para a formação dos sintomas é a perda de um objeto (ou perda do amor por parte do objeto) e a angústia de castração³⁰, perigos que estão situados desde fora. Dito de outra forma, a situação pulsional temida remonta a uma situação de perigo externo, pois, mesmo que este seja um perigo pulsional, se revela um fator determinante de preparação para uma situação ameaçadora. Outra razão para a formação de sintomas é que, numa tentativa de fuga de um perigo externo iminente, o sujeito aumenta a distância entre ele próprio e o que o está ameaçando. Com isso, ele não se prepara para se defender contra si ou tentar alterar algo a respeito dele. O processo defensivo parece fazer algo mais do que uma tentativa de fuga, trava uma luta com o elemento ameaçador e de alguma forma suprime-o (inibe) ou desvia-o (recalca e desloca) de seus objetivos, e assim o torna inofensivo.

Mesmo com o desenvolvimento psíquico, certos determinantes da angústia estão destinados a não desaparecer absolutamente como o medo do Supereu, mas acompanhar o sujeito por toda sua vida. O próprio adulto não consegue oferecer proteção absoluta contra um retorno da situação de angústia. Todos nós temos um limite além do qual nosso aparelho psíquico falha em sua função de dominar quantidades de excitação que precisam ser eliminadas. Por isso,

³⁰ Angústia diante do risco de sofrer uma perda narcísica significativa.

quando o sujeito percebe uma situação de perigo, talvez seja aconselhável reagir com um estado de angústia ao invés de reagir ao perigo atual, o que significa evitar um enfrentamento de forma inadequada. Por outro lado, sua postura pode tornar-se adequada se a situação de perigo for reconhecida à medida que se aproxima e se for sinalizada por uma manifestação de angústia. Nesse caso ele pode imediatamente livrar-se dela, recorrendo a medidas mais apropriadas. Dessa forma, podemos ver duas formas da angústia se manifestar: de uma maneira inadequada, quando há uma nova situação de perigo, ou de uma maneira conveniente, a fim de dar um sinal e impedir que tal situação ocorra.

Um jogo, por exemplo, necessariamente mobiliza algum nível de aumento de tensão e angústia. A diferença é como esta mobilização pode ser incluída, ou seja, observar se há mobilização e investigar junto ao atleta o que está acontecendo, enfim, colocá-la a serviço da situação e não o contrário. Como no exemplo citado anteriormente do atleta inibido em jogo, é função de o técnico substituí-lo, mas não é só isso que conta. É importante que esse técnico procure saber do atleta que não quis jogar, o que ocorreu ou o que está ocorrendo com ele. Afinal, este deve ter no técnico algum nível de confiança e transferência³¹ quanto à consideração de que sua situação particular seja significativa e merece ser levada em conta.

Sabe-se que o Eu visa dominar os perigos internos e externos de modo igual. No processo de um perigo externo, o organismo recorre às tentativas de fuga. A primeira coisa que ele faz é retirar o investimento de percepção do objeto perigoso; posteriormente, descobre que constitui um plano melhor realizar movimentos musculares de tal natureza que tornem a percepção do objeto impossível, mesmo na ausência de qualquer recusa para recebê-lo, ou seja, é melhor afastar-se da esfera de perigo. O recalque, que é uma forma de defesa, porém inconsciente, é um equivalente a essa tentativa de fuga.

A defesa por recalque se processa a partir do Eu quando este - pode ser por ordem do Supereu - se recusa a associar-se com um investimento pulsional que foi provocado no Isso. Na realidade, é provável que os primeiros recalques, bem como a maioria dos posteriores, sejam motivados por esse tipo de necessidade do Eu, advindas do Isso (FREUD, 1926a). Mas é

³¹ Analogamente, considera-se aqui o termo transferência, que implica os deslocamentos dos investimentos afetivos ligados aos desejos inconscientes, à figura do analista, para a figura do técnico.

importante salientar que não é o recalque que produz a angústia, e sim o contrário, pois se considera que a angústia já existia antes do recalque ser formado pela primeira vez (FREUD, 1933b). Assim, com o recalque o Eu tenta fugir dos excessos de mobilizações (estímulos internos e externos).

Quando há um deslocamento da libido o sujeito investe uma representação substitutiva e, quanto mais afastada das mobilizações de tensões, menos prazer vai produzir. Há no esporte diferentes situações em que esse deslocamento pode ocorrer, como por exemplo, um goleiro de futebol, ao acreditar que se entrar na grande área com o pé direito terá garantido seu bom desempenho e assim terá afastado os perigos que o mobilizam. Desta forma, ao preço de renunciar à maior satisfação, ou seja, não se sentir psicologicamente forçado a cumprir este mandato, o atleta encontra na formação de seu sintoma, um modo defensivo de driblar suas tensões.

Do mesmo modo que o Eu intervém no caminho para a ação, opera também o acesso da representação das pulsões à consciência. Para isso, o Eu exerce sua força no recalque, em ambas as direções, atuando de uma maneira sobre o próprio impulso libidinal e de outra sobre o representante psíquico desse impulso - formação de compromisso - assim, tanto para manter a representação das pulsões afastada da consciência quanto à mobilização ligada a ela, em seu limite, será reinvestida de forma deslocada em outra representação menos mobilizadora e que passe despercebido pela consciência. Por exemplo: o atleta, muitas vezes, luta para sua projeção e reconhecimento no esporte a fim de conquistar ou manter o afeto e exigir, a partir daí, o reconhecimento de uma imagem viril aos olhos do pai. Nesse sentido, às vezes, a luta defensiva contra um impulso libidinal desagradável - luta entre manter o afeto e confrontar a figura paterna via exigência de reconhecimento - é eliminada com a formação de um sintoma, pois este é uma forma de resolução.

O fato do atleta e do técnico dar espaço para as mobilizações deles e dos companheiros de equipe, observando-as na Outra cena, ou seja, não apenas na cena real, no visível, mas dando espaço para que o não-dito faça parte do contexto esportivo, é o que pode fazer toda diferença nos destinos dos mesmos. Afinal, o resultado do jogo é consequência desse contexto. Portanto, incluir as pulsões e os seus destinos nos treinos e nos jogos é fundamental para que cada um seja parte deste cenário como único e relevante para seu grupo.

Sendo assim, a compulsão à repetição, fruto do jogo entre pulsões de vida e pulsões de morte, de maneira mais ou menos radical, deixará sempre insatisfeito algo das pulsões, e estas, por sua vez, sem encontrar maneira de vazão total encontrar-se-ão em estado livre, desligadas, culminando na produção de angústia. Logo, a angústia é produto da insatisfação das pulsões.

4.3 Compulsão à repetição e o contexto esportivo

Como dito no capítulo anterior, a única forma das pulsões chegarem à consciência é através de suas ligações com uma representação, ou seja, através de uma nomeação da mobilização originalmente do corpo orgânico. A tensão orgânica visceral é a matéria prima do que irá ter registro psíquico a que chamamos pulsões e, portanto, fundantes dos representantes pulsionais, que nominados permitem expressão via ação. Assim, o comportamento não é a representação, mas expressão de algo que já foi representado psiquicamente por meio da linguagem, mesmo sendo inconsciente, não-dito e, em relação a que as pulsões já se encontravam investidas. O comportamento é então a ponta do *iceberg*, equivalente, ao sintoma ou ao ato falho e, portanto, é a expressão manifesta da qual cabe partir em busca das representações ali implicadas, assim como se faz na clínica em relação aos sonhos, aos sintomas e as demais manifestações. Tal consideração enfatiza o equívoco que se comete ao reduzir o campo de abordagem da ação humana na explicação ou modelação do comportamento.

Moraguès (2003, p. 8) chama a atenção para o fato de que:

As manifestações que provocam o contradesempenho são muito diversificadas e ocorrem antes (às vezes muitos dias antes), ou durante a competição. Antes da competição alguns desportistas sentem perturbações digestivas, insônia. Outros, na véspera ou no dia da competição sofrem de perturbações de expressão somática: angústia e tremedeira incoercíveis, suores excessivos, vômitos, desarranjos digestivos, urinários, vertigem etc. Alguns se queixam ‘de ímpetos’ emocionais: cólera, choros, crises de nervos, por vezes de claustomania, podendo conduzir à quebra de material ou ao abandono. Em outros casos se trata de repetição de contusões que marcam o período de competição esportiva ou que aparece em momentos-chave como o de definição de equipe e que evidentemente impede a participação nas provas decisivas.

Podemos deduzir que o contradesempenho é estruturado como um sintoma. [...] A abordagem psicanalítica mostra o quanto o contradesempenho assinala e atesta a presença do sujeito do inconsciente, e igualmente o quanto está presente nestes tipos de manifestações corporais. O contradesempenho é, de certa forma, ‘estruturado como linguagem’, ou seja, sua forma e construção são significantes do desejo do sujeito.

Tradução corporal de um conflito psíquico inconsciente que atua, o contradesempenho carrega a marca do jogo metafórico-metonímico, próprio às leis de linguagem que caracteriza - de acordo com o método freudiano - o funcionamento psíquico. O que indica a manifestação corporal em questão no contradesempenho é a de um corpo psiquicamente representado e tributário dessa representação que o estrutura. O tratamento do contradesempenho é de natureza psíquica. (MORAGUÈS, 2003, p. 14-15, grifo nosso).

A compulsão à repetição provém das pulsões, e possui o caráter de uma insistência permanente sempre inconsciente. As pulsões de vida buscam, incessantemente via representação, atender às exigências pulsionais; as pulsões de morte, por sua vez, tanto limitam a possibilidade dessa realização, quanto impõem uma repetição em direção ao estado anterior das coisas, o que leva à nova tentativa dos investimentos das pulsões de vida, sendo este outro aspecto da repetição. Assim, como dito anteriormente, pulsões de morte e de vida são separadas apenas didaticamente, pois compõem dois aspectos de um movimento ao que Freud chamou dualismo pulsional³².

Se por um lado as pulsões de vida esforçam-se para realizar investimentos em ideias, representações, objetos e no próprio Eu, ao contrário, o movimento impellido pelas pulsões de morte tendem ao retorno à tensão zero, ou seja, engendram um movimento de retorno ao estado inorgânico - tendem para a redução completa das tensões -, envolvendo o desinvestimento libidinal, tanto do Eu quanto dos objetos. Contudo, se os limites apresentados as possibilidades de representação das pulsões de vida impostos pelas pulsões de morte não vigorassem, ironicamente, essas pulsões só levariam o sujeito mais rapidamente à morte, uma vez que, o princípio do prazer levado ao seu extremo, tende assim, como as pulsões de morte, a redução da tensão psíquica em direção à zero.

No esporte, quando um atleta encontra-se em condições de realizar seus investimentos no jogo, na relação aos companheiros de equipe de forma fluida, podemos considerar que vigora, de modo preponderante, seus investimentos, ou seja, suas pulsões de vida, muito embora não de forma exclusiva, já que sempre haverá algo que não se fará representar nessas realizações. A este irrepresentável da experiência chamamos pulsões de morte e, em certas circunstâncias, podem implicar movimentos de desinvestimentos na vida de forma mais radical e

³² Ver exemplo na p. 84.

contudente, tais como em estados melancólicos³³ e até mesmo suicidas. Ou seja, nesses estados o sujeito desiste de investir em ideias, sonhos, relações com o outro, enfim, desinveste a vida, como pode ser o caso de atletas ou técnicos que retiram os seus interesses de um campeonato ou mesmo de sua carreira esportiva. Mas, quando não se trata dessa radicalidade, esse traço das pulsões de morte comparece como compulsão à repetição, seja na forma de impedimentos ou limites à sua ação.

Podemos reconhecer traços das pulsões de morte - da compulsão à repetição -, investida das pulsões de vida, em pequenos rituais produzidos e mantidos pelos próprios atletas em momentos de tensão, como no início de um jogo ou na cobrança de pênaltis. É o caso daqueles atletas que se vêem compelidos a tocar a trave com determinada mão, ou a usar uma mesma peça do vestuário ou um amuleto “da sorte”, o que constitui um sintoma como resolução para suas exigências pulsionais. Daolio (2005), em “A superstição no futebol brasileiro”, discute a maneira significativa como a crença e os rituais fazem parte do cotidiano dos atletas desta modalidade, mesmo quando estes não reconhecem ser supersticiosos. Do ponto de vista pulsional, o que move a persistência desses sintomas - as superstições - não é o que o atleta realiza factualmente, mas aquilo que resta desinvestido - sem representação - dessa ou de qualquer representação possível, ou seja, das pulsões de morte, que também gera a repetição. Nesses casos, do retorno do recalcado, o que chega à consciência é sempre um substituto das representações recalçadas. Assim, repete-se sem naturalmente saber que se está repetindo.

A repetição reflete tanto a insistência das pulsões em fazer-se representar (pulsões de vida) quanto à insistência da impossibilidade das pulsões se fazer representar integralmente (pulsões de morte), o que, paradoxalmente, se fosse possível só conduziria mais rapidamente à morte. A repetição merece ser considerada tanto pelo atleta, assim como pelo técnico, não por aquilo que está sendo visto, mas por aquilo que está representado pela situação, ou seja, pela Outra cena, a do âmbito psíquico, não-observável diretamente.

³³ Desde a antiguidade a melancolia é “[...] caracterizada pelo humor sombrio, isto é, por uma tristeza profunda, um estado depressivo capaz de conduzir ao suicídio, e por manifestações de medo e desânimo que adquirem ou não o aspecto de um delírio” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 505).

É importante notar que se o atleta ou o técnico não se interrogar sobre o que o leva a tais repetições, que muitas vezes lhe parece sem sentido, banal ou estranho, ele, muito provavelmente, estará compelido a continuar repetindo algo, tantas vezes, a ponto de até mesmo, chegar ao fracasso, ou seja, se aquilo que o impede de avançar não for movimentado, o mesmo poderá ficar por tempo indeterminado produzindo - repetindo -, uma mesma situação, como é o caso de atletas que estão sempre se contundindo e em fases decisivas da sua carreira ou mesmo da equipe.

Tanto a inibição, quanto o sintoma e a angústia estão relacionados com a repetição em nosso dia-a-dia. Contudo, o importante é buscar no âmbito psíquico a função disso que se repete, em que momentos e a significação disso para a pessoa em questão. O envolvimento com isso pode fazer a diferença entre repetir o que faz sentido e poder não repetir, compulsivamente, aquilo que não produz algo significativo para aquele sujeito.

CAPÍTULO V
UM CASO NO ESPORTE

Para dialogar com o texto apresentado, trazemos partes da escuta dos atendimentos clínicos de uma atleta praticante de esporte competitivo individual, atendimento esse realizado de julho a dezembro de 2011. Esse trabalho teve início a partir da procura da mesma, por quem chamarei de Ana. A frequência das sessões foi de um encontro semanal devido às possibilidades da atleta.

Ana tem 22 anos de idade e 15 anos de prática nesse esporte, tendo passado pela iniciação e, em seguida, começado a participar também de competições que condiziam com sua faixa etária. Sua história esportiva começou na cidade onde moram seus pais e seu irmão. Quando ela começou a se destacar nas competições, por volta dos 17 anos, foi convidada a fazer parte de uma equipe da capital paulista, considerada por ela uma das melhores equipes do país. Ana treinou e competiu por essa equipe por três anos, até que foi dispensada por falta de rendimento. Depois dessa equipe foi para uma cidade do interior do Estado, onde mora há dois anos, para treinar e competir.

O encontro com Ana se deu a partir de seu contato comigo, via telefone, uma vez que, ao conversar com a fisioterapeuta da equipe em que atua, disse que queria ajuda psicológica, momento em que fui indicada a ela. Após ouvi-la nesse primeiro momento, marcamos um encontro e pude ouvir sua queixa, aquilo que a fez acreditar que não daria mais conta de suas dificuldades, e que um profissional dessa área poderia auxiliá-la. Ana disse que estava procurando por um acompanhamento psicológico, porque acreditava que “estava se sabotando na prática esportiva”, ou seja, disse que às vezes treinava bem, mas competia mal e não sabia por quê. Outras vezes, também treinava mal, mas queria tanto treinar quanto competir bem. Disse ainda, que sabia que a dificuldade era sua, mas não sabia como reagir a isso.

Nesse primeiro encontro Ana falou muito e o tempo todo. Fazia pensar que falava para aplacar um grande grau de angústia que a mobilizava. Praticamente não dava tempo para refletir sobre o que falava e só deixava espaço para que eu pudesse fazer alguma intervenção quando ela queria saber sobre o que mais falar ou se estava certo o que estava falando. Na verdade, após esse primeiro encontro em que falou sobre o que se passava, conscientemente, com ela, no segundo encontro, assim que chegou me perguntou se deveria falar apenas sobre o esporte, ao que respondi que não, que poderia falar o que lhe ocorresse, pois qualquer assunto

faria parte do nosso trabalho. Essa dúvida ocorreu a ela porque, apesar do tempo em que era atleta e, principalmente pela equipe que já havia passado, o único trabalho psíquico pelo qual havia participado foi assistir a um filme com características cognitivas comportamentais e a discussão do mesmo.

Ainda no primeiro encontro ela falou do quanto, numa determinada competição importante, ocorrida há pouco tempo, pensou nas pessoas a elogiando, parabenizando-a, enfim, nas glórias da vitória, e que por conta disso, não se concentrou para a competição em si, e que depois só conseguiu chorar e se arrepender de não ter se concentrado. Disse que nas competições sempre pensa dessa forma, no resultado, no reconhecimento dos outros e não na atividade propriamente dita.

Nosso trabalho ocorria sem a participação ou conhecimento do seu técnico. Somente seus pais é que sabiam que ela estava em análise, até mesmo porque essa era uma vontade de seu pai há tempos, o que será retomado em breve nessa discussão. Foi apenas após o nosso terceiro encontro que o técnico, ao tê-la chamado para uma conversa para comentar que percebia nela uma mudança de postura no treino, soube que ela estava fazendo análise. Nesse contexto, ele fez a observação - após saber que fazia análise - de que, talvez por isso, sua “cabeça estava melhor”, e conseqüentemente, ela estava treinando melhor também. Ela falou na análise que apesar de ouvir esse comentário, particularmente, não percebia nenhuma diferença, apenas sentia mais prazer em treinar.

Depois de algum tempo, seu técnico novamente a chamou e comentou que a percebia “mais agressiva” nos treinamentos, ou seja, com mais dedicação e melhor desempenho. Contudo, ela, mais uma vez, comentou na análise que não percebia essas diferenças, mesmo falando em diversos momentos que se sentia mais motivada para treinar.

Nas sessões, Ana sempre falava muito de seus treinos e competições, tanto daquelas consideradas menos importantes quanto das consideradas mais importantes do ano. No entanto, falava com certa freqüência da sua dificuldade de relacionamento com seu técnico, uma pessoa em quem dizia não confiar que tivesse conhecimento suficiente para treiná-la e, por vezes, se indispunha com ele - sempre o comparando com o técnico da equipe de São Paulo e o confrontando com o que havia aprendido nesse período. Por conta dessa falta de confiança, em

dado momento desse semestre, Ana pediu ajuda a uma amiga, técnica, do clube de São Paulo. A relação entre elas envolvia vários âmbitos. Elas eram amigas, Ana prestava serviços, auxiliando ela e o marido na digitação de trabalhos acadêmicos, e como a amiga era mais velha e Ana não via sua mãe com tanta frequência, havia uma clara relação filial entre elas, ainda, como dito, a pedido de Ana, informalmente, ela havia recebido orientações técnicas da amiga como complemento às do seu técnico.

Ana sabia que não poderia fazer tudo que essa amiga lhe orientou para não entrar em conflito com seu técnico, mas, conversando com ele, conseguiu que aceitasse que fizesse parte das orientações feitas pela amiga, assim como, das orientações do técnico. Porém, segundo ela, se pudesse faria tudo que sua amiga havia orientado, pois confiava muito nela. Notem como essa relação se apóia numa confiança de Ana para com a amiga que reedita “uma mãe”, conhecedora e interessada pelo esporte e pela competição em questão, em quem se pode confiar plenamente, sem que haja qualquer risco ou perdas. Assim, em tal reedição, em ato, repete-se a possibilidade de manter um lugar e uma maneira de investimento que insiste e persiste pelas vias da inércia pulsional.

Sua mãe era uma pessoa que se preocupava mais com seus estudos do que com sua prática esportiva, e por isso, apesar de incentivá-la a treinar e competir, a estimulava, principalmente a estudar - fazer um curso de ensino superior -, o que ela iniciou no começo de 2011. Segundo Ana, apesar de não ser o curso que desejava, era um curso na mesma área de concentração de seu interesse e que poderia auxiliá-la a estudar, posteriormente, o que realmente queria e que não tinha qualquer relação com a área do esporte.

Ana passava alguns fins de semana na casa de sua mãe - seus pais eram separados - e geralmente, contava na análise algum fato, no mínimo, curioso. Ela queria que seus pais sempre a agradassem, afinal, como ela mesma dizia, às vezes ficava dois meses sem ir para casa e entendia que por isso, algumas de suas vontades deveriam “ser respeitadas”. Além de seus pais ela também cobrava atenção das pessoas com quem se relacionava.

Certa vez Ana disse que, num fim de semana que estava na cidade de seus pais, queria comprar um aparelho de som e pediu que seu pai a acompanhasse. Eles tiveram que andar muito para procurar a mercadoria num local onde Ana sabia que seria mais barato. Contudo,

depois de horas procurando, não encontraram o aparelho e ela decidiu que eles deveriam passar no shopping para comprá-lo, pois sabia que o encontraria, porém por um preço que, até então, não queria pagar. Ana mencionou que seu pai era diabético e por isso, reclamava que estava com dor nos pés durante toda essa “andança”, afinal, segundo ela, “ele deveria acompanhá-la”.

Já num outro fim de semana, a mãe de Ana disse que queria ir a um evento, pois, como trabalhava num departamento responsável pela realização do mesmo, acreditava ser importante sua presença. No entanto, Ana a convenceu a não ir, porque logo iria embora - isso ocorreu num domingo, dia em que Ana voltava para a cidade onde mora -, e elas teriam pouco tempo para ficarem juntas, fato que fez com que a mãe decidisse não ir para ficar em casa com ela.

Numa outra situação, Ana combinou com sua mãe de jantarem juntas, mas como ela se atrasou - estava no salão de cabeleireiro de sua tia -, quando chegou à casa de sua mãe, percebeu que esta já havia comido. Ana disse que chorou, afinal, para ela, sua mãe deveria tê-la esperado. A mãe lhe explicou que só havia “beliscado” algo porque estava com fome, mas que ainda não havia jantado. Após “tais esclarecimentos”, as duas puderam jantar juntas - mais uma vez, realizando as vontades de Ana. Nesse mesmo fim de semana, Ana relatou que estava com seus pais e seu irmão, tomando café da manhã em uma padaria e que comeu muito - algo que, segundo ela, não poderia ter feito, pois contrariava a dieta que seu nutricionista havia formulado para ela. Foi nessa ocasião que sua mãe perguntou se ela já havia relatado à sua analista o fato de que ela comia muito, ao que ela respondeu: “Já, mas ela não deu importância pra isso que eu falei.”

Numa outra ocasião, após retornar dos Jogos Abertos do Interior, Ana comentou que se sentia indignada com as pessoas do ambiente esportivo em que convivia, por não reconhecerem o esforço que ela fazia para representar a cidade nos jogos, competindo em diversas provas - mesmo sendo especialista em apenas um tipo entre estas -, ou seja, ela ganhou diversas provas e conseqüentemente, medalhas para a cidade. Mas ninguém a agradeceu ou a elogiou por isso. Um fato curioso é que Ana era contratada por esta prefeitura, justamente para representá-la nos Jogos Regionais e, posteriormente, nos Jogos Abertos.

Ela também sempre contava que suas amigas requisitavam muito sua presença, que lhe telefonavam freqüentemente e que até compravam convite para ela acompanhá-las em festas.

Na minha intervenção perguntei por que ela tinha essa necessidade de que as pessoas fizessem sempre o que ela queria, como no caso do pai que “deveria” acompanhá-la mesmo com os pés doendo; de que sua mãe a esperasse para jantar; de que eu, como sua analista, expressasse importância para aquilo que ela me relatava e acrescentei o comentário que me chamava a atenção que ela nunca havia mencionado ter telefonado para suas amigas, mas sempre o contrário...

Em seguida, Ana retomou o fato de sua mãe não esperá-la para jantar e disse achar que como fazia dois meses que não ia para casa, sua mãe deveria aguardá-la, afinal foi falta de consideração da mãe para com ela. Disse também que não havia notado ter chamado minha atenção por não ter dado importância a algo dela.

Ela respondeu que dizia às suas amigas, via internet, que sentia saudades delas, mas que preferia que elas respondessem que também sentiam, porém preferia que isso ocorresse direto no site de relacionamento conhecido como *facebook*, ao invés de ser no *msn*, por exemplo, pois assim todos seus amigos poderiam ver a mensagem que ela havia recebido.

Na seqüência, Ana me perguntou se querer que todos façam a sua vontade ou que as coisas sejam do seu jeito não seria uma característica de sua personalidade e que isso, então, não mudaria se não seria definitivo.

Eu disse se mostrava como uma característica sua, mas que possível mudar, caso ela quisesse. Disse também que é importante ela notar a maneira como espera a atenção das pessoas, de um modo geral, seja no âmbito esportivo, familiar ou social. Perguntei se ela havia notado como, embora fosse a diversos contextos tão diferentes, havia algo que se repetia, ou seja, como a expectativa dela por uma atenção integral aparecia nas mais diversas situações.

Nesse momento ela ficou pensativa...

Voltando à relação com sua mãe, Ana a considerava uma pessoa com qualidades que admirava e sempre elogiava nas sessões. Dizia que a mãe a ajudava a pagar a faculdade; sabia receber bem seus amigos e tinha bons relacionamentos devido ao seu trabalho, e que por isso estava pleiteando uma bolsa-atleta para a filha, bem como, a participação dela numa olimpíada por outro país - assunto discutido mais adiante.

Numa dada situação em que iria receber um casal de amigos em sua casa, tendo sido a mãe convidada também, tudo parecia estar no lugar. No entanto, antes mesmo dela saber que o casal de amigos não viria, ela soube que sua mãe também não poderia vir. Nesse ínterim, em análise, Ana se mostrou angustiada com a possibilidade de receber seus amigos, sem a presença de sua mãe e não conseguir agradá-los, ou seja, de não ser o suficientemente competente para tal. Encontrava-se, até então, bastante inibida em relação aos seus recursos, sem se dar chances de explorá-los, a fim de manter-se protegida ao deparar-se com a angústia que isso gerava. No entanto, a contingência colocada pela análise que propiciou falar sobre tal circunstância, parecia viabilizar tal experiência, a saber, a de ver-se angustiada. Tudo indica ter sido importante que Ana tinha ali um lugar para ser escutada sem tantos riscos e ameaças.

Num outro momento do trabalho com Ana, sem ter se dado conta, até então, mencionou que, finalmente, o casal de amigos viria a sua casa. Contudo, desta vez a vinda da sua mãe nem sequer fora considerada ou mencionada, e ela estava muito animada com os planos que havia feito para recebê-los. Ao que tudo indica, podemos notar aqui um movimento que tornou possível a implicação e a exploração de Ana de seus recursos. Algo mudou e, além de tornar-se mais satisfatória, a experiência repercutiu acontecimentos em suas tomadas de decisão em relação à sua carreira como atleta, destacados nessa apresentação.

Voltando às sugestões feitas pela amiga em relação ao seu treino, seu técnico as aceitava, mas Ana dizia que ele não gostava muito do fato dela buscar ajuda de outra pessoa e de sempre falar desse clube de São Paulo - motivo de incômodo para ele e de irritação para ela, que não se reconhecia fazendo isso. Contudo, durante todo o tempo de análise, não houve qualquer dia em que ela não contasse algo relacionado aos acontecimentos ou às pessoas desse clube, com quem mantinha contato, fato que lhe aponte.

Entre esses contatos estavam, principalmente, a amiga que a orientava, outras duas amigas, com as quais sempre se encontrava e com quem fez uma tatuagem igual, e o nutricionista com quem mantinha o trabalho de orientação desde o tempo em que era atleta desse clube. Ela dizia que ele era muito bom e que por isso confiava muito nele a ponto de não procurar outro profissional dessa área. Por conta disso, ela pagava pela supervisão do seu trabalho, mesmo que à distância.

Havia claramente uma idealização deste cenário. Atletas e profissionais deste clube representavam o único valor qualificado para ela. Vimos como vigora para cada um aquilo que representa o elemento que completa a exigência narcísica, mais primária. Marcadas pela experiência de onipotência paradisíaca, muitas vezes, refém desta, as escolhas posteriores mantêm-se tributárias da reivindicação de reaver tal legado. Em determinado momento do trabalho, Ana demonstrou pouca disposição em realizar a perda em relação a tais ideais. Por vezes provocada, mesmo pelas amigas com as quais se via mais identificada, ou pelo empresário que se propunha a assisti-la, a se questionar sobre sua escolha pela modalidade esportiva em questão, ofendia-se. Não parecia disposta a perder algo desse ideal para ganhar alguma satisfação própria. Moraguès (2003) lança mão da sutil diferença entre “o medo de perder” (algo do Ideal) e “o medo de não ganhar” (não ter a satisfação própria) e o quanto, por vezes, tais proposições encontram-se sobrepostas, ou mesmo, invertidas. Mas, perder o que? Ganhar o que?

O pai era outra pessoa importante nesse contexto. Já no primeiro dia em que Ana veio se apresentar e falar da sua queixa, me disse, no fim do encontro, que eu ainda a ouviria falar muito dele. E apesar dela chegar à análise sempre contando sobre seu dia, situações marcantes sobre seu pai foram narradas. A relação de Ana com ele sempre foi mais estreita em relação ao esporte do que com sua mãe. Ele a incentivava, a ponto de assistir a todas as suas competições, pessoalmente, até quando ela competia em São Paulo. Atualmente, ele não a acompanha, mas as lembranças de Ana foram se tornando reveladoras em análise. Numa sessão, Ana contou que esse acompanhamento a incomodava tanto a ponto de não querer lembrar, falar sobre isso. Numa outra sessão, quando perguntei sobre o que o pai a incomodava ao acompanhá-la, uma vez que ela disse que ele sempre a incentivava, ela retomou esse assunto dizendo que ele exagerava no seu apoio, chegando a entrar numa área restrita aos atletas para abraçá-la e dizer que acreditava nela, assim como enviava muitas mensagens por e-mail, sobre motivação,

confiança, enfim, sobre o quanto ela deveria acreditar que era capaz de ser campeã. Essa situação a incomodava muito, principalmente porque isso ocorreu numa fase em que ela já não estava rendendo tanto quanto rendia no clube onde começou, quando era pré-adolescente.

Numa outra sessão, mais uma vez, seu pai foi situado num fato marcante para ela. Disse que, ainda na fase pré-adolescente, quando ganhava todos os torneios, seu pai perguntou que dia e horário iria competir, e ela, apesar de saber que tinha eliminatória um dia antes, sempre respondia o dia e horário da final, contando que estaria nela, o que vinha sendo confirmado até então. Um dia, após informar seu pai, disse que ele respondeu que ela deveria ser mais humilde e nunca contar que estaria na final já que ainda não havia passado pela primeira fase. Ana relatou que, daquele dia em diante, com medo de não parecer humilde, nunca mais falou que estaria na final, e que acreditava que isso havia abalado a confiança em sua capacidade de chegar lá.

Ao que tudo indica, inconscientemente, Ana encontrava-se capturada pela demanda paterna, o que parecia impedir-lhe de explorar sua própria relação com a atividade competitiva esportiva. Como comenta Moraguès em seu livro “Psicologia do desempenho. Corpo pulsional e corpo mocional” (2003, p. 80), a propósito do caso apresentado de “Diane, a arqueira”:

O ideal parental, que funcionou como causa da motivação da criança: Ideal do Eu a ser atingido em seu percurso pela satisfação narcísica (Eu Ideal) é atualmente um obstáculo à evolução da estruturação dessa adolescente, um obstáculo à elaboração de um novo Ideal do Eu, de um novo investimento libidinal e, portanto, de uma nova motivação pela atividade esportiva em particular.

Segundo Ana, desde a fase em que começou a não render mais nesse clube - aproximadamente um ano após ter chegado lá -, seu pai já começou a incentivá-la a procurar a ajuda de um profissional da área psicológica dizendo que seria melhor para ela e que ele a ajudaria a pagar.

Em sessão, ao questioná-la sobre porque não rendia mais, ela disse que acreditava que naquela época, já havia chegado ao mais alto ponto em que poderia, ou seja, compunha a melhor equipe do país, treinando ao lado dos também melhores atletas do país, atletas olímpicos, inclusive, e que, por conta disso, talvez não almejasse mais nada, pois se sentia parte da elite brasileira desse esporte. De acordo com Ana, isso significava que não teria mais para onde ir, pois acreditava estar “no topo”. A única situação em que ela sempre rendia era numa

prova que a envolvia com mais três atletas e que o resultado era a soma do tempo das quatro atletas.

Nesse tipo de prova em que Ana era convocada - por ela mesma -, a realizar resultados mais competitivos, era nítido que ela mantinha a necessidade de se mostrar melhor do que as outras atletas que competiam com ela, mas também “contra-ela”, afinal, todas sabiam das condições de cada uma e a partir dessas informações, elas ou o técnico definiam qual seria a seqüência das mesmas na prova. Podemos considerar que havia um grande investimento pulsional quando o resultado da prova envolvia uma demarcação de espaço que a concernia e situava seu lugar perante as outras atletas do clube. Mas isso pode estar relacionado, sintomaticamente (retorno do recalcado), ao seu desejo de atender a demanda de seu pai, de ser a melhor.

A angústia que Ana apresentava quando se queixava de acreditar que “estava se sabotando na competição”, implicava o imperativo de continuar ganhando, como ocorria no passado, e assim se fazer, continuar sendo objeto de desejo de seu pai, ao mesmo tempo em que perder na competição significaria ferir seu narcisismo mais primitivo, ou seja, no nível do Eu Ideal próprio e do Ideal do Eu parental.

Essa relação que Ana mantém com o pai, ironicamente, parece impedi-la de ganhar, uma vez que seu interesse em vencer nas competições, ou mesmo em relação às suas próprias colegas de equipe, expressa sua suposição sobre a expectativa que seu pai teria dela. É curioso como a formação de compromisso se dá na produção do sintoma (retorno do recalcado): Ana precisa continuar tentando para manter-se ligada ao pai, e ao mesmo tempo, ela não poderia vencer porque isso seria incestuoso, isso efetivaria ser objeto de desejo do pai.

Em algumas sessões Ana anunciou que queria participar de uma competição olímpica, o que dizia ser um sonho dela. Para isso, como nasceu em outro país, o qual não tem tanta expressividade nesse esporte em questão, estava, junto com sua mãe, tentando competir em uma olimpíada por esse outro país, pois sabia da dificuldade que seria conseguir índice para concorrer pela equipe brasileira. Contudo, não queria falar nada para seu pai até consegui-lo, uma vez que acreditava que ele ficaria chateado por ela não continuar tentando participar pelo Brasil, ou seja, sabia que ele ficaria decepcionado com sua decisão.

Esse movimento que ela faz para alcançar um objetivo seu, sem ter como alvo as expectativas de seu pai, provocado pela análise, parecia indicar o início da construção de uma relação própria com a competição. Então, voltando às perguntas, perder o que e ganhar o que, podemos cogitar como possíveis respostas: perder o pai como alvo para poder ganhar a competição. Nesse sentido, Moraguès (2003, p. 85) considera que:

Na saída da adolescência o sujeito toma para ele o risco do fracasso, e na sua relação com o Outro o risco de desiludir. O desempenho (pódio) marcado pela falta, do possível fracasso, se torna então desejado. Assim emerge o desejo de competição e não mais o amor parental. Pelo desejo de competição, o sujeito se inscreve por conta própria na troca altamente simbolizada da competição.

O que vinha se modificando na maneira de Ana se relacionar com a competição não se restringia só ao ambiente esportivo. Em suas outras relações e atividades o mesmo poderia ser observado. Ana também mencionava as mudanças que vinham ocorrendo na sua vida em relação ao seu técnico - deixou de ser “agressiva com ele” e passou a ser “mais agressiva no treino”, passando a confiar mais nele -; com seus colegas da faculdade - nos quais passou a confiar mais em relação aos trabalhos das disciplinas -, e na maneira de pensar a sua vida profissional, a qual não estava apenas vinculada ao esporte, já que havia iniciado uma parceria de trabalho com um sócio com quem desenvolvia atividades comerciais. Em todos esses campos, curiosamente, o mesmo movimento parecia operar, pois, vale a pena reafirmar que a maneira de posicionar-se nas competições não era exclusividade da sua vida esportiva, mas parte dos diversos âmbitos de seus relacionamentos e realizações.

Ao longo do desenvolvimento da análise, Ana relatou que havia melhorado a relação com o técnico e que, como consequência disso, ele passou a ser mais compreensivo com ela nos dias em que percebia que não estava bem, chegando a dizer-lhe que notava sua indisposição, sugerindo que fizesse um treino “mais leve”, e se quisesse, que poderia chorar para “desabafar”, ou seja, ele diminuía a pressão sobre ela. Embora possa parecer uma colocação banal, efetivamente, notem que essa é uma postura de quem considerou algo que está na Outra cena, e assim, de alguma maneira, pôde incluir isso, ao invés de manter-se aferrado à exigência de produtividade da atleta, a qual, claramente ressaltou o quanto isso fez diferença para ela, não só em relação ao seu desempenho nos treinos a partir daí, como também com o técnico, uma vez que ela passou a considerar que poderia contar com este quando não estivesse bem.

Em relação às suas atitudes nas competições, Ana também demonstrou mudanças durante o período do nosso trabalho. Como relatado no primeiro encontro, numa determinada competição importante, ela disse que não se concentrou para a prova porque ficou pensando no reconhecimento que teria das pessoas caso fosse campeã. Como isso não ocorreu, disse que a única coisa que conseguiu fazer foi chorar. Contudo, Ana relatou que, numa outra competição importante, embora seu rendimento tenha sido pior do que na competição anterior e apesar de também ter ficado chateada com o resultado, ao invés de chorar, sua atitude foi pensar no que poderia ter ocorrido para não render tão bem e chamar seu técnico para discutirem sobre o que poderia melhorar em seu treino.

O período de análise com Ana nos permite pensar que algumas mudanças ocorreram. Talvez mudanças sutis, mas significativas para a sua maneira de relacionar-se com seus objetos, tornando-a mais livre das repetições próprias de seu funcionamento psíquico, das formas mais conhecidas e sintomáticas dela frente a suas angústias e tensões. Assim, abrindo novas possibilidades de movimento, tratou-se da inauguração de um caminho que envolve interrogar-se e buscar novas respostas para as próprias questões, o que é trabalhoso, mas pode fazer diferença.

Acreditamos que, no campo da psicanálise aplicada ao contexto do esporte, efeitos similares podem ser cultivados, quando a disposição de escuta dos motores inconscientes é incluída no trabalho realizado entre técnico e atleta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo abordamos alguns conceitos fundantes do campo metapsicológico, os quais nos deram embasamento para discutirmos as contribuições que esse campo da psicanálise aplicada pode possibilitar ao esporte competitivo, em especial a angústia vivenciada pelo atleta.

A partir da teoria psicanalítica, sabe-se que os processos inconscientes dominam o ser humano e por isso este pode ser chamado de sujeito do inconsciente. No entanto, é fundamental considerarmos que as mobilizações das pulsões, assim como dos conteúdos recalçados, se representam na consciência, muitas vezes produzindo sintomas, angústia ou mesmo inibições. Esse processo está intimamente vinculado à cultura ou mesmo à civilização, e exerce influência também no campo esportivo.

Quando falamos de civilização, destacando o período desse processo ocorrido com o homem ocidental na modernidade e sua relação com o esporte competitivo, discutido no segundo capítulo, devemos considerar o que Freud (1930, p. 119) já havia afirmado: “O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança.” Isso, no contexto esportivo, significa que parte da agressividade, inerente ao ser humano, precisa ser desviada pelo próprio atleta para que o espetáculo ocorra, caso contrário, viveríamos em constante barbárie. No entanto a violência, que é uma das formas de expressão da agressividade, sempre esteve presente na civilização e, conseqüentemente, no esporte, como diversas vezes relatamos nesse texto.

Para viver em civilização, além de conter sua agressividade, o funcionamento psíquico do ser humano deixou de, simplesmente, resolver suas tensões de forma rápida e perigosa, para a constituição do mesmo, por meio do princípio do prazer, a fim de almejar uma modificação para o que fosse real e possível, ou seja, o princípio da realidade. Por isso, o homem, vivenciando a frustração, muitas vezes, deixa de lado o que poderia ser agradável para viver o que é possível, mesmo em se tratando de algo desagradável. Mesmo assim, o homem se esforça para evitar o sofrimento e alcançar a felicidade.

Além do desenvolvimento do princípio da realidade o homem apresenta diversos outros recursos psíquicos, como o Supereu, instância do seu funcionamento que implica a lei, inicialmente sustentada pela autoridade dos pais. A autoridade do Supereu é exercida sobre

cada um de nós. No caso do esporte temos como referência a essa instância o técnico e os árbitros, afinal, eles também representam a lei nesse contexto. Apesar de parte de o nosso Supereu ser inconsciente, é importante ressaltarmos que os técnicos podem, por vezes, em situações nas quais o atleta já se vê muito pressionado pelo próprio funcionamento psíquico, intervir de maneira diferenciada do Supereu do atleta, a partir de cobranças cada vez menos excessivas em treinos e competições, o que pode proporcionar a melhora do rendimento do mesmo. Contudo, nem sempre o Supereu de um atleta severo e limitador é também eficiente. Por isso, é fundamental o técnico estar atento às possíveis pistas particulares do atleta a cada situação esportiva em que este se encontra, em relação às suas próprias tensões advindas das exigências do seu Supereu, pois suas intervenções (do técnico) dirigidas a cada um, considerando seu funcionamento psíquico, podem ser diferenciadas.

Sabemos, no entanto, que toda ação humana só ocorre porque há, psiquicamente falando, pulsões que mobilizam o ser humano, as quais se encontram no Isso e, portanto, só tomamos conhecimentos de sua existência por meio de suas representações. Os destinos das pulsões, via suas representações, tais como pensamentos, imagens, recordações, sonhos, lapsos etc., dependem de cada sujeito a cada instante, o que não é previsível, como muitos pensam, por exemplo, em relação ao comportamento humano no esporte de competição, o qual também decorre das representações pulsionais. Essas representações, por diversas vezes, nem chegam à consciência, pois são recalçadas. O recalque se configura como um processo psíquico que procura rejeitar ou manter as representações no inconsciente. Isso ocorre nos casos em que a satisfação da representação das pulsões poderia provocar mais desprazer (aumento de tensão) do que prazer (rebaixamento de tensão). Mas, como a representação recalçada jamais renuncia à sua completa satisfação, embora esta nunca ocorra de fato, vemos nesse contexto uma das vias que engendra a compulsão à repetição, ou seja, as representações recalçadas sempre tentarão retornar, por isso, geralmente, percebemos insistentes repetições dos atletas, mesmo estas não sendo bem sucedidas. É o caso, por exemplo, de atletas de futebol que persistem em uma jogada, mesmo quando seu adversário “já sabe o que ele fará” e por isso esse se torna mais fácil de ser marcado.

Mesmo observando o comportamento dos atletas, precisamos saber que a única forma das pulsões chegarem à consciência é por meio de suas ligações com uma representação,

ou seja, através de uma nominação da mobilização originalmente do corpo orgânico. A tensão orgânica visceral é a matéria prima do que irá ter registro psíquico a que chamamos pulsões e, portanto, fundantes dos representantes pulsionais, que nominados permitem expressão via ação. Logo, o comportamento não é a representação, mas expressão de algo que já foi representado psiquicamente, mesmo sendo inconsciente, não-dito. O comportamento, portanto, é a ponta do *iceberg*, equivalente, ao sintoma ou ao ato falho, o mesmo que a expressão manifesta da qual cabe partir em busca das representações ali implicadas, assim como se faz na clínica em relação aos sonhos, aos sintomas e as demais manifestações do inconsciente. Tal consideração enfatiza o equívoco que se comete ao reduzir o campo de abordagem da ação humana na explicação ou modelação do comportamento.

Retomando os casos de repetição daquilo que não é mais bem vindo à situação, mesmo quando diversas outras oportunidades são oferecidas ao atleta, é fundamental o técnico, ao invés de insistir na mudança de comportamento do atleta - o que na maior parte das vezes é ineficiente -, investigar junto a este o sentido de tal insistência. O que de fato ali o convoca a ponto de ele renunciar outras possibilidades? Para tanto, o técnico precisa dar espaço para o atleta falar sobre tais repetições que são involuntárias e inconscientes. Como já discutido, *a escuta da fala do atleta é o que permite que os efeitos inconscientes da sua fala possam se produzir, mobilizá-lo, e com isso, o atleta pode encontrar outras vias de realização, menos reféns das suas repetições inconscientes.*

Cabe incluímos, no entanto, a importância da angústia para que haja a mobilização para a ação, pois esse afeto é a condição para a pulsão desligar-se de uma representação e ligar-se a outra. Além disso, não se deve tentar eliminar a angústia, mas buscar mobilizações a partir dela, inclusive porque, nem mesmo o adulto consegue proteção absoluta contra um retorno de uma situação de angústia. Afinal, todos nós temos um limite além do qual nosso aparelho psíquico falha em sua função de dominar quantidades de excitação que precisam ser eliminadas. Por isso, quando o sujeito percebe uma situação de perigo, talvez seja aconselhável reagir com um estado de angústia ao invés de reagir ao perigo atual, o que significa evitar um enfrentamento de forma inadequada. Por outro lado, sua conduta pode tornar-se adequada se a situação de perigo for reconhecida à medida que se aproximar e se for sinalizada

por uma manifestação de angústia. Nesse caso ele pode imediatamente livrar-se dela, nesta situação, recorrendo a medidas mais apropriadas.

Notem como é importante o técnico ou mesmo o atleta dar atenção para aquilo que o tensiona, que o mobiliza, que provoca inibição perante uma situação como ter receio - ou medo - de jogar; que o faz apresentar sintomas, às vezes, corporais, sendo todos eles criados a fim de remover o Eu de uma situação de perigo, ou para fugir a uma geração de angústia, pois caso se impeça que os sintomas sejam formados, o perigo de fato se concretiza; ou que o faz se angustiar, forma de manifestação do que foi recalcado - o retorno do recalcado - significando que o recalque fracassou ou que seu objetivo tenha sido parcialmente alcançado.

De acordo com a psicanálise freudiana tanto a inibição quanto os sintomas e a angústia não se apresentam necessariamente separados, assim como a inibição e os sintomas previnem o sujeito de irrupções de angústia que poderiam ser consideradas insuportáveis. Dessa forma, a não participação de um atleta numa competição ou mesmo sua participação velada, assim como seus sintomas podem ser sinais importantes de Outra cena que devem chamar a atenção do técnico, pois uma vez angustiado, o atleta tem menos condições de render, afinal aquilo que não pode se manifestar diretamente, indiretamente já está aparentemente presente por meio do sintoma, da angústia ou da própria inibição.

Como as resistências dos atletas se apresentam ora como inibições, sintomas ou angústias ou compostas por essas, as manifestações de suas dificuldades refletem no seu comportamento em treino ou competições; são manifestações de dificuldades psíquicas que a psicanálise considera que está em Outra cena, ou seja, no âmbito psíquico, do não observável diretamente. Por isso, *é imprescindível que as mobilizações dos atletas sejam incluídas no campo esportivo, dando espaço para que o não-dito faça parte desse contexto, podendo fazer toda a diferença para o destino das pulsões de cada um. Contudo, ouvir o que o atleta fala significa escutar algo “nas entrelinhas”, nos não-ditos que se encontram na cena do inconsciente represado.*

O não-dito faz parte de qualquer contexto, inclusive do contexto esportivo, a partir do momento em que se encontra espaço para que as tensões dos atletas - ou os erros, como muitos poderiam nomear tais acontecimentos -, sejam relatadas, comentadas, enfim, sejam

faladas pelos mesmos, ao invés de serem interpretadas, julgadas e até “corrigidas” pelos técnicos, como geralmente acontecesse. Para a psicanálise, a partir do momento em que o homem, com ser falante, produz como efeito o sujeito do inconsciente movido por suas pulsões, não há como falar, corrigir ou mesmo julgar alguém, pois todas essas ações tratam de uma instância psíquica desconhecida - o inconsciente - por meio da observação. Portanto, *é preciso ouvir para poder incluir a singularidade, as diferenças, os determinantes inconscientes de cada um, e, com isto, ampliar as possibilidades de apropriação e criação por parte dos atletas.* Afinal, o atleta mobilizado por suas tensões, ao falar, conseqüentemente, movimenta-se entre suas inibições, angústias e sintomas. No entanto, ouvir o atleta, não significa, necessariamente, atender às suas demandas envolvidas na ocasião, mas considerar encaminhamentos provindos destes, logo, de suas mobilizações. Tudo isso significa, tanto o técnico, quanto o atleta estarem atentos, considerarem as diferenças, colocarem em perspectiva as possibilidades, respeitando a ideia do outro - que também se torna mais ativo em sua função -, para realizar propósitos individuais, os quais são, ao mesmo tempo, coletivos.

Para presentificar como tudo isso pode se manifestar no âmbito esportivo trouxemos um caso clínico de uma atleta, destacando a angústia que ela dizia vivenciar, em diferentes âmbitos de sua vida. Pelo pouco tempo que tivemos de trabalho clínico, pudemos destacar algumas mudanças relatadas pela mesma, que podem ser consideradas sutis, mas significativas na sua relação com seu próprio funcionamento psíquico, tornando-a mais livre das repetições que a incomodavam, geradoras de angústias e tensões. Durante o período de atendimento clínico, tal atleta pôde se interrogar sobre seus movimentos atuais, o que promoveu a busca de novas respostas para as próprias questões. Além disso, o espaço da clínica parecia viabilizar um lugar para a atleta ser escutada e se angustiar sem riscos e ameaças, o que se mostrou ter sido importante para ela. Afinal, por tudo que apresentamos, as manifestações de angústia não devem ser suprimidas, como visam às abordagens cognitivas comportamentalistas, uma vez que suas representações podem ser recalçadas, mas retornarão em algum momento e sem aviso, o que pode ocorrer, por exemplo, num momento de decisão para um atleta, como numa cobrança de pênalti decisivo para ele e sua equipe.

Sabemos que a vantagem para o atleta de poder se angustiar em análise é principalmente, o fato dele não ser julgado ou mesmo delatado ao seu técnico como alguém que

age de forma incoerente com sua condição de atleta. Mas, para além desse fato, poder se angustiar em análise é uma forma de tornar possíveis suas mobilizações pulsionais.

O caso clínico não é uma proposta de aplicação ao âmbito esportivo, mas uma forma de elucidar que quando os conhecimentos da psicanálise são aplicados a esse contexto, pode-se fazer muita diferença, como a própria atleta analisada pôde apontar, quando relatou o quanto foi importante, na sua relação com o técnico e em seu treino, quanto este, ao perceber que ela não se sentia bem, diminuiu sua exigência técnica-tática e a deixou livre para fazer um treino “mais leve”, sem cobranças por parte dele.

Acreditamos que a psicanálise aplicada ao contexto esportivo, além de incluir as mobilizações do atleta, a partir de sua fala, por meio da qual ele verbaliza suas inibições, sintomas e angústia, também abre novos caminhos para compreensões, desdobramentos e implicações do atleta sobre suas escolhas.

Ressaltamos que nossa proposta não é psicanalisar os atletas, nem ensinar a comissão técnica como fazer isso, mas apontar as implicações correspondentes dessa outra vertente teórica no âmbito esportivo, sobretudo em relação à angústia vivenciada pelos atletas e, porque não, por toda comissão técnica, assim como tão apontada por comentaristas esportivos. A psicanálise deve ser considerada como meio para se atingir outros objetivos, os quais podem ser momentaneamente, considerados como fins, como os resultados de jogos. E tanto a angústia quanto outras mobilizações podem ter outros encaminhamentos que não, tão freqüentemente, suas repetições e implicações no rendimento esportivo de cada um.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, M. Descida à 2ª divisão do River Plate já originou 43 feridos. **Rádio e televisão de Portugal** (RTP), 27 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.rtp.pt/noticias/?t=Descida-a-2-divisao-do-River-Plate-ja-originou-43-feridos.rtp&article=455227&visual=16&layout=55&tm=47>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

AMERICAN PSYCHOLOGY ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM.IV**. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/instrumentos/dsm_cid/_dsm.php>. Acesso em 20 ago. 2011.

ASTROS DO FUTEBOL: escândalos que marcam carreiras. **Veja**: futebol, acervo digital, 21 jan. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/futebol/astros-do-futebol-escandalos-que-marcaram-trajetorias/>>. Acesso em: 09 jan. 2012.

BANDEIRA, T. L. **Identificação das causas subjetivas da ansiedade competitiva e das estratégias de superação de atletas de equipes adultas masculinas de basquetebol**. 2002. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. **Psicologia do esporte e basquetebol**: estudos preliminares. 1998. 44 f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BARRETO, J. A. **Psicologia do esporte para o atleta de alto rendimento**. Teorias e práticas. Rio de Janeiro: Shape Ed., 2003.

BECK, J. S. **Terapia cognitiva**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 17-39.

BECK, J. S.; ALFORD, B. A. **O poder integrador da terapia cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 13-36.

BERLIM. **1936**: História. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI1962812-EI10378,00.html>>. Acesso em: 08 jan. 2012.

CÂMERAS identificam agressores envolvidos na morte de torcedor em Belo Horizonte. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 dez. 2010. Cidades. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2010/12/07/cameras-identificam-agressores-envolvidos-na-morte-de-torcedor-em-belo-horizonte-923213310.asp>>. Acesso em 19 ago. 2011.

CARDOSO, M. **Os arquivos das olimpíadas**. São Paulo: Panda, 2000.

CHEMAMA, R. (Org.) **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.

CORINTHIANS perde do Tolima e tem queda histórica na pré-libertadores. **Terra**, 02 fev. 2011. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/libertadores/2011/noticias/0,,OI4926822-EI17180,00-Corinthians+perde+do+Tolima+e+tem+queda+historica+na+PreLibertadores.html>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

CRUZEIRO muda cobrador, mas problema dos pênaltis segue atrapalhando Mancini. **UOL Esporte, Futebol**, Belo Horizonte, 07 nov. 2011. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2011/11/07/mudanca-de-cobrador-nao-resolve-a-questao-dos-penaltis-no-cruzeiro.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2012.

DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, J. (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. pp. 03-19.

DIAS, M. H. **Sobre o esporte de alto rendimento**. Reflexões a partir da psicanálise e da utopia. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

DUNNING, E. **El fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización**. Barcelona: Paidotribo, 2003.

EDUCATERRA. **Hitler nas Olimpíadas**. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/alem_hitler_olimpiadas.htm>. Acesso em: 08 jan. 2012.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

_____.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difeu 82, 1992.

FIGUEIREDO, L. C. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Escuta, 1999. p. 9-122.

EQUIPE UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. Quem é José Mourinho: a trajetória de sucesso de um dos principais treinadores de futebol do mundo. **Universidade do Futebol**, 06 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br/2009/04/2,11097,QUEM+E+JOSE+MOURINHO.aspx>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

FREUD, S. (1894). Manuscrito E. Como se origina a angústia. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 235-241. v. 1. (1886-1899).

_____. (1895a). Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 121-137. v. 3. (1893-1899).

FREUD, S. (1895b). S. Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 91-118. v. 3. (1893-1899).

_____. (1900). A interpretação dos sonhos. Cap. VII – A psicologia dos sonhos oníricos. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 541-645. v. 5. (1900-1901).

_____. (1905). Sobre a psicoterapia. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 241-254. v. 7. (1901-1905).

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 63-77. v. 1 (1911-1915).

_____. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 95-131. v. 1 (1911-1915).

_____. (1915a). O inconsciente. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 13-74. v. 2 (1915-1920).

_____. (1915b). O recalque. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 176-193. v. 1 (1911-1915).

_____. (1915c). Pulsões e destinos da pulsão. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 133-173. v. 1 (1911-1915).

_____. (1916). Conferências introdutórias sobre psicanálise. Parte III. Teoria geral das neuroses. Conferência XXV: A angústia. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 393-411. v. 16. (1915-1916).

_____. (1917). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 145-153. v. 17. (1917-1918).

_____. (1920). Além do princípio do prazer. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 123-198. v. 2 (1915-1920).

_____. (1923). O Eu e o Isso. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2007. p. 13-92. v. 3. (1923-1938).

_____. (1924). Uma breve descrição da psicanálise. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 213-234. v. 19. (1923-1925).

_____. (1926a). Inibições, sintomas e angústia. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 81-171. v. 20. (1925-1926).

FREUD, S. (1926b). Psicanálise. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 251-259. v. 20. (1925-1926).

_____. (1930). O mal-estar na civilização. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.67-148. v. 21. (1927-1931).

_____. (1933a). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 63-84. v. 22. (1932-1936).

_____. (1933b). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXII: Angústia e vida instintual. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 85-112. v. 22. (1932-1936).

_____. (1933c). Por que a guerra? **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 191-208. v. 22. (1932-1936).

_____. (1940). Algumas lições complementares de psicanálise. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 301-306. v. 23. (1937-1939).

GOMES, C. Guerra fria. **Infoescola**. Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/historia/guerra-fria/>>. Acesso em 08 jan. 2012.

GP1. Santistas se unem em prol de Elano após novo erro em pênalti. **UOL**, 29 jul. 2011.

Disponível em:

<<http://www.gp1.com.br/noticias/santistas-se-unem-em-prol-de-elano-apos-novo-erro-em-penalti-204807.html>>. Acesso em: 09 jan. 2012.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HISTÓRICO DAS OLIMPÍADAS. **1936**: Olimpíadas em Berlim. 2008a. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1936/historia.jhtm>>. Acesso em: 08 jan. 2012a.

_____. **1972**: Olimpíadas de Munique. 2008b. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1972/historia.jhtm>>. Acesso em: 08 jan. 2012b.

_____. **1976**: Olimpíadas de Montréal. 2008c. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1976/historia.jhtm>>. Acesso em: 08 jan. 2012c.

_____. **1980**: Olimpíadas de Moscou. 2008d. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1980/historia.jhtm>>. Acesso em: 08 jan. 2012d.

_____. **1984**: Olimpíadas de Los Angeles. 2008e. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1984/historia.jhtm>>. Acesso em: 08 jan. 2012e.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KINGMAN, V. O dia em que Pelé parou uma guerra. **Eterna Bola**, 20 out. 2008. Disponível em: <<http://eternabola.blogspot.com/2008/10/o-dia-em-que-o-santos-de-pel-parou-uma.html>>. Acesso em: 07 dez. 2011.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LACAN, J. **A Angústia.** Seminário 10. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962-1963. p. 88.

LEÔNIDAS. **A Retomada:** torcida Independente. Disponível em: <http://www.independentenet.com.br/4rt8s1fgw7asd/index_principal.php?area=idolos/leonidas>. Acesso em: 08 jan. 2012.

LOURENÇO, L. **José Mourinho:** um ciclo de vitórias. 19. ed. Portugal: Prime Books, 2006.

A MAGIA DO DRIBLE. **Veja:** edição extra: perfil, São Paulo, jun. 1958. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/copa-1958/garrincha-alegria-torcida.shtml>>. Acesso em: 08 jan. 2012.

AS MALUCAS aventuras do herói negro no mundo do futebol. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 set. 1974. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/esporte2_29set1974.htm>. Acesso em: 07 dez. 2011.

MASSON, J. M. (Ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904.** Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MARQUES, D.; MARIN, R. Drogas, crimes e pobreza: por que ex-jogadores vivem um calvário? **Terra**, 16 set. 2011. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/noticias/0,,OI5351557-EI1832,00-Drogas+crimes+e+pobreza+por+que+exjogadores+vivem+um+calvario.html>>. Acesso em: 09 jan. 2012.

MARQUES, V. Roberto Carlos deixa o Corinthians: lateral-esquerdo acerta sua rescisão contratual; destino pode ser o Los Angeles Galaxy. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,roberto-carlos-deixa-o-corinthians,678447,0.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

MARTINS, F. Futebol e psicanálise em jogo. **Trivium**, v. 1, p. 254-264, 2010. Disponível em: <<http://www.uva.br/trivium/edicao2/artigos-tematicos/4-futebol-e-psicanalise-em-jogo.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MORAGUÈS, J. L. **Psicologia do desempenho**. Corpo pulsional e corpo mocional. São Paulo: Escuta, 2003.

MORTE de torcedor após briga de torcida na PB repercute no país. **Portal Correio**, Paraíba, 12 out. 2010. Disponível em:
<<http://www.portalcorreio.com.br/noticias/matler.asp?newsId=154687>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

NASIO, J. –D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID-10**. Disponível em:
<http://www.psicologia.pt/instrumentos/dsm_cid/>. Acesso em: 20 ago. 2011.

RAMIREZ, F. A psicanálise enquanto elemento das ciências desportivas. **Lecturas en Educación Física y Deportes**: revista digital, Buenos Aires, ano 7, n. 35, abr. 2001.

_____. **Transferência em jogo**: considerações psicanalíticas sobre o ‘inter-dito’ em pedagogia do esporte. 2003. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

RIBEIRO, L. G. Morte de colombiano após gol contra na Copa do Mundo completa 15 anos. **UOL Esportes**, 02 jul. 2009. Disponível em:
<<http://esporte.uol.com.br/ultimas/2009/07/02/ult7499u18.jhtm>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUESCAS, J. **História geral**. São Paulo: Sivadi, [199-?].

UM TRIBUTO ao mito. **Futebol mundial**, 23 out. 2010. Disponível em:
<<http://pt.fifa.com/worldfootball/news/newsid=1322341.html>>. Acesso em: 07 dez. 2011.

ANEXO - A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação Física

Cidade Universitária, Barão Geraldo, Campinas/SP, CEP 13083-851

Fone: (19) 3521-6606 – FAX: (19) 3289-3697



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

À paciente

Meu nome é Tania Leandra Bandeira, sou aluna de doutorado da Faculdade de Educação Física – FEF, da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, estado de São Paulo, e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o esporte competitivo e as contribuições psicanalíticas e suas implicações para uma compreensão da angústia, sob orientação do professor doutor Pedro José Winterstein, docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, e que se constituirá em minha Tese de Doutorado.

Para tanto gostaria de utilizar o material produzido em nossos encontros para discussão e produção teórica. Você ficará com uma cópia deste “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, assim como tem o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer penalidade ou prejuízo a qualquer uma das partes.

As informações dos encontros serão utilizadas apenas para fins acadêmicos, como para a elaboração deste trabalho, publicação em revista e apresentação em congressos científicos. No entanto, seu nome e o local onde os atendimentos foram realizados serão mantidos em sigilo absoluto.

A sua participação é voluntária e não haverá custos ou qualquer prejuízo previsível a você, enquanto participante, e a seus familiares.

Informo que este projeto foi **aprovado** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, em Campinas - SP, tendo sido homologado na reunião do dia 20/12/2011, protocolo número 1252/2011.

Qualquer dúvida ou solicitação de dispensa coloco-me à disposição:

Tania Leandra Bandeira

Faculdade de Educação Física – UNICAMP

Tel.: (19) 8240 8888

E-mail: taniabas@terra.com.br

Se tiver alguma denúncia ou reclamação entre em contato com:

Comitê de Ética Em Pesquisa

Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Tel: (19) 3521 8936

Caso esteja de acordo, solicito sua assinatura neste “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, agradecendo, antecipadamente, sua colaboração.

Eu, _____ RG
_____, CPF _____, admito ter idade mínima de 18
anos e concordo que meus atendimentos sejam utilizados nesta pesquisa intitulada “Esporte
competitivo: contribuições psicanalíticas e suas implicações para uma compreensão da angústia.”

Indaiatuba, 19 de janeiro de 2012.

NOME

ASSINATURA

Pesquisadora: _____

Voluntária: _____
